

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Mestrado
Gestão Estratégica das Relações Públicas
2012/2013

Comunicação no Desporto:
Estratégia de Relações Públicas para a divulgação da Natação
Sincronizada em Portugal
Trabalho de Projeto

Ana Baleizão
Escola Superior de Comunicação Social – I.P.L.

Setembro de 2013

Orientadora
Prof^a Doutora Mafalda Eiró-Gomes
Escola Superior de Comunicação Social – I.P.L.

Comunicação no Desporto:
Estratégia de Relações Públicas para a divulgação da
Natação Sincronizada em Portugal

Trabalho de Projeto

Ana Filipa Caseiro Baleizão

Escola Superior de Comunicação Social – I.P.L.

Este trabalho foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

Declaração

Declaro ser a autora deste trabalho, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Gestão Estratégica das Relações Públicas, que constitui um trabalho original e inédito que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer das suas partes) a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou qualquer outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho agora apresentado.

Lisboa, 20 de Setembro de 2013

(Ana Filipa Caseiro Baleizão)

Agradecimentos

Para mim realizar um trabalho numa temática que durante mais de 10 anos fez parte da minha vida é um enorme motivo de orgulho e alegria. Depois de ter deixado de praticar Natação Sincronizada, ficou em mim um “bichinho” e uma vontade de querer ver a modalidade ir mais além.

Por isso, foi para mim um enorme desafio abraçar este Projeto e fico satisfeita por poder concretizar aquilo em que um dia acreditei, contribuindo de alguma forma para o crescimento daquela que é uma das modalidades mais espetaculares do mundo.

Mas ultrapassar este desafio não teria sido possível, nem teria o mesmo “sabor”, sem o apoio da família, dos amigos, colegas e professores que passaram (e ficaram) por esta fase da minha vida.

Dedico este trabalho aos meus pais, Henriqueta Baleizão e Alberto Baleizão, e ao meu namorado Bruno pelo apoio, carinho e amor em todos os momentos.

Às minhas ex-colegas de Licenciatura e amigas, Marta Amorim e Maria Midões e aos meus ex-colegas de Mestrado e amigos João Simão e Rita Centeno. As vossas palavras de apoio e gestos de ajuda foram preciosos.

Agradeço também à Prof^a Doutora Marta Martins, à Prof^a Sílvia Rita e à Sílvia Pinto, “ex-rival” de competições, pelo contributo inestimável com as entrevistas que gentilmente me cederam. Foi agradável este reencontro no mesmo “espaço comum”.

A todos os amigos (Sofia Antunes, Joana Dias e toda a minha ex. equipa...), a todos os familiares (Prima Marta e Tia Rita...) e a todas as minhas ex. colegas de trabalho que sempre acreditaram em mim.

Um último agradecimento, mas não menos especial, vai para a minha orientadora, a Prof^a Doutora Mafalda Eiró-Gomes. Pelo apoio, pela confiança e por todos os ensinamentos que comigo partilhou durante três anos de licenciatura e dois de mestrado.

A todos, o meu muito obrigado. É bom estar aqui hoje e poder dizer...

...missão cumprida!

Resumo

Este projeto pretende contribuir com uma resposta para o problema da falta de conhecimento/reconhecimento da Natação Sincronizada em Portugal. A Natação Sincronizada é uma modalidade amadora e, tendo em conta os seus benefícios vários, a beleza e atratividade da modalidade e o papel que pode ter na saúde, bem-estar e entretenimento da comunidade é possível dinamizá-la, despertando o interesse dos stakeholders, através de uma Estratégia de Comunicação eficaz. As Relações Públicas no sector desportivo, embora mais habituais nas modalidades profissionais, são uma área em que urge apostar, tanto ao nível da investigação teórica como nas áreas da investigação crítica sobre as suas práticas.

Partindo precisamente de uma reflexão teórica sobre esta disciplina propomo-nos apresentar uma estratégia de Relações Públicas que permita dar uma maior visibilidade a esta modalidade e conseqüentemente leve a um aumento substancial do número de praticantes e técnicos nos próximos anos.

Palavras-chave: Relações Públicas; Comunicação para o Desporto; Natação Sincronizada; Estratégia; Dinamização; Educação.

Abstract

This project aims to contribute with an answer to the lack of knowledge / recognition of Synchronized Swimming in Portugal. Synchronized Swimming is an amateur sport with various benefits, like the beauty and attractiveness of the sport and their role on health, wellness and entertainment community, and it's possible to make it more dynamic, creating awareness of stakeholders, through an effective communication strategy. Public Relations in sports, although more common in professional sports, are an area where the bet is urgent, both in theoretical research and in critical research of their practices.

Based on a theoretical reflection on this subject we propose a strategy that allows Public Relations to give greater visibility to this sport and, thus, lead to a substantial increase in the number of practitioners and technicians in the coming years.

Key words: Public Relations; Sports Communication; Synchronized Swimming; Strategy; Promotion; Education.

Índice

Agradecimentos	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Índice	ix
Índice de Tabelas	xii
Índice de Ilustrações	xiv
Lista de abreviaturas	xv
Introdução	1
Metodologia	5
Capítulo I – O Desporto	6
1. Contextualização Histórica	6
2. O conceito de "Desporto"	9
3. Dimensão social do Desporto	12
4. Desporto no feminino	16
5. O Presente e o Futuro	18
Capítulo II – Atividades aquáticas	22
1. Conceito de atividades aquáticas	22
2. Modalidades Aquáticas	25
3. Evolução histórica das atividades aquáticas	26
3.1 Natação Pura	27
3.2 Pólo Aquático	29
3.3 Saltos para a água	29
3.4 Águas Abertas	30
3.5 <i>Masters</i>	31
4. Atualidade e desafios	32
Capítulo III - A Natação Sincronizada	34
1. Conceito	34
2. História	36
2.1 Internacional	36
2.2 Nacional	39
3. Componentes da modalidade	43
3.1 Benefícios	44
3.2 Componente técnica	46
3.3 Competições	49
3.4 Caminho para um Desporto não discriminatório	50

4. Estado da Arte em Portugal	53
4.1 Levantamento de dados.....	53
4.2 Atualidade	55
4.3 Seleção Nacional	57
4.4 Desafios	57
Capítulo IV - Comunicação no Desporto	58
1. Comunicação, sociedade e tendências	58
2. Diferentes abordagens da Comunicação	59
2.1 Abordagem processual.....	59
2.2 Abordagem semiótica	60
2.3 Abordagem sistémica.....	61
3. Comunicação Estratégica / Relações Públicas	64
3.1 Estratégia.....	66
3.2 Processo de RP em quatro etapas.....	69
4. O elo de ligação entre “Comunicação” e “Desporto”	72
5. Impacto da Comunicação no Desporto Profissional	74
6. Conceito de <i>Sports Communication</i>.....	75
6.1 Comunicar Desporto	76
7. Diferentes abordagens	78
7.1 Relações com os Media.....	79
7.2 Relações com a comunidade.....	80
8. Tendências.....	82
Capítulo V – Projeto	85
1. Análise da investigação	85
1.1 Análise Swot/Posicionamento.....	86
2. Planeamento	89
2.1 Meta	89
2.2 Objetivos Gerais da Campanha	89
2.3 Eixos Estratégicos	90
2.3.1 Despertar o interesse	90
2.3.2 Criar envolvimento	90
2.4 Alinhamento estratégico	91
2.5 <i>Stakeholders</i>	92
2.6 Caracterização dos Públicos-alvo.....	92
2.6.1 Adeptos	93
2.6.1.1 Jovens.....	93
2.6.1.2 Praticantes e ex. praticantes.....	93
2.6.2 Futuros praticantes	94
2.6.2.1 Alunos de Escolas e Colégios Privados	94
2.6.2.2 Jovens.....	94
2.6.3 Futuros treinadores	95
2.6.3.1 Treinadores	95
2.6.3.2 Licenciados em Desporto	96
2.6.3.3 Jovens.....	96
2.6.4 Parceiros.....	96

2.6.4.1 Clubes Desportivos.....	97
2.6.4.2 Associações de Natação	97
2.6.4.3 Pais de alunos de Escolas e Colégios Privados	98
2.6.4.4 Faculdades de Desporto.....	98
2.6.4.5 Câmaras Municipais	100
2.6.5 Meios de Comunicação Social	100
2.7 Mensagens de Comunicação por Eixo Estratégico e Públicos	101
2.8 Objetivos de Comunicação por Público-Alvo	103
2.8.1 Objetivos de Comunicação para Adeptos	103
2.8.2 Objetivos de Comunicação para Futuros Praticantes	104
2.8.3 Objetivos de Comunicação para Futuros Treinadores	105
2.8.4 Objetivos de Comunicação para Parceiros.....	106
2.8.5 Objetivos de Comunicação para Meios de Comunicação Social	107
2.9 Implementação da Estratégia de Relações Públicas	107
2.9.1 Eventos ou Ativações/reativações locais	107
2.9.2 Parcerias e Embaixadores	117
2.9.3 Media	122
2.9.4 Digital e Social Media	125
3. Gestão do projeto e operacionalização	132
3.1 Monitorização	132
3.2 Orçamentação do projeto	133
3.3 Calendarização do Projeto	135
Conclusão.....	137
Bibliografia.....	140
Outras Referências	150
Publicações Periódicas	150
Publicações Não Periódicas	152
APÊNDICES.....	155
APÊNDICE 1 - Guião da Entrevista.....	155
APÊNDICE 2 - Entrevista a Sílvia Rita	156
APÊNDICE 3 - Entrevista a Sílvia Pinto	161
APÊNDICE 4 - Entrevista a Marta Martins.....	165
ANEXOS	169
ANEXO 1 - Objetivos FINA Constitution 2013 - 2017	169
ANEXO 2 - Objetivos LEN - Constitutional Rules 2012	170
ANEXO 3 - Atribuições FPN - 2009.....	172
ANEXO 4 - Folheto do Projeto Estrelas-do-mar.....	174

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Dados sobre a Natação Sincronizada em Portugal.....	53
Tabela 2 - Análise SWOT da situação da Natação Sincronizada em Portugal.....	87
Tabela 3 - Estabelecimentos de Ensino Superior com cursos na área da Educação Física e Desporto.....	99
Tabela 4 - Mensagens de Comunicação por Eixos Estratégicos e Públicos.....	102
Tabela 5 - Objetivos de Comunicação para Adeptos	103
Tabela 6 - Objetivos de Comunicação para Futuros Praticantes	105
Tabela 7 - Objetivos de Comunicação para Futuros Treinadores	106
Tabela 8 - Objetivos de Comunicação para Parceiros.....	106
Tabela 9 - Objetivos de Comunicação para Meios de Comunicação Social.....	107
Tabela 10 - Projeto Estrelas do Mar	109
Tabela 11 - Dia Aberto da Natação Sincronizada.....	110
Tabela 12 - Colónias de Férias Desportivas.....	111
Tabela 13 - Evento para <i>Bloggers</i>	112
Tabela 14 - Evento Dia da Criança.....	113
Tabela 15 - Concurso entre Associações.....	115
Tabela 16 - Gala da Natação Sincronizada	116
Tabela 17 - Contacto Empresarial	117
Tabela 18 - Figura Pública Embaixadora por um dia.....	118
Tabela 19 - Participação em Série Televisiva	119
Tabela 20 - <i>Design</i> do equipamento da Seleção Nacional	120
Tabela 21 - Sorteio Cursos.....	122
Tabela 22 - Editorial de Moda	123
Tabela 23 - Programa da Manhã	124
Tabela 24 - Reativação <i>Splash</i>	125

Tabela 25 - Testemunho Embaixadora por um dia	126
Tabela 26 - Atualização do <i>Site</i> da FPN	127
Tabela 27 - <i>PR Online</i>	128
Tabela 28 - Vídeo da Modalidade	129
Tabela 29 - Banco <i>Online</i> de Treinadores	130
Tabela 30 - Banco <i>Online</i> de Clubes	131
Tabela 31 - Orçamentação do Projeto	134
Tabela 32 - Calendarização do Projeto.....	136

Índice de Ilustrações

Ilustração 1 – Alinhamento estratégico	91
--	----

Lista de abreviaturas

AEEP - Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo

ANA – Associação de Natação de Aveiro

ANALEN – Associação de Natação do Alentejo

ANALG – Associação de Natação do Algarve

ANAN – Associação Nacional de Árbitros de Natação

ANARA – Associação de Natação da Região dos Açores

ANC – Associação de Natação de Coimbra

ANDL - Associação de Natação do Distrito de Leiria

ANDS – Associação de Natação do Distrito de Santarém

ANIC - Associação de Natação do Interior Centro

ANL – Associação de Natação de Lisboa

ANM – Associação de Natação da Madeira

ANMIN – Associação de Natação do Minho

ANNP – Associação de Natação do Norte de Portugal

ANS - Associação Náutica do Seixal

APTN - Associação Portuguesa de Técnicos de Natação

ARNN – Associação de Natação do Nordeste

CDP – Confederação do Desporto de Portugal

CDUP - Centro Desportivo Universitário do Porto

CNA – Clube de Natação da Amadora

COMEN - Confédération Méditerranéenne de Natation

COP - Comité Olímpico de Portugal

DGAL – Direcção Geral das Autarquias Locais

DGD – Direcção Geral do Desporto

DGES – Direcção Geral do Ensino Superior

EUA - Estados Unidos da América

FINA - Fédération Internationale de Natation

FOCA – CNF – Foca Clube de Natação de Felgueiras

FPN - Federação Portuguesa de Natação

GDS – Grupo Desportivo de Sesimbra

IACS – International Association for Communication and Sport

INE – Instituto Nacional de Estatística

ISEF-UP – Instituto Superior de Educação Física da Universidade do Porto

LEN - Ligue Européenne de Natation

MO- Movimento Olímpico

NS – Natação Sincronizada

PR – Public Relations

PRSA – Public Relations Society of America

RFEN - Real Federación Española de Natación

RP – Relações Públicas

SAD – Sport Algés e Dafundo

SCE – Sporting Clube de Espinho

SIC- Sociedade Independente de Comunicação

SSCM - Strategic Sport Communication Model

SSCTMO – Serviços Sociais e Culturais dos Trabalhadores do Município de Ovar

UE - União Europeia

Introdução

O Desporto é um setor de atividade que sofreu nas últimas décadas um enorme impulso de expansão. A indústria desportiva move enormes recursos monetários, humanos e estruturais, tendo um impacto transversal em toda a sociedade, inclusive na economia, e noutros sectores de atividade, como a saúde ou o turismo.

Desta forma, também a Comunicação no Desporto, que inclui vertentes a nível de interação interpessoal ou de pequeno grupo e a de grandes grupos ou de massa¹, ganhou um papel fundamental no seio das organizações desportivas, de forma a consolidarem a sua notoriedade e divulgarem o seu produto e/ou serviço. A Comunicação no seio desportivo tornou-se imprescindível na gestão estratégica de qualquer organização e é hoje uma atividade basilar para o desenvolvimento e crescimento do sector.

Ainda assim, muito mais há a fazer neste sentido, principalmente por parte das organizações desportivas que cada vez mais se veem a braços com menos apoios, financiamentos e outros constrangimentos provocados pela conjuntura atual. As organizações desportivas necessitam de encontrar uma vantagem competitiva no cenário atual e podem encontrar na Comunicação² o meio para conseguirem fortalecer relacionamentos mutuamente benéficos que lhes permitam a ampliar o seu sucesso junto dos seus *Stakeholders*, aqueles que se envolvem ou estão envolvidos com a própria organização.

Por outro lado, há que destacar a existência de um outro cenário desportivo, o das modalidades amadoras³ e menos conhecidas, e que têm uma dimensão incomparável com a do Desporto Profissional e que move a Indústria Desportiva. Estas modalidades têm geralmente menos público, menos financiamentos e são geralmente menos atrativas aos olhos dos investidores. Ainda assim, o desporto tem de ser fomentado e, neste registo, é uma prática amadora de bem-estar e entretenimento para o qual deve haver

¹ Neste trabalho focamo-nos na Comunicação para o Desporto, partindo do conceito de Comunicação no Desporto.

² Usar-se-á neste trabalho de forma indiscriminada os conceitos de Comunicação e Relações Públicas.

³ Um praticante de uma modalidade amadora não recebe qualquer remuneração ou proveito material pelo desenvolvimento da sua atividade, excluindo-se daí por exemplo, prémios e cedências relacionadas com a sua prestação em competições, por exemplo o equipamento, alojamento, refeições e outras despesas. (Fonte:IDP).

uma sensibilização. E para isso todos os agentes envolvidos devem fazer um esforço comum em despertar o interesse pelas modalidades e desenvolver algum envolvimento com praticantes e outros intervenientes e também de forma a serem agentes promotores de estilos de vida saudáveis.⁴

É neste sentido, e tendo por base, o reconhecimento das dificuldades inerentes ao desenvolvimento, divulgação e projeção de uma modalidade com fraco conhecimento/reconhecimento em Portugal, aliado aos constrangimentos atuais, que surge este projeto.

Por estar razão, e tendo de antemão uma estima pela Natação Sincronizada, tendo sido praticante durante mais de uma década, e tendo em conta a realidade atual da modalidade escolhi fazer uma Campanha de Divulgação da Natação Sincronizada em Portugal que, acima de tudo, procurasse solucionar o problema de falta de conhecimento/reconhecimento, que felizmente, como consequência da projeção de um recente programa de televisão num canal generalista, teve um pouco mais de destaque. Ainda assim, não o suficiente para uma modalidade dotada de características tão apazíveis, a nível competitivo e recreativo e com tantos benefícios a nível pessoal, social e de saúde.

A NS é então uma das modalidades mais bonitas e completas do mundo, assim o definem vários autores e, neste sentido, muito trabalho há a desenvolver com o objetivo de levar a modalidade até ao conhecimento e reconhecimento que lhe é devido.

Assim sendo, este projeto tem por base a Comunicação para o Desporto⁵, pelo que se inicia a revisão da literatura fazendo um apanhado do conceito de “Desporto”, destacando alguma contextualização histórica, relevante para a compreensão da importância da atividade desportiva desde os primórdios da humanidade, enquanto meio de subsistência e adaptação às necessidades humanas e envolventes. São também focadas as principais noções do conceito de “Desporto” definidas por autores de destaque, fazendo-se referência ao papel particular do desporto numa dimensão social e problematizando questões como a ética desportiva, tendencialmente importantes no presente e futuro da atividade desportiva.

⁴ Por esta razão, os valores de um Desporto não discriminador, enquanto estilo de vida acessível a todos e que valoriza a saúde, o bem-estar, o equilíbrio, a alegria, a educação, a ética, o respeito e o esforço junto da comunidade devem ser levados em conta.

⁵ Tem como objetivo provocar a mudança de comportamentos.

Desta forma, e sendo a NS uma modalidade desportiva inserida no rol das atividades aquáticas, é feita uma inclusão a este nível, interpretando o conceito e fazendo uma referência às principais disciplinas existentes, e aquelas que estão inseridas no leque de competências das entidades máximas do sector especializado em atividades aquáticas.

Para compreender o desenrolar do desenvolvimento da NS em Portugal é necessário traçar o cenário de evolução das restantes disciplinas, pegando a partir daqui na própria conceção de NS, nos principais registos históricos em Portugal e no estrangeiro, em dados e registos passados e atuais da disciplina, essenciais na identificação tendencial de um panorama ao qual é necessário dar resposta com este projeto.

Uma vez que estou a concretizar um projeto de Comunicação no Desporto, numa vertente Estratégica, ou seja, a Comunicação para a mudança, aquela que pressupõe a alteração ou adoção de um determinado comportamento, termino a revisão literária com uma abordagem a esta noção, destacando modelos teóricos e estratégicos essenciais ao desenvolvimento de qualquer campanha de Relações Públicas, em especial no sector desportivo, aquele que é tratado nesta estratégia de RP.

A segunda parte deste trabalho, manifesta-se na exata concretização do projeto, que pretende dar resposta ao problema definido, o da falta de conhecimento/reconhecimento da Natação Sincronizada em Portugal, atingindo um dos principais objetivos pretendidos para a modalidade, a de maior reconhecimento por parte do público, que se materializa no aumento de nadadores, com carácter recreativo e/ou de competição, treinadores especializados e juízes.

Assim sendo, e seguindo o processo de RP em 4 etapas⁶ que une as fases de Investigação, Planificação, Ação/Comunicação e Avaliação, no projeto propriamente dito é feita uma análise de situação da modalidade em Portugal e a partir daqui   planificada uma estratégia com base na identificação dos públicos-alvo da campanha e são definidas as ações a serem implementadas, que acompanham as mensagens que se pretende transmitir e os objetivos a atingir. A partir daqui são também reconhecidos os processos de avaliação de forma a monitorizar o sucesso da estratégia de Comunicação.

Por outro lado, a elaboração deste trabalho pretende legar um contributo   FPN e   própria modalidade, em Portugal, construindo um documento que una os principais

⁶ Cutlip, Center & Broom (1999).

vértices conceituais, históricos e técnicos da modalidade e aborde questões ainda nunca devidamente documentadas.

Ainda de destacar, que durante a realização deste trabalho, se criou um desafio de equilibrar a vertente teórica, à minha própria experiência empírica, tentado ao máximo revelar um projeto capaz de dotar a FPN das linhas orientadoras ao nível da Comunicação para alcançar o conhecimento/reconhecimento da modalidade em Portugal.

Metodologia

Em termos metodológicos há a destacar a realização de entrevistas, exclusivamente de carácter exploratório, com o objetivo de recolher informação sobre o panorama da modalidade em Portugal. Esta escolha metodológica prende-se com o facto de não existir bibliografia suficiente sobre a NS em Portugal essencial para que fosse possível uma análise com mais profundidade à realidade atual da modalidade, imprescindível para uma proposta estratégica eficiente, fundamentada e concretizável. Foram realizadas três entrevistas exploratórias a intervenientes da Natação Sincronizada em Portugal: Marta Martins, Diretora Técnica da Natação Sincronizada em Portugal, Sílvia Rita, treinadora de Natação Sincronizada e Sílvia Pinto, ex. atleta, a nível nacional e internacional, da modalidade. Todos os entrevistados tiveram acesso à transcrição das suas entrevistas, autorizando a sua publicação.

Foi decidido, no âmbito deste Projeto, não realizar inquéritos por questionário devido ao facto de ser uma modalidade pouco conhecida e sem grandes bases de dados estatísticas que permitissem uma melhor construção de um questionário. Seria também difícil a sua aplicação, e percebeu-se que, através das entrevistas exploratórias a intervenientes que estão envolvidos na modalidade há muito tempo, seria mais fácil obter informações tão díspares como a de uma atleta, uma treinadora ou uma dirigente.

As entrevistas exploratórias e a recolha de dados bibliográficos sobre a temática e sobre Comunicação no Desporto permitiram a construção teórico-prática deste Projeto, sendo que a sua aplicabilidade é medida pelas ações propostas neste trabalho.

A investigadora recorreu também à sua experiência enquanto ex. praticante da modalidade, de modo a conhecer e analisar minuciosamente a realidade da Natação Sincronizada em Portugal.

Capítulo I – O Desporto

Todos têm o direito à cultura física e ao desporto. Incube, ao estado, em colaboração com as escolas, associações e coletividades desportivas promover, estimular, orientar e apoiar a prática e a difusão da cultura física e do desporto bem como prevenir a violência no desporto. (de acordo com a Constituição da República Portuguesa, Capítulo II, art.º 79º)

1. Contextualização Histórica

Ao longo dos tempos o trabalho coletivo tem sido o motor que, de um ponto de vista quer histórico quer sociológico, permite ao Homem, de forma ativa e produtiva, organizar-se em vida comunitária (sendo este um aspeto necessário à sobrevivência humana). Assim, surgem no quotidiano do ser humano atividades de representação na vida social, de experimentação de si próprio e do mundo, que contemplam um envolvimento de ações, gestos, palavras, cooperação com o outro e, também, com a própria natureza. É nesta ligação complexa entre o Homem e o mundo que o rodeia que devemos procurar as origens das conceções de jogo e de lazer humano, que se materializam naquilo a que denominamos de Desporto (Royer [s.d.]).

Quando observamos os seus primeiros jogos, logo desde as suas origens, o Homem preocupava-se em ostentar a força física – através da procura de alimento⁷, enfrentando feras ou inimigos e muitas vezes pondo em prática os seus fundamentos e crenças religiosas. As lutas corpo a corpo, as corridas por planícies, as travessias de rios permitiram o desenvolvimento do instinto de sobrevivência humana, e ensinaram ao Homem, desde os primórdios da sua existência, as bases daquilo que viria a ser o Desporto. Até as próprias disputas entre povos e as preparações para as guerras se

⁷ "Aquilo a que chamamos de jogo e que nos distingue atualmente de uma forma tão cuidadosa, de trabalho, a seguir à alimentação foi a forma mais antiga da atividade humana." (Reclus, 1905, p. 134).

vieram a confirmar decisivos no desenvolvimento e no aparecimento de novas modalidades desportivas.

Vários autores se referem a prática desportiva como sendo conhecida desde 4000 A.C. O exercício sempre foi uma preocupação constante de reis, imperadores e líderes, ao longo de gerações e séculos da história da humanidade, pois o exercício esteve continuamente ao serviço dos povos. Com objetivos diferentes cronologicamente, a prática do Desporto teve sempre uma circunstância transversal a várias épocas: o valor dado à beleza de um corpo musculado. Louvava-se o contributo positivo do Desporto para o corpo, mas também, e não menos importante, para a mente e para a inteligência. Por esta razão insurge a perspetiva educacional⁸ dos desportos na formação da juventude (Schermann, 1958).

Assim, historicamente, o Desporto pode ser decomposto em três vertentes. Um primeiro aspeto relacionado com o corpo e a mente, como um “natural e irreprimível desejo de expansão, saúde, revigoramento físico e desenvolvimento muscular [e uma] parte importante e basilar da Educação Integral.” (Campos, 1976, p.13). Um segundo aspeto está relacionado com a religião e o seu culto, que desempenharam sempre um papel fundamental no rumo desportivo: “ (...) também neste campo, vejamos, como constante histórica, o elemento religioso a inspirar, fortalecer e orientar, sempre e em toda a parte, o ideal desportivo nas suas mais variadas e complexas manifestações.” (Campos, *op.cit.*, p.13). E por último, foi sempre utilizado como “ (...) fidelidade aos deveres do próprio Estado” (Campos, *op.cit.*, p.14). Por outro lado, verificam-se também o efeito contrário, de intervenção do próprio Estado na vida social e na vivência e organização das atividades desportivas, através da “ (...) disciplina, o fomento e a organização de atividades” (Ataíde, 1970, p.8).

A partir da Industrialização desenvolveu-se o processo de “desportivização” das atividades de lazer e tempos livres (Elias, 1992). As transformações que vieram ocorrer na sociedade e, principalmente, nos hábitos de trabalho, alteraram a forma como os indivíduos ocupavam o seu tempo livre:

⁸ "Para desenvolver a inteligência necessário se torna exercitar antes de tudo o corpo. O jovem deve ser robusto, ágil como um selvagem ao qual a força física e a inteligência nativa crescem paralelamente no seu estado de liberdade." (Rousseau in Schermann, 1954, p.12).

“Pode considerar-se, por exemplo, a possibilidade de que tanto a industrialização como a transformação das ocupações específicas de lazer em desportos serem aspetos de orientação interdependentes no quadro de transformação global das sociedades-Estado, nos tempos recentes” (Elias, 1992, p.192).

No final do séc. XIX o pai das Olimpíadas modernas, Pierre de Frédy, mais conhecido por Pierre de Coubertin, fez renascer os Jogos Olímpicos gregos, abrindo espaço para um melhor entendimento da valorização dos aspetos pedagógicos do Desporto, para a competição leal e saudável, e para o culto ao corpo e à atividade física (Coubertin, 1972). Mas Coubertin, para além de valorizar o ideal físico, considerava que um desportista tinha de intervir no ambiente social, fomentando e melhorando as relações sociais e salvaguardando a paz, trabalhando por isso o corpo, mas também o espírito (Lynce, citado por Constantino, 1995).

O renascimento dos Jogos veio eliminar as barreiras sociais no Desporto e foi uma porta que se abriu para os ideais de democracia, cooperação, paz e popularização da atividade desportiva (Lynce, citado por Constantino, 1995). Os Jogos Olímpicos ganharam um carácter internacional, que superava até os próprios sonhos do seu criador. O progresso técnico-científico permitiu novas conquistas que aproximaram os povos, as culturas e o conhecimento. Surgiram novos meios de Comunicação, novas formas de troca e partilha de conhecimento e informação (como congressos e exposições), e o papel da evolução dos transportes (como o próprio avião) ganhou espaço à escala global. O ideal olímpico torna-se assim uma enorme manifestação cultural de carácter mundial, talvez o maior fenómeno social de sempre. (Mateev, 1975).

"Os Jogos Olímpicos, e a preparação que os precede conseguiram, duma forma constante, o maior interesse das massas de todos os países, quer dos mais avançados, quer em vias de desenvolvimento. As grandes transformações sociais da nossa época trouxeram suas novidades e poderosas correntes vivificantes ao movimento olímpico mundial, evitando-lhe novo fracasso." (Mateev, 1975, p.6).

Assim, surgiu a necessidade de criação de um Movimento Olímpico (MO) adotado “por todos os povos, todas as comunidades humanas, vivendo sob regimes mais diferentes, no mundo inteiro” e que se elevava aos princípios defendidos por Coubertin de “internacionalismo, democracia, paz e fraternidade entre os povos” (Mateev, 1975, p.6). Passados mais de 100 anos, o MO, para além de ter permitido construir uma nova visão sobre o papel social do Homem e do Desporto, tornou-se um “elemento central e estrutural da cultura desportiva moderna [e é] um reconhecido património cultural da humanidade” (Constantino, 1995, p.7).

O MO é uma pedra basilar nos dias de hoje. É uma verdadeira instituição internacional, com rituais, normas, procedimentos e códigos que atuam no plano político, cultural e desportivo, tendo um papel elementar no desenvolvimento da sociedade, na proteção dos valores, direitos e deveres dos cidadãos em relação ao desporto, na defesa de causas sociais e no apoio ao reconhecimento e autonomia do desporto na sociedade, sem a afetação de interesses de agentes económicos, políticos e sociais. “O Desporto tem de ser, acima de tudo entendido como um meio de tornar a sociedade mais saudável, mais equilibrada, mais cooperante e mais feliz.” (Constantino, 1995, p.22).

2. O conceito de "Desporto"

Mas afinal que múltiplos sentidos abarca o conceito de Desporto? Ao longo do último século têm sido múltiplas as tentativas de definir o termo, mas dada a sua diversidade e heterogeneidade torna-se difícil encontrar uma definição que abarque todos os sentidos do termo. A Grande Enciclopédia Larousse (1975) destaca o carácter individual ou coletivo do jogo, que se manifesta em exercícios físicos, que estão geralmente ligados a uma perspetiva de competição.

Focando-se na força física e nas capacidades e habilidades do corpo humano, ao serviço de diferentes elementos que influenciam a performance, Georges Hébert, (1925, p.7) caracteriza o Desporto como “todo o género de exercícios ou de atividades físicas tendo por fim a realização de uma performance e cuja execução repousa essencialmente sobre um elemento definido: uma distância, um tempo, um obstáculo uma dificuldade material, um perigo, um animal, um adversário e por extensão, o próprio desportista”.

Já Pierre Coubertin (1934) acredita numa perspectiva de Desporto ligada ao ser forte, ou à vontade de assim se tornar e por isso refere-se à necessidade de progresso. Defende o Desporto como um culto voluntário e habitual, que implica esforço, risco e devoção e onde a moderação não pode existir.

Numa visão enquanto movimento social, para Dunning (citado por Elias, 1992), o Desporto é dotado de um significado social e Elias⁹ completa, referindo-se ao Desporto como um fator importante para o conhecimento da sociedade e da interação entre indivíduos. Ambos os autores defendem que, para além do fator do lazer, a atividade desportiva tem impacto no panorama social e, conseqüentemente, no panorama económico. Para o autor é fundamental que as teorias sociais conheçam e explorem esta vertente da atividade desportiva de forma a compreender o fenómeno e analisar o impacto que tem na estrutura social e do comportamento humano.

Já para Bernard Gillet (1961) o desporto é visto numa vertente educacional, formativa, política e como meio para atingir determinado fim e por isso é uma disciplina que ajuda ao desenvolvimento da personalidade e do carácter e tem um papel fundamental enquanto ferramenta política e de propaganda.

A socióloga Jean Marie Brohm (2006) vê no Desporto um instrumento de alienação, destacando o seu papel no espetáculo para as massas como forma de fazer política e massificar ideais e Parlebas (1981) acredita numa vertente institucional do Desporto, sendo a institucionalização e regulamentação do mesmo condição essencial à sua existência.

Marivoet (1998) defende que para definir o conceito é necessário fazer uma difícil delimitação do que são consideradas práticas desportivas, o que por vezes varia consoante as conceções ideológicas, os critérios, e por vezes até de casos de interesse no seio do sistema desportivo, que provocam alguma hegemonização de valores. Para além disso, é importante contextualizar as definições no próprio encadeamento temporal da evolução do Desporto. E por isso, tendo em conta a realidade social, a definição desporto tem necessariamente que tornar-se mais abrangente.

Para Gustavo Pires (2007) a noção de Desporto envolve múltiplos conceitos e por isso o autor faz um apanhado dessas definições abarcadas pela noção de desporto.

⁹ *op.cit.*

”O desporto envolve exercício físico, competição, desafio, esforço, luta, apetrechos, estratégia, e tática, princípios, objetivos, instituições, regras, classificações, tempo livre, jogo, vertigem, aventura, investigação, dinheiro, lazer, sorte, rendimento, simulação, códigos, resultados, prestações, treino, força, destreza, meditação, tempo, espaço, beleza, medição, voluntarismo, morte, etc.” (Pires, 2007, p.116).

Assim, avaliando as várias definições, concluímos que conseguimos identificar alguns elementos em comum: a formação, a atividade física, o lazer, a competição, a institucionalização e o bem-estar. Juntando-as formamos uma noção de Desporto enquanto algo multidimensional e abrangente. E por esta razão não é possível falar de desporto na sociedade contemporânea europeia sem fazer uma referência à contribuição de Urban Claeys (s.d.), que menciona o conceito de "Desporto para Todos" aliado à democratização cultural¹⁰, como uma nova interpretação para o conceito de Desporto formulado pela primeira vez em 1966 pelo Conselho Europeu.

Na ótica deste autor, o Desporto forma o desenvolvimento cultural da pessoa, e dá-lhe a oportunidade e acesso a poder aproveitar os benefícios da participação desportiva, dentro dum contexto de valores sociais, como a saúde, o sentido de comunidade e de criatividade. Com os contributos deste autor, a interpretação do conceito é agora alargada a quatro elementos básicos: movimento, tempo de lazer, competição e institucionalização. Assim, uma definição com base no conceito "Desporto para Todos", o Desporto é referido como "todas as formas possíveis de movimento físico na esfera recreativa que estão orientados para estimular e manter a *fitness* e a condição física" (Claeys, [s.d.], p.5). O Desporto desenvolve-se na base de uma série de facilidades: infraestruturas, meios financeiros, treino dos participantes e dos dirigentes, material, aquisição da informação e presença e desenvolvimento das organizações de desportos e suas estruturas. São estes pilares que influenciam o acesso ativo da população ao

¹⁰ “A Democratização Cultural diz respeito à acessibilidade ao património cultural por todos os elementos da comunidade, oferecendo a oportunidade de toda a sociedade desfrutar dos bens culturais. Consiste numa forma ou processo de atuação que pretende conservar e difundir a cultura a todo o conjunto populacional” (González, 1999, p.6).

desporto, para além dos fatores socio estruturais e culturais, que influenciam a socialização¹¹ do desporto (Claeys, s.d.).

É importante destacar ainda a contribuição da nova Carta Europeia do Desporto, concebida pelos Ministros europeus responsáveis pelo Desporto na sua 7ª Conferência, nos dias 14 e 15 de Maio de 1992, em Rhodes. Este documento apresenta um conceito ampliado para o Desporto.

“Entende-se por ‘desporto’ todas as formas de atividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis.” (Carta Europeia do Desporto, Rhodes, 1992 - Artigo 2.º).

Por último, e pegando nesta conceção multidimensional, mas também – e não menos importante – a de movimento social, surge a noção da prática desportiva como um setor que se envolve de múltiplas atividades, produtos e agentes de diversas naturezas e que tem impacto na sociedade transversalmente (Sardinha, 2011).

No seguimento da importância social do Desporto, as próprias instituições europeias reconhecem no Livro Branco sobre o Desporto de 2007 o papel que o desporto a nível europeu na sociedade a diferentes níveis, destacando a questão da saúde, da educação, da integração social e da cultura. As entidades acreditam no Desporto como uma atividade transversal e necessária ao desenvolvimento de um país, uma vez que o seu contributo é evidente na evolução da sociedade.

3. Dimensão social do Desporto

Atualmente a atividade desportiva é um dos exercícios mais desenvolvidos e praticados pelo Homem, seja a nível profissional ou amador, com o objetivo de competição ou apenas bem-estar e lazer. São variadas as modalidades existentes e, com a evolução dos

¹¹ “Processo segundo o qual as pessoas aprendem a participar totalmente no desporto.” (Clayes, [s.d.], p.6).

tempos e a necessidade do ser humano de se adaptar a novas realidades (e também satisfazer e dar resposta às exigências do mundo atual), muitas outras vão surgindo e ganhando novos adeptos e formas de regulamentação.

É visível que, por todo o mundo e na sociedade moderna, o Desporto está em todo o lado e se tornou numa das distrações preferidas dos jovens, assim como proporciona espetáculos seguidos por muitos adeptos (Gillet, 1961). Chabert (1999) também destaca o Desporto num patamar de movimento social, concretizando-se na ocupação dos tempos livres, e na criação de laços afetivos e a nível social que contribuem para o desenvolvimento pessoal, para a saúde e manutenção do bem-estar e condição física.

A nível europeu esta evolução tem sido crescente. Mais de metade da população europeia pratica algum tipo de desporto e existem cerca de 700 mil clubes registados na Europa. O Desporto mostra, assim, o impacto que tem na sociedade e no desenvolvimento das relações interpessoais, intrapessoais, intercomunitárias e intracomunitárias, atraindo os indivíduos à prática de uma atividade desportiva com alguma regularidade. O desporto é visto como gerador de valores, individuais, que contribuem para o desenvolvimento e também realização pessoal e, coletivos, promovendo a participação comunitária dos cidadãos, a cidadania ativa. Alguns dos valores destacados no Livro Branco do Desporto e que permitem reconhecer o papel essencial da atividade na sociedade, prendem-se com "...o espírito de equipa, a solidariedade, a tolerância e a competição leal (fair play)..." que ajuda e permite aos cidadãos aproximarem-se e resolverem e lidarem com os assuntos em que estão envolvidos num contexto global, multicultural e interdependente. (Livro Branco sobre o Desporto, 2007).

E sendo Europa o berço do ideal olímpico, a Comissão Europeia baseada na evidência da importância do Desporto ao nível comunitário, local, grupal e individual tem procurado dar o seu contributo integrando-o nas políticas da União Europeia e apoiando e criando condições para uma melhor governação do desporto europeu, já que este é reconhecido como uma das pedras basilares das políticas europeias:

"O desporto atrai a maioria dos cidadãos da Europa e aqui se pratica grande parte das disciplinas e competições desportivas de destaque internacional. O desporto desempenha um importante papel social, complementar das suas dimensões

desportiva e económica. O seu contributo é vital para o bem-estar da sociedade. Por conseguinte, aos poderes públicos, incluindo a União Europeia, incumbe uma responsabilidade significativa de apoiar o desporto, facto que foi reconhecido ao mais alto nível político europeu" (Livro Branco sobre o Desporto, 2007).

Ainda assim, atualmente o desporto encontra alguns obstáculos no caminho da sua evolução e que também é objetivo da UE combatê-los, obstáculos estes que se prendem com pressões comerciais, exploração dos atletas, *doping*, discriminação de raça, violência e corrupção. São novas ameaças e desafios emergentes no seio do desporto na sociedade europeia para os quais é preciso encontrar novas soluções. (Livro Branco sobre o Desporto, 2007).

Deste modo, e revelada a importância do desporto social e comunitariamente, é fundamental providenciar às massas os instrumentos necessários para poderem aceder à prática desportiva, entre eles o acesso à informação. Este é um instrumento de base para atrair mais indivíduos à prática desportiva, dar-lhes a conhecer as modalidades existentes, as condições e os benefícios. De qualquer género, raça ou idade, todo o individuo deve ter acesso ao Desporto e, também por esta razão, a informação deve ser fundamentada, dirigida e comunicada eficazmente a cada um dos públicos envolvidos e que têm a oportunidade de poder praticar Desporto.

Chabert (1999) assim o defende e remete o seu discurso para a necessidade de satisfação plena do individuo no Desporto, um movimento dotado de enorme valor e importância, o que implica também a possibilidade de acesso de todos à sua prática. Para isso é necessário e desejável, colocar ao dispor das pessoas a informação necessária correspondente ao estado em que se encontram perante o desporto e as suas características sociodemográficas.

Comparativamente com a União Europeia, apesar de Portugal não se enquadrar plenamente nestas estatísticas evolutivas, a prática de atividade desportiva no nosso país também tem vindo a ganhar algum terreno, tendo aumentado o número de praticantes e também o número de modalidades praticadas (Simões, 2005). O nosso país tem ainda o facto do movimento associativo desportivo estar em crescimento, o facto da maior parte dos jovens ter uma atividade desportiva que segue ou pratica com regularidade, aliado

ao importante papel que os meios de Comunicação social têm, cada vez mais, na divulgação das modalidades. (Chabert, 1999).

Desta forma, é importante avaliar algumas estatísticas de modo a confirmar o panorama do Desporto em Portugal. Segundo dados do INE, também disponíveis no *site* do Instituto do Desporto de Portugal¹², foram despendidos em 2011, € 679 396 milhares de euros em despesas em cultura e desporto por parte dos municípios em Portugal. Sendo que, deste valor, € 11 657, pertencem à Região Autónoma da Madeira e € 17 860 aos Açores.

No ano de 2011 existiam 524 250 praticantes inscritos em federações desportivas, sendo que, dentro das 20 modalidades destacadas as com maior afluência são o futebol (153 882), o voleibol (43 240) e o andebol (39 877). Para as restantes modalidades não nomeadas no estudo, estão cerca de 90 073 inscritos nas federações. De facto, denotamos que estas são das modalidades mais reconhecidas pelos portugueses e que em termos de media têm uma maior presença nos diferentes meios e o futebol é um grande reflexo deste fenómeno.

A adesão dos indivíduos anualmente tem vindo a evoluir anualmente, mesmo que ligeiramente. Comparativamente com anos anteriores, entre 2007 e 2010, observa-se um crescimento anual do total do número de praticantes inscritos. Em 2007 existiam 484 702, em 2008, 489 283, em 2009, 513 009 e em 2010, cerca de 519 359. Do total de praticantes, 485 768 pertencem ao continente e os restantes 38 482, às regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

Relativamente ao número de clubes existentes no nosso país, em Portugal estão referenciados no total 11 570, 10 752 deles registados em Portugal Continental e os restantes nas regiões autónomas. Assim, é visível que é no Continente que está concentrada a maior massa associativa, assim como o número de indivíduos federados e os valores despendidos em Desporto.

¹² [Consultado em 12 de Setembro de 2013]

4. Desporto no feminino

Segundo o artigo 1º da Carta Internacional da Educação Física e Desportos da Unesco de 1978, “A prática da Educação Física e do Desporto, é um direito fundamental de todos”. De facto, sendo a atividade física um meio de desenvolvimento pessoal¹³, todo o ser humano deve ter acesso a ela, independentemente da idade ou género, e o Estado tem um papel fundamental na dinamização e difusão do desporto (Simões *et al.*, 1980).

No entanto, até meados do século XX a participação do género feminino no desporto era vista de forma pouco abonatória. Nas sociedades antigas as funções primordiais das mulheres eram tratar da casa e da família¹⁴ e mesmo quando a sua educação passava pelo exercício físico, homens e mulheres nunca estavam ao mesmo nível de direitos igualitários. Houve até casos de condenação à morte, caso fossem descobertas mulheres nos recintos dos Jogos Olímpicos da Antiguidade (Santos, 2004).

Mais tarde, o próprio Pierre de Coubertin referia que as Olimpíadas deveriam ser apenas para as mulheres, correndo-se o risco de tornar a prova “...impraticável, desinteressante, inestética e imprópria...”. Coubertin defendia ainda que o homem adulto seria “...o único herói Olímpico real...” Desta forma, também os desportos de equipa eram colocados de lado pelo autor, elevando-se um ideal discriminatório do género feminino. (Coubertin, citado por Santos, 2002). A mulher era caracterizada como tendo uma fraca capacidade intelectual em relação ao homem e por isso não dispunha dos mesmos direitos de participação e competição permitidos ao homem. Para além de que considerava-se a mulher como incapaz de suportar as exigências do esforço desportivo. O seu papel era, por isso, praticamente apenas ao de espetadora.

A par do surto civilizacional, fruto dos avanços técnico científicos ocorridos no final do século XIX e século XX, a mulher começou a ganhar espaço na esfera social e a lutar pelos seus direitos de cidadania (Santos, 2002). A Declaração de Brighton (1994), surgida na 1ª Conferência Mundial sobre as Mulheres e o Desporto, aponta um primeiro conjunto de princípios de atuação a nível global para o desenvolvimento da participação das mulheres no desporto. Os anos passaram e a consciência quanto ao fenómeno das

¹³ “A experiência, os valores e as opiniões das mulheres podem enriquecer, valorizar e desenvolver o desporto, tal como a participação desportiva pode enriquecer, valorizar e desenvolver a vida de cada mulher.” (Declaração de Brighton sobre Mulheres e Desporto, 1994, p.1).

¹⁴ “O homem nasceu para a guerra e a mulher para o descanso do guerreiro” (Nietzsche, citado por Santos, 2002, p.4).

mulheres no desporto aumentou, assim como a necessidade de criação de medidas que promovessem a sua participação no desporto. Hasse (2001) defende que deve existir uma participação das mulheres no Desporto, quer seja de lazer ou de competição, apoiada pelos organismos desportivos. A intervenção destas entidades deve atuar no apoio, desenvolvimento, divulgação e progressão de práticas desportivas de qualidade e específicas para as necessidades e especificidades das mulheres.

Apesar da discriminação de género não estar ao nível do passado, ela continua a manifestar-se, por exemplo com “a baixa taxa de participação feminina no desporto, na dificuldade que as mulheres têm em relação aos homens em construir uma carreira, bem como na maior visibilidade e audiência das competições masculinas.” (Amnistia Internacional, 2008, p.2).

Segundo dados da Associação Portuguesa Mulheres e Desporto (1998) Portugal é o país da União Europeia com a taxa de participação feminina mais baixa e onde subsiste uma maior desigualdade entre homens e mulheres na prática desportiva. E para Marivoet (2001) são os fatores políticos, culturais e infraestruturais que contribuem para este cenário. Neste registo, verificamos que a desvalorização por parte dos clubes nos escalões femininos, as fragilidades no fomento de valores desportivos, a pouca representação das mulheres em cargos diretivos em entidades desportivas e a gestão familiares estão entre as principais causas para a disparidade entre a prática masculina e feminina.

Há que salientar que apenas 14% das mulheres portuguesas praticam desporto e que são as camadas mais jovens que contribuem para que estes valores não desçam tendencialmente. A partir dos 20 anos começa a notar-se uma maior discrepância de géneros (Marivoet, 2001). Ainda assim, surgem dados de que a discriminação relativamente ao sexo masculino também começa a verificar-se, muito pontualmente. Existem modalidades quase exclusivamente femininas, nas quais alguns homens se têm vindo a debater para, tal como as mulheres, puderem competir dentro dos mesmos direitos e regras. Isto verifica-se devido a questões culturais, pois existe uma condição social através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos e que faz com que o individuo associe a determinados objetos e conceitos uma significação de feminilidade ou masculinidade.

5. O Presente e o Futuro

Apesar da evolução positiva do Desporto em termos genéricos, é importante referenciar a chamada “crise do desporto moderno”, que põe em causa os modelos tradicionais de organização desportiva, quer a nível profissional quer educativo (Pires & Lopes, 2001). Dada a complexidade do Desporto e também da sociedade em geral, é necessário olhar para a prática como uma realidade que está a viver uma constante e rápida mutação, ocorrendo múltiplas mudanças e transformações que trazem novos desafios ao Desporto e aos seus gestores. (Sardinha & Dias, 2011).

Noutra vertente, também temos vindo a assistir nas últimas décadas a grandes mudanças sociais que também alteram os estilos de vida do homem entre eles os hábitos lúdicos e desportivos que se tornam cada vez mais diversificados e complexos, sendo por isso, um fenómeno que requer alguma atenção e análise do ponto de vista sociológico, cultural e político. Uma ideia de Desporto baseado numa perspetiva apenas economicista e de rentabilidade tem tendência a expirar. Os valores do ser humano devem ser sempre enaltecidos numa tentativa de reinventar o Desporto, baseado nos princípios que lhe deram origem, "... a convivência e solidariedade entre os homens e os povos, a formação cívica ao longo da idade, o desenvolvimento das capacidades físicas e motoras de um corpo adaptável e crítico ao seu envolvimento social, e principalmente, a valorização da sua capacidade cultural em "confronto" civilizado.” (Neto, s.d., p.8).

Sendo o Desporto, nos dias de hoje, um dos fenómenos mais importantes da contemporaneidade é igualmente necessário avaliar o impacto que os acontecimentos desportivos têm no indivíduo, tendo em conta as múltiplas vertentes: o âmbito político, económico e social quanto à sua divulgação, implementação e participação. O Desporto adquiriu um espaço privilegiado na sociedade que conseqüentemente o torna um agente promotor da economia, da educação, da política e de valores comerciais. (Romão, 2005).

Desta forma, as novas realidades sociais exigem que o Desporto adquira novas estratégias, projetos, ideias e procedimentos, para que se desenvolva de forma sustentável. É necessário encontrar novas formas de gestão, afastadas do tradicional, transformando a crise do desporto moderno numa oportunidade para as novas gerações. As transformações acontecem a grande velocidade, e, por isso, a experiência e conhecimento adquiridos até então estão profundamente desatualizados. Os sistemas

desportivos devem procurar novas formas de evoluir e se reinventarem, encontrando soluções estratégicas e inovadoras. Os modelos corporativos que advêm do desporto tradicional já não dão uma resposta global às novas tendências sociais, económicas e da indústria do entretenimento desportivo, interligada às novas tecnologias de informação e Comunicação (Pires & Lopes, 2001).

Com os efeitos da crise económica que o país atravessa, as dificuldades das associações e clubes desportivos, por falta de verbas e apoios, são cada vez maiores e esta situação pode e tem repercussões na qualidade do produto oferecido aos praticantes e atletas. O presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP), José Manuel Constantino refere-se a um "efeito tsunami" que receia que tenha um grande impacto recessivo na vida desportiva em Portugal. (Expresso, 2013)¹⁵

Mas a crise no movimento desportiva não se restringe apenas a fatores económicos e financeiros. Por trás da degradação do Desporto em Portugal outros valores têm um impacto desfavorável na evolução positiva da atividade desportiva:

“O Desporto, como fenómeno social não é exceção e conseqüentemente, numa sociedade onde parece instalada uma crise valores, importa antes de mais clarificar o seu significado e grau de importância, como referência social, cultural, ética, estética, económica, etc. e encontrar respostas políticas que genericamente expressem referenciais orientadores para a sua ação.” (Romão, 2005, p.1)

Segundo Matos (2006), a crise de valores tende a ser o argumento que justifica a dificuldade de falar sobre ética em Desporto, mas na realidade, o desporto tem de ser uma prática humanamente digna em si mesma mas continua a verificar-se atualmente a sua carência, nomeadamente ao nível do *doping*, a violência desmedida entre diversos atores, o desrespeito e desprezo pelo direito de opinião dos atletas, por exemplo em

¹⁵ ‘A crise pode ter «efeito tsunami» no desporto português’. Expresso, 7 de Maio de 2013. Página consulta a 12 de Junho de 2013. < <http://expresso.sapo.pt/a-crise-pode-ter-efeito-tsunami-no-desporto-portugues-presidente-do-cop=f805167>>

processos de transferência, a comercialização crescente do desporto que torna difícil a sua harmonia com a ideia de bem¹⁶, a corrupção, entre outros. (Matos, 2006).

O legado do Movimento Olímpico parece ter ficado para trás na história. A corrupção, a falta de uma estratégia consistente, a sobreposição de interesses, a violência desportiva e o radicalismo são aspetos morais e éticos e de gestão do Desporto que têm tido um impacto negativo na atividade e, são aspetos que devem ser travados sob pena do Desporto vir a tornar-se um setor disfuncional, sem gestores à altura e sem estratégias e projetos definidos. Os interesses pessoais, locais, regionais, alimentados por radicalismos e fundamentalismos são uma fonte para transformar o Desporto num mero interesse para políticos e empresários que se aproveitam do Desporto para colocar em ação as causas por si defendidas. (Pires & Lopes, 2001).

Assim sendo, as questões morais e éticas tornam-se imperiosas quando se trata do futuro do Desporto: "Ora, a ética diz respeito a todas as nações, a todos os cidadãos e a todos os aspetos do mundo. Discutir o desporto no plano ético não é, portanto, um luxo de quem já discutiu tudo o resto. Ao invés, é algo imperioso na construção de um desporto promotor do Homem." (Matos, 2006, p.149).

Para além de ser necessário alcançar "um desporto que reconheça o humano, se reconheça no humano e o torne parte de uma vida boa." (Matos, 2006, 151) é preciso preparar especialistas em Gestão do Desporto capazes de responder com eficiências às novas realidades sociais fruto da mudança atuando no espaço de intervenção social sempre com base em seis vertentes fundamentais da gestão desportiva: Polissemia, dimensão híbrida, tecnologia específica, contextualização, nível de intervenção e âmbito de intervenção (Pires & Lopes, 2001). Pois, "O Desporto é hoje, portanto demasiado importante no quadro da organização social, para ser deixado ao sabor dos mais diversos circunstancialismos, sem que exista uma ideia, uma vontade, um projeto que o oriente." (Romão, 2005, p.3)

É por isso essencial observar o Desporto numa realidade multidimensional e atual, destacando a sua pertinência, cada vez mais notável, na sociedade, na cultura e na economia, aspetos que tornam obrigatório que todas as políticas, estratégias e práticas

¹⁶ Em termos absolutos " A lei determina então imediatamente a vontade, a ação que lhe é conforme é boa em si mesma, uma vontade, cuja máxima é sempre conforme com esta lei, é boa pura e simplesmente, em todos os sentidos, e a condição suprema de todo o bem" (Kant, 1788 in Dicionário de Filosofia Moral e Política.)

adotadas pelos agentes desportivos tenham por base um enfoque comunicacional e informacional.

Capítulo II – Atividades aquáticas

A capacidade adaptativa do ser humano leva-o a poder habitar as regiões mais difíceis do planeta, como as areias do Saara Central ou as neves dos Himalaias. Mas apresenta limitações naturais que lhe tornam a água num meio adverso. No entanto, consegue adaptar-se à água de uma forma relativamente estável: de uma forma etológica (à mercê do envolvimento) ou de uma forma organizada, provocada, num processo de ensino. (Sarmiento, 2001, p.17).

1. Conceito de atividades aquáticas

Segundo a Grande Enciclopédia do Desporto, “nadar é a arte de nos conseguirmos deslocar na água, mantendo o corpo em flutuação, de modo a permitir uma respiração regular e ritmada.” (Chabert, 1999, p.122). O El Gran Libro de los Deportes (1975) apresenta uma definição em termos competitivos e junta a ideia de poder ser um desporto individual ou de equipa no qual existe uma competição entre participantes e que o primeiro a percorrer a distância pré estabelecida será o vencedor. Nesta mesma obra são destacados ainda os quatro estilos de natação existentes e com os quais se compete, são eles, costas, mariposa, bruços e *crawl*.

A evolução da sociedade trouxe múltiplas transformações: as necessidades inerentes ao ser humano alteram-se, procuram-se novas formas de adaptação ao meio social e descobrem-se novas possibilidades de alienação. Assim, surgiram novas modalidades, incluídas dentro de um conceito de Natação mais amplo que os anteriores. Segundo os Estatutos, Regulamentos e Normas da Federação Portuguesa de Natação (FPN), o conceito de Natação é constituído por “diversas disciplinas, designadamente, na Natação Pura, Pólo Aquático, Saltos, Natação Sincronizada, Águas Abertas, Masters e suas variantes, bem como todas as práticas desportivas efetuadas em piscinas”.

Hedges (1974) destaca a multiplicidade de valores e oportunidades que um conceito de natação mais amplo e abrangente proporciona, referindo-se aos benefícios inerentes às

múltiplas circunstâncias abrangidas pelo conceito de natação, uma disciplina para todo o tipo de pessoas, características e necessidades.

“A Natação dá margem para todo tipo de temperamento e talento, atlético e estético Correndo para o ágil e musculatura resistente, trabalhando à distância para o corredor de fundo, Pólo aquático para o combativo; mergulho para o destemido, uma variedade de movimento e de esquemas de natação para a artística; acrobacias na água para o humorista, salva-vidas para o cavalheiresco e de sentido de missão. Não há fim para esta diversidade” (Hedges, 1974, p.11).¹⁷

Inácio (1984) refere que a natação, caracterizada como apaixonante, tem um lugar primordial enquanto modalidade desportiva e mantém um conceito que remete também para as restantes componentes e para o valor que dão ao Desporto enquanto um todo. O autor inclui ainda na sua definição uma ideia de que o Pólo aquático é dotado de um enorme interesse a nível competitivo. Já os saltos para a água e a Natação Sincronizada destacam-se pela sua beleza enquanto disciplinas que despertam para a estética, para o deslumbramento e para a elegância de atividades como o ballet. O autor referênciava ainda as algumas atividades subaquáticas, destacando o mergulho, a caça submarina e as gincanas aquáticas como atividades desportivas interessantes. Para além de outras formas de recreação que acontecem no meio aquático e que o autor acredita estarem inseridas neste conceito.

A partir desta noção do conceito mais vasta sugerida pelas referências anteriores, surge então uma nova conceção mais abrangente e multidisciplinar – a de atividades aquáticas. Este conceito foi adotado recentemente na sociedade, pois ao longo da História, as diferentes conceções das práticas desenvolvidas em meio aquático eram mais conhecidas apenas pelo termo, já referido, de natação (Marín, 2004). Mas com a evolução destas práticas e o seu reconhecimento a nível social obrigou a que se

¹⁷ Ao longo deste trabalho todas as citações que se encontravam em língua diferente da oficial, utilizada neste trabalho, (neste caso o português) foram traduzidas pela autora. “*Swimming gives scope for every type of temperament and talent, athletic and aesthetic. Sprinting for the lithe and tough-muscled; distance work for the strong stayer; water polo for the combative; diving for the eagle-fearless; stroke variety and programme swimming for the artistic; water stunts for the humorist; life-saving for the chivalrous and public-spirited. There is no end to the diversity.*” (Hedges, 1974, p.11).

encontrassem novas denominações que dessem resposta às realidades e especificidades de cada uma das disciplinas:

“O conceito de atividades aquáticas (onde se encontram todas as modalidades que se desenvolvem no ambiente aquático) foi cunhado recentemente na nossa sociedade, porque ao longo da história a água tem sido entendida sob diferentes concepções.” (Gutiérrez, citado por Serrano, 2007).¹⁸

De facto, na atualidade, o conceito de atividades aquáticas corresponde a uma noção mais ampla e que compreende em si várias disciplinas, que o conceito de natação por si só não consegue englobar (Serrano, *op.cit.*). Assim, segundo a Constituição da FINA (Federação Internacional de Natação) 2013-2017, o conceito de atividades aquáticas refere-se a “...natação, águas abertas, saltos, Pólo aquático, natação sincronizada e programa/atividades de *Masters*.”¹⁹

Mas, não estando o Homem preparado à partida para viver em meio aquático, tem de aprender a adaptar-se e só depois disso terá as bases suficientes para poder dedicar-se a uma qualquer disciplina da Natação²⁰. Gabrielsen *et al* (1968) referem que praticar natação é elementar para a participação em todas as atividades aquáticas e Lewin (1978) defende que para se especializar numa modalidade o indivíduo tem de passar pelo processo de adaptação ao meio aquático, aprendendo a nadar, a mover-se e sentir-se seguro no meio. Estas são as premissas gerais para conseguir ter sucesso num outro campo de aplicação da natação.

Relativamente às utilizações da natação, para Carvalho (1990) esta pode situar-se a três níveis diferentes: como meio utilitário (como é o caso do salvamento), como meio desportivo (por exemplo a natação pura e a Natação Sincronizada), e como meio de recreação, apenas como forma de lazer em meios aquáticos. Krug (1985) destaca ainda o carácter terapêutico da natação, como benéfico para múltiplas patologias. Já Frías *et al*

¹⁸ “El concepto de las actividades acuáticas (donde se encuentran todas aquellas modalidades que se desarrollan en el medio acuático) ha sido acuñado recientemente en nuestra sociedad, pues a lo largo de la historia el agua ha sido entendida bajo distintas concepciones” (Gutiérrez, citado por Serrano, 2007).

¹⁹ “...swimming, open water swimming, diving, water polo, synchronised swimming and Masters programme / activity.” (Federação Internacional de Natação, 2013-2017).

²⁰ Entenda-se Natação numa perspectiva multidimensional e que abrange várias disciplinas.

(2008) apresentam uma teoria baseada em cinco diferentes objetivos da natação: utilitário, educativo, recreativo, competitivo e terapêutico. Cada um deles tem um enfoque distinto e com diferentes disciplinas associadas mas com um elemento comum, a água.

Concluindo, podemos identificar um conceito de natação pluridisciplinar, semelhante ao conceito de atividades aquáticas. Consoante o propósito da prática, o conceito pode abarcar diferentes disciplinas. Neste projeto o foco estará essencialmente na natação com fins desportivos e/ou competitivos.

2. Modalidades Aquáticas

São múltiplas as disciplinas que entram nos conceitos de Natação/Atividades Aquáticas mas, para este projeto, o foco estará naquelas que são da responsabilidade da FPN, a nível nacional, e da FINA, a nível internacional, tendo por isso uma vertente desportiva e/ou de competição: Natação Pura, Polo Aquático, Saltos, Natação Sincronizada, Águas Abertas e Masters.

Segundo o Atlas do Esporte (2005), Natação Pura é “um desporto aquático que tem como objetivo imediato, para o atleta, vencer uma determinada distância em meio líquido no menor tempo possível”. Os estilos de natação²¹ são quatro: Costas, Bruços, Mariposa e Estilo Livre ou *Crawl* e estão oficialmente regulamentados pela FINA.

O Pólo aquático é um desporto de equipa, sujeito a regras definidas por uma determinada instituição e que é praticado em ambiente de piscina por duas equipas de sete jogadores (seis jogadores mais o guarda-redes). O principal objetivo do jogo passa por conseguir acertar com a bola na baliza do adversário. (Lloret, 1998)

Já os saltos para a água são definidos como uma arte complexa e que exige dedicação, esforço e técnica apurada e “é um dos desportos mais completos que existem, do tríplice ponto de vista físico, moral e estético, pois exige do praticante, entre outras qualidades, o arrojo, a capacidade de decisão, a perseverança, a inteligência e o sentido artístico, além da aguçada coordenação neuromuscular e psíquica.” (Casilo, 1975, p. 11 e 12)

²¹ “Forma de deslocação na água, com determinados movimentos característicos.” (Lewin,1978, p.330).

Em termos técnicos, os saltos são uma modalidade que se concretiza na projeção do atleta no ar, a partir de uma impulsão executada sobre uma base: um trampolim flexível de 1 e 3 metros de altura ou uma plataforma fixa de 5m, 7,5m e 10m de altura. A partir deste impulso, o corpo do atleta é conduzido em queda para dentro de água, existindo um controlo do corpo e dos movimentos executados. (Atlas do Esporte, 2005).

De acordo com os regulamentos da FINA (2013-2017), a disciplina de Águas Abertas é constituída por natação em águas abertas “que será definida como qualquer competição realizada em rios, lagos, barragens, oceanos ou canais, exceto para eventos de 10km.” E também pela maratona aquática “qualquer prova em competições de águas abertas com um percurso de 10 quilómetros”.

Já a Disciplina de *Masters*, caracteriza-se pela participação de atletas mais velhos, a partir dos 25 anos de idade, e que geralmente não querem abandonar a modalidade que praticam, depois de terem sido atletas de competição. Esta é uma das categorias de natação competitiva regulamentada pela FINA e tem como objetivos "...a aptidão física, a amizade, o divertimento e a competição." (Atlas do Esporte, 2005, p.246) Desta forma, é uma modalidade onde é dada uma grande relevância aos valores humanos aliados à vertente competitiva e permite aos atletas manter a boa forma e um estilo de vida saudável, sem limite de idade.

Para terminar, fazemos uma breve referência à Natação Sincronizada como um desporto individual ou de grupo, com um carácter competitivo ou recreativo e que se manifesta numa forma de representação artística dentro de água, recorrendo a diversos movimentos e posições. Mais adiante, no Capítulo III – Natação Sincronizada, será feita uma conceptualização alargada do termo.

3. Evolução histórica das atividades aquáticas

“Saber nadar é uma necessidade conhecida por todos, pois as origens da natação remontam aos primórdios da humanidade.” (Saraiva, 1973, p.5). A natação desempenhou sempre um papel fundamental em todas as épocas, sociedades e regiões do mundo onde o Homem esteve em contacto com a água, e necessitava dela para

procurar alimento. Para além disso, esta atividade física começou a ter especial destaque graças aos fins higiénicos do meio aquático, o chamado banho (Lewin, 1978).

Nas sociedades primitivas a natação tinha como finalidade a subsistência e a vida militar. Nas estruturas escravagistas a natação era exclusiva a homens livres, que defendiam o culto do corpo e da mente, sendo que também fazia parte dos exercícios militares. Já os povos germânicos faziam competições onde mulheres e homens podiam disfrutar desta atividade, com grande importância para os povos do Norte da Europa. Como forma de recreio, a natação teve um papel de relevo na sociedade feudal, onde com o passar do tempo apenas os burgueses conseguiam ter acesso às instalações balneárias, tanto que mais tarde (e alegando questões morais), o hábito do banho e da natação foi proibido. O Humanismo originou uma difusão tímida da natação, mas durante o período do Iluminismo foi possível uma maior difusão da modalidade como meio de educação física, principalmente dos jovens (Lewin, 1978).

O primeiro manual de natação foi escrito em 1538 pelo humanista Nikolaus²², o primeiro clube de natação data de 1845 e as primeiras instalações foram construídas em Inglaterra em 1848. As primeiras competições aconteceram também em Inglaterra em 1869 e desde então a natação teve um grande crescimento na Europa. Em 1896 a modalidade foi admitida nos Jogos Olímpicos de Atenas e nos anos seguintes ocorreram diversos encontros internacionais que fomentaram o incremento da modalidade (Saraiva, 1973).

3.1 Natação Pura

Em 1908 a FINA deu os primeiros passos na separação do conceito de natação, subdividindo a natação pura em estilos e criando a disciplina dos saltos e do Pólo Aquático. Nos anos seguintes, houve uma extraordinária evolução técnica e, em 1912, os primeiros elementos do sexo feminino puderam participar nos Jogos Olímpicos, nesta modalidade (Saraiva, 1973).

Na “*Conference for National Cooperation in Aquatics*”, nos Estados Unidos, surgiu um comité com a tarefa de divulgar a prática da natação com fins educativos e terapêuticos.

²² Nikolaus Wynmann era um professor alemão de linguística, escreveu o primeiro livro sobre natação, “O Nadador ou o diálogo sobre a arte de Nadar” (no original, *Der Schwimmer oder ein Zwiegespräch über die Schwimmkunst*)

O movimento estendeu-se a todo o mundo e deu um impulso crescente ao carácter educativo e competitivo da modalidade (Saraiva, 1973).

A Natação mostrou-se em todas as épocas um desporto de eleição e, ao longo da História, apenas os persas, por motivos religiosos, e o povo romano liderado pelo imperador Constantino, por este acreditar que as exhibições de natação eram uma forma de propagandismo, não praticavam a modalidade (Schermann, 1958).

Segundo Mário Oliveira (Lopes, 1989) as primeiras revelações da natação em Portugal aconteceram por volta de 1893, mas tratavam-se apenas de torneiros, travessias e percursos no mar. Deste modo, podemos destacar que em Portugal a natação desportiva em moldes mais sérios se inicia no séc. XX, com a criação da primeira escola de natação em 1902, pelo Ginásio Clube Português, na Trafaria. A participação portuguesa nas competições Olímpicas aconteceu apenas em 1924, em Paris. O início da natação associativa em Portugal remonta a 1922, quando é fundada a Liga Portuguesa dos Clubes de Natação, embora a Federação Nacional tenha sido criada 8 anos depois, segundo informações da Direcção Geral de Educação²³. Os primeiros anos da natação em Portugal não foram fáceis, uma vez que a sociedade não estava ainda desperta para a prática e o número de atletas a praticá-la era reduzido, o que também não ajudava a favorecer a modalidade (Lopes, 1989).

Para Patroni (1983) a modalidade no nosso país passou por quatro fases: a primeira fase foi a lúdica, que era o “ponto de arranque” e foi o momento em que se deram os primeiros passos na metodologia do treino. De seguida a fase empírica, um momento de sistematização de trabalho que correspondia à altura onde houve um maior aparecimento de clubes, a organização de provas internacionais e uma maior exigência com metodologias de trabalho. A terceira fase foi a pré-científica e caracterizou-se por uma maior exigência e sistematização dos métodos de treino e do controlo dos fatores que o influenciam, físicos ou psíquicos. Por último, surge a fase científica, impulsionada pela abertura aos contactos internacionais com atletas e treinadores, e também uma nova era no que respeita à construção de infraestruturas e na forma como se prepara o nadador a partir de três variáveis – espaço, tempo e objetivos.

²³ <http://www.desportoescolar.min-edu.pt/modalidade.aspx?id=115> [Consultado em 15 de Maio de 2013]

3.2 Pólo Aquático

Já o Pólo aquático surgiu pela primeira vez em Portugal em 1907 num festival náutico em Cascais. Em 1913 arranca o primeiro torneio de Pólo, no qual participaram três equipas e em 1952, sem que nada o fizesse esperar, Portugal participou nos Jogos Olímpicos de Helsínquia com uma equipa desta modalidade. O Centro Desportivo Universitário do Porto foi o principal dinamizador da modalidade no nosso país durante esta época (Lopes, 1989).

O Pólo aquático tornou-se durante alguns anos uma modalidade de referência em Portugal, sendo o segundo desporto de equipa, a seguir ao futebol, a ser introduzido em Portugal. Mas entre 1930 e 1952, enquanto a natação pura ganhava notoriedade, o Pólo aquático perdia o seu destaque e cada vez mais clubes abandonavam a prática oficial. Foram múltiplas as razões para este declínio: hegemonia que existia por parte de apenas um clube, às desigualdades regionais e principalmente Norte/Sul, o próprio desinteresse do público e também dos meios de Comunicação social, que começavam a ganhar curiosidade por outras modalidades e incapacidade da FPN dar resposta a estes e a outros problemas internos (dor próprios clubes e entidades) e morais (quezílias entre instituições, protestos e incidentes graves de indisciplina e violência) que ocorriam no seio da modalidade (Lopes, 1989).

3.3 Saltos para a água

É muito deficitária, ou praticamente inexistente, a bibliografia sobre as diferentes disciplinas da natação e a sua evolução em Portugal. Segundo Lopes (1989) os saltos para a água foram sistematicamente praticados em Portugal, referindo-se essencialmente ao período cronologicamente anterior ao da publicação do seu livro.

Segundo Belo (1993) esta modalidade, pertencente ao objeto de ação da Natação, começou a ser praticada oficialmente entre 1920 até 1950, tendo neste mesmo ano sido extinta. Apenas em 1985 a modalidade voltou a ressurgir. Atualmente, revisitando os arquivos dos jornais desportivos, sabe-se que a disciplina está desativada desde 2001, alegadamente por razões orçamentais e devido ao facto de existirem poucos praticantes

federados, cerca de 20. (Record, 2001)²⁴. Para o presidente da FPN à data, Victor Nogueira, as razões estão no número reduzido de praticantes e no desconhecimento total da modalidade, tendo a Federação optado por suspender a modalidade até se criarem as condições para que a modalidade possa regressar. No entanto, o ex-presidente acredita que a modalidade continua a ser praticada em associações e clubes, pelo que não está completamente extinta. (Record, 2001).²⁵

Existem igualmente registos datados de Junho deste ano da realização de uma prova da disciplina no arquipélago dos Açores, mas não tendo participação de atletas portugueses (Lusa, 2013)²⁶. Outro registo com data de 2009 refere-se à vontade dos praticantes da modalidade querem recuperá-la, “A Federação Portuguesa de Natação colocou há 10 anos um ponto final nos saltos para a água, deixando os praticantes federados sem poder participar em competições. Os atletas juntaram-se agora para tentar inverter a decisão.” (RTP, 2009).²⁷

Durante o mês de Julho de 2013, o canal de televisão SIC transmitiu vários episódios do programa “*Splash*”, que consistia na avaliação de saltos para água de diversas celebridades. Em termos de reconhecimento da modalidade, este programa veio trazer-lhe algum protagonismo e os treinadores convocados para o programa mostraram a sua vontade em que a competição de saltos para a água fosse retomada em Portugal. (Impala, 2013).²⁸

3.4 Águas Abertas

Relativamente à disciplina de Águas Abertas existem registos de que durante décadas se realizavam travessias no rio Tejo e que chamavam muitos espectadores a assistir à prova. Nos anos 40 e 50 o nadador Baptista Pereira participou em provas internacionais e alcançou recordes.

²⁴ “Federação suspende saltos para a água”, 24 de Janeiro. Página consultada a 8 de Maio de 2013. http://www.record.xl.pt/Arquivo/interior.aspx?content_id=66368

²⁵ “Federação suspende saltos para a água”, 24 de Janeiro. Página consultada a 8 de Maio de 2013. http://www.record.xl.pt/Arquivo/interior.aspx?content_id=66368

²⁶ “Prova de saltos para a água arranca esta sexta-feira nos Açores”, 26 de Junho. Página consultada a 12 de Julho de 2013. <http://sol.sapo.pt/inicio/Desporto/Interior.aspx?content_id=78626>

²⁷ “Praticantes de saltos para a água querem recuperar a modalidade”, 7 de Setembro. Página consultada a 8 de Setembro de 2013. <<http://www.rtp.pt/noticias/?article=277042&layout=122&visual=61&tm=46&>

²⁸ “Eles querem saltos a sério!”, 21 de Junho. Página consultada a 15 de Julho de 2013. <http://www.impala.pt/detail.aspx?id=84301&idCat=2063>

“[Em 2008 o atleta Miguel Arrobas foi] o segundo português a realizar com sucesso a travessia do Canal da Mancha, no dia 7 de Agosto de 2008, em 9 horas e 30 minutos, o qual veio mesmo a ser o melhor tempo desse ano reconhecido pela Associação para a travessia do Canal da Mancha (*Channel Swimming Association*) que homologa e supervisiona a travessia. (Associação de Natação de Lisboa, [s.d])

Acedendo ao *site* da FPN é possível identificar algumas notícias, assim como circulares, que se referem à participação de atletas em provas da modalidade. Também no *site* de desporto do motor de busca Sapo é possível ler uma notícia que se refere às ambições dos atletas e dirigentes portugueses nas provas internacionais, no passado mês de Julho, afirmando acreditarem na obtenção de bons resultados, e até superiores aos de edições anteriores, nos mundiais na modalidade. (Lusa, 2013).²⁹

3.5 Masters

No que diz respeito à disciplina de Masters surgem referências às vertentes de *Masters Águas Abertas* e *Masters Natação Pura* no *site* da FPN. Relativamente à primeira aparecem apenas duas notícias datadas de Julho deste ano, destacando a vitória de um atleta no europeu de Masters na prova de 3000 metros de águas abertas, que se realizou em Eindhoven (Holanda). Relativamente à segunda modalidade ocorrem inúmeras notícias no *site* da FPN relativas a feitos recentes dos atletas portugueses a nível nacional e internacional.

Sendo a Natação Sincronizada o objeto de estudo deste projeto, limitamo-nos apenas a referenciar os anos quarenta como a data de aparecimento da modalidade em Portugal, fazendo no capítulo seguinte (Capítulo III – Natação Sincronizada) uma abordagem mais exaustiva à sua história e evolução no nosso país.

²⁹ “Portugal quer três lugares no top-20 nos Mundiais de águas abertas”, 17 de Junho. Página consultada a 1 de Agosto de 2013. <<http://www.rtp.pt/noticias/?article=277042&layout=122&visual=61&tm=46&>>

4. Atualidade e desafios

A natação é atualmente uma das modalidades desportivas “mais agradáveis e completas [e] também uma das que requerem maior sacrifício, força de vontade e dedicação” (Chabert *et al*, 1999, p. 122).

Internacionalmente o organismo que tutela a Natação, nas suas várias disciplinas, é a FINA (*Federation Internationale De Natation*)³⁰. Ao nível da Europa a modalidade é coordenada pela LEN (*Ligue Européenne De Natation*)³¹. As duas entidades são responsáveis pela regulação e difusão das atividades aquáticas no Mundo e na Europa, respectivamente. A FINA tem como principais objetivos de atuação promover as atividades aquáticas e o seu desenvolvimento em todo o mundo, sem discriminação de idade, género ou raça e com bases éticas. A instituição deve empenhar-se na realização de provas de carácter internacional, de forma a promover as relações entre países, regulamentar as atividades e fomentar a criação de infraestruturas e bases essenciais à prática das diferentes disciplinas que representa. A FINA deve mover-se pela tentativa de desenvolver todas as ações que se considerem fundamentais para a promoção do Desporto.³²

Já a LEN dirige-se pelos mesmos pontos da FINA, dando ainda um destaque especial às ações de desenvolvimento teórico-científico da Natação e à estrita colaboração que deve sustentar com a FINA para a promoção e alcance dos objetivos declarados para a modalidade e suas disciplinas.³³

Em Portugal a FPN, enquanto federação uni desportiva, titular do estatuto de utilidade pública desportiva, tem o papel de “definir os valores e objetivos da natação nacional, em todas as suas variantes, bem como o seu fomento e desenvolvimento e superintende a prática da natação para amadores, de acordo com a definição do conceito estabelecida pela Federação Internacional de Natação”, materializando-se estas vertentes na promoção, regulamentação e direção do ensino e prática das diferentes modalidades no âmbito da natação.³⁴

³⁰ Federação Internacional de Natação Amadora

³¹ Liga Europeia de Natação

³² Consultar, Anexo 1 - Objetivos FINA Constitution 2013 - 2017

³³ Consultar, Anexo 2 - Objetivos LEN - Constitutional Rules 2012

³⁴ Consultar, Anexo 3 - Atribuições FPN - 2009

António José Silva, atual Presidente da FPN, afirmou antes de ocupar o lugar que o cenário desportivo atual enfrenta mudanças aceleradas e conseqüentemente também são necessárias novas formas de enfrentar os novos desafios que vão surgindo. António Silva salienta ainda a carência de programas de apoio e promoção da nataçãõ e das suas disciplinas. Para o Presidente da FPN a falta de comunicaçãõ é um dos entraves à evoluçãõ da Nataçãõ em Portugal. (Sapo, 2012).³⁵

Ainda no que diz respeito à evoluçãõ da modalidade, é importante revelar alguns dados estatísticos, tendo por base os últimos estudos efetuados até à data. No leque de desportos mais praticados pelas mulheres está a nataçãõ (20%), sendo esta a modalidade a terceira preferida dos homens (7%). (Marivoet, 2001). Em 2011 existiam 11 277 praticantes de nataçãõ inscritos e federados, um número ligeiramente inferior ao de 2010, 11 380, mas bastante superior ao dos anos antecedentes, segundo os dados de 2012 do Instituto Nacional de Estatística.

De facto, o mundo das atividades aquáticas tem tido algum crescimento. Ainda assim, segundo Paulo Frischknecht³⁶, ainda há muito trabalho a fazer e muitos obstáculos a ultrapassar para que as disciplinas possam crescer e nível nacional e também no panorama internacional. Esta evoluçãõ, em tempos de crise, deve ser fundamentada em equidade, sentido de justiça e, transparência. Valorizando-se desta forma um Desporto “claro” onde o humanismo, a honestidade, a ética e o fair-play, enquanto processos de verdade, trarão qualidade e competência ao Desporto (Frischknecht, citado por Filipe, 2012).

³⁵ “António José Silva é o primeiro candidato à Federaçãõ”, 12 de Setembro. Página consultada a 1 de Julho de 2013

<http://desporto.sapo.pt/mais_modalidades/artigo/2012/09/12/ant_nio_jos_silva_o_primeiro_.html>

³⁶ Ex-Presidente da FPN.

Capítulo III - A Natação Sincronizada

Nos últimos tempos surpreenderam e causaram sensação as demonstrações aquáticas em que grupos de nadadoras se exibem em profusão, beleza estética e graciosidade de movimentos, gestos, marchas e contra-marchas em evolução e passos de dança, compondo várias figuras cheias de graciosidade e encanto na água, numa ordem de execução disciplinada. Embora como exibição ocorressem de forma tão espaçada, tais espectáculos de natação vieram a chamar-se Natación artística (Espanha), Ballet acuático (França) e Natación Sincronizada (Estados Unidos), alcançando um posto de categoria. (Iguaran, 1972, p. 146).³⁷

1. Conceito

A Natación Sincronizada é um desporto aquático que inclui no seu âmbito conceitos ligados à natación, dança e ginástica. Esta modalidade, dotada de extrema dinâmica de movimentos, que começou apenas por surgir com pequenas demonstrações e exibições, foi ganhando espaço, foi-se aperfeiçoando e acabou por tornar-se um desporto de competição.

Segundo a Grande Enciclopédia do Desporto, esta modalidade consiste, fundamentalmente, na representação e encenação aquática de um tema coreográfico com um acompanhamento musical adequado e pode denominar-se "Ballet Aquático". (Chabert, 1999, p. 165)

Martins *et al.* (2006, p.19), na sua definição, distinguem a vertente estética da modalidade, “a mais bela e expressiva”, agregada a combinação de outros elementos

³⁷ “En los últimos tiempos sorprenden y causan sensación las demostraciones acuáticas en que grupos de nadadoras se exhiben en profusión, belleza estética y donaire de movimientos, gestos, marchas y contramarchas en evolución y pasos de danza, componiendo diversas figuras llenas de gracia y encanto sobre el agua en disciplinado orden de ejecución. Aunque como exhibición venían dándose de manera espaciada, tales espectáculos de natación que han venido en llamarse Natación artística (España), Ballet acuático (Francia) y Natación Sincronizada (Estados Unidos), han alcanzado ya un puesto de categoría.” (Iguaran, 1972, p. 146).

essenciais, “É um desporto que combina a técnica com a estética, a dificuldade com a graciosidade, o esforço com a elegância...” Os autores reconhecem ainda que a aprendizagem da NS é um processo enriquecedor, uma vez que a modalidade combina diversos elementos de uma forma cativante.

Lundholm & Ruggieri (1976), referem-se tecnicamente à modalidade, identificando determinados conceitos e competências inerentes à prática, são eles as posições básicas corporais, as técnicas de nado, figuras e remadas. Os mesmos autores destacam então os múltiplos conceitos técnicos que correspondem a determinadas posições, gestos ou movimentos que realizados em sequência fazem aquilo que é a modalidade em si.

Já Vannier e Poindexter (1968) apresentam a modalidade enquanto um desporto mas simultaneamente uma forma de arte, juntando o ritmo, à atividade aquática e concretizando-se num esquema com um acompanhamento musical pré-criado. Os autores destacam ainda a necessidade de sincronização entre todas as componentes envolvidas na performance, quando se verificar a participação de mais que uma nadadora. Os movimentos de todas as nadadoras devem estar sincronizados harmoniosamente e com base numa sequência pré-estabelecida.

Gray (1980) afirma que a modalidade tem sido definida de muitas formas mas o termo aplica-se a uma qualquer forma de movimento na água, sincronizado com ou sem música e individualmente ou com outras nadadoras. Gray faz ainda uma comparação entre a Natação Sincronizada e a Ginástica referindo que as duas modalidades e as suas praticantes dispõem de vários elementos em comum, os movimentos estéticos, por exemplo. O autor diz mesmo que ao nível das exigências física as praticantes de ambas as modalidades devem ter e desenvolver semelhanças fundamentais ao nível do controlo e consciência corporal, flexibilidade, força, resistência, coordenação e sentido de tempo. Às nadadoras de sincronizada acrescenta-se ainda a competência da respiração disciplinada. (Gray, 1980)

Em suma, a Natação Sincronizada abarca no seu conceito múltiplas noções de diversas áreas e elementos imprescindíveis. Numa noção sistematizada, Natação Sincronizada é uma arte, individual ou coletiva, que pode pressupor uma sincronização de movimentos entre atleta(s) e/ou com a música e que exige um enorme trabalho técnico de preparação, força, resistência e coordenação. A modalidade tem por base, determinadas

posições e movimentos individuais que compõe o chamado "esquema", elementos esses que individualmente se denominam de "figuras"³⁸.

2. História

2.1 Internacional

Não existem dados concretos sobre o surgimento desta modalidade, mas a FINA (2008) destaca que nos seus primórdios a modalidade era para homens e tinha as suas bases nas técnicas de nado e salvamento. As primeiras provas masculinas ocorreram em 1891 em Berlim e em 1892 em Londres. Ainda assim, a NS, dada a sua vertente artística mostrou ser mais indicada para o género feminino, devido à maior facilidade de flutuação e mais graciosidade e consistência na construção de representações com os seus corpos.

Existem autores que se referem ao aparecimento da Natação Sincronizada inicialmente na Europa, como prática artística e como forma de entretenimento entre as provas de natação pura, sem fins competitivos. (Vieira *et al*, 2006) Acredita-se ainda que a modalidade surgiu a partir destas simples acrobacias na água – sem qualquer fundamento técnico - que faziam parte daquilo que já era denominado de Ballet Aquático ou Natação Artística. (Colli, 2004). Hercowitz *et al* (2006) refere-se ainda à existência de outras terminologias para a modalidade: Entretenimento Náutico, Natação Fantasia e Natação Ornamental.

Existem ainda referências aos conceitos de "natação científica e ornamental" datados do século XIX (Colli, 2004) em Inglaterra. Noções que Mc Gowan (1992) também aprova esta conceção, destacando ainda o não acompanhamento musical das performances nesta fase:

“A Natação sincronizada cresceu como um desporto a partir da natação ornamental e dos ballets aquáticos teatrais do final do século XIX e início do

³⁸ "São movimentos desempenhados segundo um padrão pré-determinado delineado pela FINA." (Gray, 1980, p.5).

século XX. Nos primeiros tempos, os nadadores masculinos realizavam rodas de dança na água como uma forma de natação como arte, decorada com grinaldas ou outros adereços. Em 1891, o *The Royal Life Saving Society of Great Britain* (RLSS) publicou um manual para os nadadores, encorajando a "natação ornamental" ou "natação científica".³⁹ (FINA, 2008).

Outros autores, porém, alegam que os primeiros praticantes de Natação Sincronizada apareceram no Canadá e que na Grécia Antiga já existiam práticas semelhantes e com o mesmo tipo de fundamentos (Vieira & Freitas, 2006). Existem referências do início do século XX que identificam Annette Kellerman, uma nadadora campeã canadiana, como aquela que viria a ser a principal personagem da história da Natação Sincronizada, encontrando-se descrições referentes à primeira nadadora subaquática que fez a sua primeira performance em Nova Iorque, num tanque de vidro, no ano de 1907 (FINA, 2008). Vieira & Freitas (2006) destaca o papel preponderante da nadadora no desenvolvimento da natação e da Natação Sincronizada. Keller abriu caminho para a possibilidade de participação das mulheres em competições de desportos aquáticos, fez algumas demonstrações da modalidade em Inglaterra, integrou uma equipa de espetáculos aquáticos e até participou em alguns filmes, sendo reconhecida como a "menina do ballet dentro de água".

Mas o grande passo para a formalização da modalidade aconteceu com Katherine Curtis, esta abriu uma escola onde a modalidade começou a ser praticada com mais expressão e padronização de movimentos, que depois se desenvolveu para coreografias com música (Vieira e Freitas, 2006). Isto acontece na Universidade de Chicago em 1923, ao mesmo tempo que Gertrude Goss, uma professora introduzia a “natação rítmica” num colégio em Massachusetts. (FINA, 2008).

Desde então, a modalidade protagonizada pelo grupo "*Moderns Mermaids*" começou a ganhar projeção e a mover o público para assistir a espetáculos e exposições. E foi este contributo evolutivo que fez com que pela primeira vez se falasse oficialmente na

³⁹ "Synchronized swimming grew as a sport from ornamental swimming and theatrical water ballets of the late 19th and early 20th Centuries. In the early days, male swimmers performed round-dances in the water as a swimming art form, decorated with garlands or Chinese lanterns. In 1891, the Royal Life Saving Society of Great Britain (RLSS) published a handbook for swimmers encouraging "ornamental swimming" or "scientific swimming" (FINA, 2008).

terminologia de "Natação Sincronizada" (Colli, 2004). Norman Ross, campeão e medalhista olímpico de Natação, foi o responsável por este batismo da modalidade. (Vieira & Freitas, 2006).

Em 1939 começaram a dar-se os primeiros passos na oficialização da modalidade, pelas mãos do professor norte-americano Frank Havlicek, sugerindo regras técnicas de execução coreográfica e também a concretização dos primeiros duetos. (Vieira & Freitas, 2006).

Em 1940 Esther Williams, campeã norte-americana de natação, ajudou a divulgar a modalidade. Fez uma apresentação de Natação Sincronizada em San Francisco e tornou-se numa estrela de Hollywood protagonizando diversos filmes, que criaram uma "febre" à volta da modalidade que levou muita gente, por toda a Europa e Estados Unidos, a procurar piscinas onde pudessem praticar Natação Sincronizada. "Esther Williams é a estrela de Hollywood que associou o seu nome à natação sincronizada, tornando-se sinónimo e símbolo do desporto." (Vieira & Freitas 2006, p. 24).

Em 1941 a disciplina é adotada como desporto competitivo, regulamentado e comandado, em duetos e equipas pela *Amateur Athletic Union* (EUA)⁴⁰. Em 1946 realiza-se o primeiro Campeonato Nacional nos EUA e em 1950 é introduzida pela primeira vez a prova de solo (Colli, 2004).

Segundo Vieira & Freitas (2006) em 1948 foi feita uma apresentação informal da modalidade nos Jogos Olímpicos de Londres e em 1951 nos Jogos Pan-Americanos. A modalidade foi-se caracterizando cada vez mais pela vertente técnica e atlética, sempre com música a acompanhar os esquemas e entre 1952 e 1968 era considerada como modalidade de demonstração (FINA, 2008).

Dados os avanços desde 1952, a FINA tornou oficiais as regras deste desporto, oficializando assim a prática da modalidade: "O desporto entrou para a FINA de uma forma estabilizada, em 1952, com a adoção de regras de acordo com as propostas do Canadá, EUA e Argentina, países onde 'ornamental' e 'figura' tinham entrado para o imaginário do público face à natação." (FINA, 2008).⁴¹

⁴⁰ União Atlética Amadora dos Estados Unidos da América.

⁴¹ "The sport joined the FINA stable with the 1952 adoption of rules in accordance with proposals from Canada, the USA and Argentina, countries where 'ornamental' and 'figure' swimming had caught the public's imagination." (FINA, 2008).

Mais tarde, em 1973, em Belgrado, foi organizado o primeiro Campeonato do Mundo. (Vieira & Freitas, 2006; Colli, 2004). Em 1975, realiza-se o segundo campeonato do mundo em Cali e no ano de 1984, a modalidade estreia-se nas Olimpíadas de Los Angeles. (McGowan, 1992).

Tendo por base as fontes do *International Olympic Comitée*⁴², podemos perceber que nos primeiros Jogos Olímpicos, assim como em Seul 1988, o programa continha apenas provas de solo e dueto. Em Barcelona 1992, e Atlanta 1996, apenas a prova de equipas foi organizada. Desde os Jogos Olímpicos de Sydney 2000 que as provas de equipa e duetos compõem o programa de competições da modalidade.

Desde a oficialização da modalidade por parte da FINA que esta tem vindo a trabalhar nas normas técnicas e aperfeiçoando do sistema. (McGowan, 1992) E, ainda hoje, é comum denominar-se a Natação Sincronizada "como um "Ballet Aquático" devido à sua "...beleza, plasticidade, leveza e criatividade, sempre com acompanhamento musical para ritmar a execução dos movimentos." (Colli, 2004, p.431).

A Natação Sincronizada é uma das atividades da responsabilidade da FINA, que conta com a filiação de 203 países. A Rússia é a potência incontestável, a nível mundial, desta modalidade, seguindo-se a Espanha, que conheceu um progresso louvável durante este ano, a par da China que também procura sempre a disputa de medalhas.⁴³

2.2 Nacional

Martins *et al* (2006) afirmam que a Natação Sincronizada aparece pela primeira vez em Portugal por volta dos anos 50, através do Sport Algés e Dafundo (SAD), que organizava torneios de natação e convidava clubes estrangeiros à participação. Como consequência, começaram a formar-se informalmente alguns grupos no clube, apenas para uma atividade de caráter exibicional. Oliveira (s.d.) manifesta que foi em 1952 que uma austríaca, refugiada da II Guerra Mundial, que deu os primeiros passos no aparecimento da modalidade na SAD. No seguimento desta atividade esporádica da modalidade, esta acabou por desaparecer nos anos seguintes (Martins *et al*, 2006).

⁴² Comité Olímpico Internacional

⁴³ Informação retirada do *site* dos Jogos Olímpicos, <http://www.olympic.org/olympic-games>. Consultado a 2 de Maio de 2013.

Foi na zona norte do país que no final dos anos 70 começaram a surgir novos polos da modalidade. Ventosa *et al* (2002). No ano de 1984, o Grupo Desportivo Sopete fez uma exibição na Póvoa do Varzim e dois anos depois, em 1986, surgiram no Porto, no ISEF, as primeiras jornadas de divulgação da modalidade" (Martins *et al*, 2006). Esta ação teve como objetivo a sensibilização para a modalidade. Ainda a destacar, como pioneiros da modalidade, o Leixões e o Sporting Clube de Espinho, que apareceu em 1987. (Ventosa *et al*, 2002).

A 14 de maio de 1987 foi organizado pelo ISEF-UP aquele a que se pode chamar "o Primeiro Torneio de Natação Sincronizada em Portugal" Oliveira (s.d.). Entre 1987 e 1988, após um período em que a modalidade tinha apenas um carácter exibicional esporádico, a FPN começou a estruturar um departamento dedicado à NS. (Ventosa *et al*, 2002).

Segundo Oliveira (s.d.), até ao final de 1988 houve "um período experimental" em que, nestes clubes, grupos de jovens praticavam as técnicas da Sincronizada com o objetivo de dinamizar a modalidade que não tinha ainda carácter competitivo. A partir deste mesmo ano, Ventosa *et al* (2002) indica que foram realizadas as primeiras ações de formação destinadas a técnicos, atletas e juízes e que no verão de 1989, aconteceu o primeiro campeonato, no Sport Algés e Dafundo, o I Encontro Nacional de Natação Sincronizada⁴⁴. Martins *et al* (2006) acrescenta ainda que nesse mesmo ano houve ainda o Torneio de Encerramento na Campanhã⁴⁵. Assim apenas a partir de 1989 se começa a assistir a um desenvolvimento no que respeita à formação e competição de nadadoras mais jovens e a partir daqui surgem os primeiros clubes federados e as primeiras competições ajuizadas. (Oliveira, s.d.).

No seguimento da evolução que se pretendia dar à modalidade, e procurando informação junto do conhecimento e experiência das entidades de outros países, foi organizado em 1991 o primeiro curso de juízes dado por uma treinadora da RFEN. Já

⁴⁴ "Um primeiro Torneio na Piscina dos Olivais chamado "Seagram's Cup", em 15 e 16 de abril de 1989, com a participação de quatro clubes (CDUP, SAD, CPPASEAGRAM e SOPETE), despertou o País para esta disciplina da Natação e a própria Federação que nomeou uma Diretora Técnica Nacional." (Oliveira, s.d.)

⁴⁵ "O 1º Torneio organizado pela Federação Portuguesa de Natação realizou-se a 29 e 30 de julho de 1989 na Piscina de Campanhã, no Porto. Esta foi a primeira competição com as normas FINA e só tinha prova de figuras. Participaram cinco clubes e 20 nadadoras no escalão Minis (até aos 15 anos) e 12 Máxis (mais de 15 anos)." (Oliveira, s.d.)

no ano seguinte, no X Meeting Internacional do Porto, foi convidada uma equipa espanhola a fazer uma exibição da modalidade. (Martins *et al*, 2006).

O primeiro Campeonato Nacional de Natação Sincronizada ocorreu em 1993, na cidade de Loulé e nessa altura estiveram 48 atletas de seis clubes: CDUP, GDS, SCE, Portinado, CNA e SAD. A partir deste ano a federação tomou a responsabilidade de organizar anualmente 3 a 4 provas da modalidade (Martins *et al*, 2006; Ventosa *et al*, 2002). A par das competições continuam a existir exibições da modalidade (Ventosa *et al*, 2002). No ano seguinte, técnicas espanholas vieram a Portugal dar um curso para treinadores e um de reciclagem para juizes e neste mesmo ano aparece um novo clube, FOCA-CNF (Martins *et al*, 2006).

A primeira internacionalização de atletas portuguesas aconteceu em 1997, no Torneio Antónia Dávilla em Las Palmas nas Canárias, com nadadoras da Associação Desportiva Manuel Teixeira Gomes. No ano seguinte o feito tornou a repetir-se graças às atletas dos clubes SAD e CNA. (Ventosa *et al*, 2002). Segundo Martins *et al* (2006), nesta mesma época o clube SSCTMO de Ovar, abriu portas à modalidade.

Segundo Ventosa *et al* (2002) no ano de 1998, for organizado em Coimbra, o I Torneio Ibérico (apenas para atletas de categoria Infantil – 8 aos 12 anos) que contou com a participação e vários clubes nacionais e de dois clubes oriundos de Espanha: Kallípolis de Barcelona, e Castalla de Sevilha. Ainda durante este ano, no Porto, foi organizado o primeiro estágio nacional para atletas das categorias B e C⁴⁶. (Martins *et al*, 2006).

Em 1999 pela primeira houve classificação coletiva por clubes e no final da época desportiva foi criada a primeira seleção nacional para atletas juvenis (13, 14 e 15 anos) que vieram a participar na IX COMEN⁴⁷ Cup em Narbonne, em França. (Martins *et al*, 2006). Nesta competição “Portugal participou com dois solos: Tamara Antunes (Associação Desportiva Manuel Teixeira Gomes) e Petra Loureiro (Clube de Natação da Amadora)” (Ventosa *et al*, 2002, p.4).

Em 2000, nadadoras portuguesas participaram em duas provas internacionais, o Campeonato Júnior de França, para a categoria C e a X Taça COMEN em Israel para a

⁴⁶ B e C são as letras atribuídas às categorias juvenis e juniores, respectivamente.

⁴⁷ A Confederação Mediterrânica de Natação foi fundada em 1988, em Roma e tem como federações filiadas alguns países mediterrânicos como Marrocos, Egipto, Tunísia, Itália, San Marino, Espanha, Turquia, Andorra, Portugal, França, Grécia entre outros. (Ventosa *et al*, 2002).

categoria B (Martins *et al*, 2006). A participação portuguesa aconteceu com dois solos, de Sílvia Pinto e Genoveva Teixeira; e com um dueto, Genoveva Teixeira e Diana Peixoto, todas atletas do Clube FOCA – CNF (Ventosa *et al*, 2002).

Desde então as presenças na prova internacional COMEN foram constantes:

“No ano seguinte, em 2001, em Rijeka, Croácia, participou-se com dois solos, Sílvia Pinto e Sara Quintela, ambas do Clube de Natação de Felgueiras, e um dueto, Inês Pais e Sara Castro do Clube de Natação da Amadora. Na edição de 2002, em San Marino, participou-se pela primeira vez com uma equipa constituída pelas atletas do Clube de Natação de Felgueiras, Sílvia Pinto, Sara Quintela, Margarida Cunha, Ana Isabel Lopes, Marisa Rodrigues e Isabel Pereira; dois solos do Clube de Natação de Felgueiras, Sara Quintela e Sílvia Pinto; e dois duetos também do Clube de Natação de Felgueiras, Margarida Cunha e Ana Isabel Lopes, e Marisa Rodrigues e Isabel Pereira.” (Ventosa *et al*, 2002, p.5).

Em 2003, a décima terceira edição da Taça CO.ME.N de Natação Sincronizada foi organizada pela FPN no Complexo das Piscinas Municipais de Felgueiras e teve a presença dos seguintes países “Alemanha; Áustria; Canadá; Egipto; Eslováquia; Espanha; França; Grécia; Holanda; Hungria; Israel; Itália; Inglaterra; Rússia; São Marino; Suíça; Turquia; Croácia; e Sérvia e Montenegro.” (Ventosa *et al*, 2002, p.5). Portugal participou nesta prova com um solo, um dueto e um esquema de equipa constituído por atletas de vários clubes. Neste mesmo ano houve a introdução de um novo tipo de prova, o Esquema Livre Combinado (Ventosa *et al*, 2002).

No Cairo (2004) Portugal participou com um solo, um dueto e uma equipa composta por atletas do Foca- CNF, CNA e dos SSCTMO. Nestes dois últimos anos os solos e equipas foram sempre à final das respetivas competições. (Ventosa *et al*, 2002). Também no ano de 2004, quatro nadadoras nacionais participaram pela primeira vez nos Campeonatos do Mundo da categoria Júnior, na Rússia. (Martins *et al*, 2006).

Em 2005 a seleção nacional não participou nesta competição, em 2006 regressou às competições internacionais com a obtenção do 12.º lugar nas finais de Solos, de Equipas

e de Esquema Combinado e com o 15º lugar nas eliminatórias de duetos. E em 2007 também esteve presente na Taça COMEN com as equipas vencedoras do Campeonato Nacional. (Ventosa *et al*, 2002).

É de destacar que durante a maior parte das presenças de Portugal em competições internacionais as nadadoras que compunham a Seleção Nacional eram aquelas que se sagravam vencedoras dos Campeonatos Nacionais, não havendo por isso uma estrutura organizada e definida que permitisse que as melhores atletas a nível nacional pudessem participar.

Segundos dados recolhidos junto de ex. atletas e atuais treinadoras, durante o período de 2008 a 2011 houve uma interrupção da participação portuguesa na taça COMEN, alegadamente por falta de verbas. Portugal regressou às competições no ano de 2012 com a equipa vencedora do campeonato e este ano, reuniu-se uma seleção nacional com atletas de diferentes clubes.

A destacar ainda, que durante a história da Natação Sincronizada muitos clubes eram convidados para participar em exposições, inaugurações, programas de televisão, filmes e vídeo-clips de norte a sul do país. Estas manifestações consistiam na maioria das vezes em fazer pequenas apresentações da modalidade ao público e certo era, que em exposições abertas ao público a "casa estava sempre cheia" e fascinava e intrigava os presentes.

3. Componentes da modalidade

De facto a NS é uma modalidade abrangente e completa e pode proporcionar ao seu praticante benefícios vários a nível corporal, autoconhecimento e também em termos de envolvimento grupal, "... a natação sincronizada é acessível e adequada a todas as pessoas de qualquer idade, género, composição corporal e nível de aptidão física pois promove, não só o trabalho individual técnico, como também o trabalho de equipa no que respeita aos movimentos ou habilidades motoras sincronizadas" (Gray, 1971).

A maior parte dos clubes em Portugal abre a entrada de atletas para a modalidade, numa vertente recreativa, a partir dos sete anos de idade. E o processo de aprendizagem é progressivo e contínuo, podendo depois passar-se, ou não, para um âmbito competitivo,

consoante os objetivos e ambições do praticante. Mas a modalidade exige logo de início uma adaptação a um novo meio e num processo de trabalho persistente é possível, com o tempo, alcançar novas fases e conseguir realizar outro tipo de posições e figuras de grau de complexidade superior. A NS é uma modalidade que exige do praticante muito trabalho e perseverança.

"Tal como num vulgar processo de adaptação ao meio aquático, o facto de a praticante não executar a totalidade das habilidades motoras na perfeição, não deverá ser inibitório de ir mais além, mais concretamente na participação de uma coreografia básica, que não só motivará para novas aprendizagens, como se poderá tornar gradualmente mais complexa." (Veríssimo, Silva & Martins, 2010).

3.1 Benefícios

São múltiplos os benefícios associados à prática da modalidade e que atuam aos mais diversos níveis do bem-estar físico e psicológico. E por isso, Vieira *et al* (2006) afirma que a modalidade é um desafio exigente mas cativante e que agrupa o nível físico e técnico, a beleza, a liberdade de criação e expressão, o sentimento de amizade do grupo e a envolvimento do meio aquático, características que fazem da NS uma modalidade com muitas histórias para contar. (Vieira *et al*, 2006, p.10).

Assim, a força, a precisão, a flexibilidade, o controlo da respiração, a coordenação e a graciosidade são algumas das habilidades exigidas e ensinadas na prática desta disciplina e que devem ser constantemente trabalhadas simultaneamente para a obtenção da melhor performance a nível pessoal e dos melhores resultados a nível grupal.

Cancio *et al* (2009) faz referência a um vasto campo de atividades abrangido pela disciplina e que exige ao praticante uma imensidão de habilidades situadas em diferentes áreas, que não apenas o trabalho aquático. São elas as técnicas de nado, as acrobacias, o ritmo, a musicalidade, as aptidões de ginástica, de dança, de criatividade e de interpretação da música. Assim, os chamados esquemas são uma fusão de elementos a nível físico, técnico e artístico que requerem um desenvolvimento das capacidades físicas, interpretativas e de domínio de elementos simples e/ou complexos, as posições básicas que em fusão com todas estas características proporcionam um espetáculo de beleza desportiva.

Segundo Gray (1980), são sete os benefícios da Natação Sincronizada: educacional, recreativo, de adaptação ao meio, corporal, de saúde, musical e de competição. O primeiro diz respeito à capacidade de desenvolvimento, corporal, psicológico, de disciplina e expressão possibilitada pela modalidade. Ao nível recreativo permite um envolvimento de todas as idades e géneros providenciando o relacionamento social através das atividades desenvolvidas. A adaptação e exploração do meio aquático é feita seguindo a máxima do *"feel at one with the water"*⁴⁸. A vertente corporal facilita um maior conhecimento do corpo, desenvolvendo a postura, a elegância e a preocupação com a aparência. Em termos de saúde proporciona benefícios para todo o corpo a todos os níveis e pode ser um ótimo exercício para patologias respiratórias. A questão musical incute o gosto pela variedade musical e a aquisição e noção de ritmo. Por último, ao nível competitivo, educa para a competição saudável e fomenta o espírito de equipa.

Sílvia Rita, ex. atleta e atual treinadora da SAD destaca também as várias exigências da modalidade:

“É uma modalidade em que podemos juntar a Natação, a dança, o ballet. Tem portanto uma grande vertente artística, para além de que tem a vertente da natação pura ao nível do treino. De facto, as atletas acabam por nadar quase tanto como um nadador de competição e têm depois a parte específica ao nível de flexibilidade, que é praticamente igual à de uma atleta de ginástica rítmica. E tem também a parte do ballet que ao nível de postura também é igual ao de uma atleta desta modalidade. Por último tem a parte ao nível coreográfico que faz da Natação Sincronizada de facto um Desporto completamente diferente e fantástico.” (S. Rita, entrevista pessoal, 2 de Outubro de 2013)⁴⁹

É fundamental dar um destaque especial às técnicas de natação pura desportiva para um bom rendimento na prática da Natação Sincronizada, esta exige um bom domínio destas técnicas que abrangem "o controlo da respiração, sentido de ritmo, coordenação e força" (Martins *et al*, 2006, p.20).

⁴⁸ “Sentir-se como um peixe dentro de água.”

⁴⁹ Consultar Apêndice 2 - Entrevista a Sílvia Rita, treinadora de Natação Sincronizada (2/Outubro/2013).

3.2 Componente técnica

Na Natação Sincronizada em Portugal, tal como em outras modalidades, os atletas são divididos por escalão, neste caso de acordo com a sua idade. Existem assim quatro categorias: infantil dos 8 aos 12 anos; juvenil dos 13 aos 15 anos; júnior dos 16 aos 18 anos e sénior, compreende atletas a partir dos 19 anos. (FPN, 2012).

Geralmente, as inscrições para a modalidade poderão estar condicionadas à realização de um teste prévio realizado por um professor especializado que avaliará se estão reunidas as condições necessárias de adaptação ao meio aquático. (Martins *et al*, 2006) Como referido, alunos que ainda não estejam adaptados ao meio aquático e não desenvolvam suficientemente as principais técnicas de natação desportiva não estão ainda aptos para praticar a modalidade. Por vezes, os alunos fazem a sua preparação nas piscinas junto dos professores de natação pura e assim que estão aptos iniciam-se na modalidade de Natação Sincronizada.

Segundo as regras técnicas da FPN (2009- 2013) as provas de Natação Sincronizada são compostas por solos, duetos, equipas e combinados, os chamados esquemas, sendo estes coreografados juntamente com a música. Os solos são constituídos por uma atleta, os duetos por duas atletas, as equipas por quatro a oito atletas e os combinados "têm o máximo de 10 nadadoras, que realizam uma combinação de Esquemas (Solos, Duetos, Trios, Equipas). Pelo menos duas partes deverão ter menos de 3 nadadoras e pelo menos duas partes deverão ter 4 a 10 nadadoras." (FPN - Regulamento de competições Nacionais 2012/2013, p.7).

Existe ainda uma sessão de figuras, que são nada mais que os elementos técnicos essenciais à composição dos esquemas e que em termos competitivos são avaliados também individualmente. Estas figuras são compostas pela junção de várias posições básicas e movimentos, definidos pela FINA, e existem cerca de 20 posições⁵⁰ e 20 movimentos⁵¹.

Existem grupos de figuras diversificados para cada um dos escalões e com níveis de execução e dificuldade distintos, de acordo com escalão para o qual estão destacadas. Para cada categoria existem 4 grupos de figuras, que em termos de competição, um é

⁵⁰ Exemplos: Básica dorsal e ventral; perna de ballet simples e dupla; flamingo; encarpada; engrupada; grua e barril. (FPN Regras Técnicas 2009-2013, Apêndice II - Posições básicas)

⁵¹ Exemplos: Passeios; rotação; contra rotação; thrust; delfim; espiras; voltas. (FPN Regras Técnicas 2009-2013, Apêndice III - Movimentos básicos)

sempre de realização obrigatória e dos restantes três, apenas um é selecionado por sorteio uns dias antes da competição. Todas as figuras devem ser executadas de acordo com os requisitos determinados pelos regulamentos da FINA (FPN Regras Técnicas 2009-2013, Apêndice V – Grupos De Figuras):

Neste sentido, Hercowitz & Lamartine (2006) refere que a NS na sua perspectiva competitiva, engloba então quatro provas, as figuras, o esquema técnico, o esquema livre e o esquema livre combinado e descreve-as. As figuras são uma prestação individual de quatro figuras, pré-determinadas, sendo duas de realização obrigatória e outras duas escolhidas mediante sorteio e sem acompanhamento musical. O esquema técnico diz respeito a uma prestação individual ou coletiva, com música, erguida com base em movimentos estabelecidos pelas normas da FINA coordenados com movimentos livres. O esquema livre é semelhante ao anterior mas a sua construção tem por base, apenas, movimentos livres e sem restrições, e por esta razão também tem uma maior vertente artística. O esquema combinado é uma performance que combina em apenas um esquema três provas de NS, o solo, o dueto e a equipa.

Como verificado, os esquemas de Natação Sincronizada acima referidos, concretizam-se através da junção de movimentos de pernas e braços, posições e elementos técnicos, alguns deles obrigatórios e definidos pela FINA combinados com outros de escolha livre e criativa (FPN Regras Técnicas 2009-2013, Apêndice VI – elementos requeridos para os esquemas técnicos):

“Independentemente da motivação de cada um na natação, os princípios básicos para a coordenação dos movimentos são os mesmos. Todas as posições corporais são propulsionadas através da água por movimentos dos braços e pernas. O desenvolvimento de competências é dificultado pelas distintas posições do corpo diferentes da sua posição regular e pela incapacidade do ser humano para respirar debaixo de água. O desenvolvimento dos esquemas está dependente da aprendizagem a respirar por cima da superfície, e expirar debaixo de água.” (Vannier, 1968, p.198).⁵²

⁵² “Regardless of one's motive in swimming, the principles basic to a coordinated stroke are the same. The body, on its front, side, or back, is propelled through water by movements of the arms and legs. Skill development is complicated by the different body position from normal active position and by the human

Relativamente à avaliação, a das figuras será feita por um painel de juizes do ponto de vista da perfeição da figura executada e pode ir de uma escala de 0 (completamente falhada) a 10 (Perfeita). Na avaliação é considerado o desenho (precisão das posições e transições) e o controlo (extensão, altura, estabilidade, clareza, movimento uniforme). Durante a sessão de esquemas, existem painéis de seis ou sete juizes que avaliam, para Esquemas Livres e Combinados, o Mérito Técnico e a Impressão Artística e para os Esquemas Técnicos, a Execução e a Impressão Geral (FPN Regras Técnicas 2009-2013).

A Natação Sincronizada comporta ainda a vertente recreativa, para além da perspetiva mais competitiva. Mas ambas podem coexistir se assim for viável para as escolas de natação. A vertente recreativa pode ser uma boa aposta para clubes que queiram estrear-se na modalidade, é o processo pelo qual as atletas passam quando se iniciam na prática e é o ponto de começo de qualquer treinador que comece a dar treinos de NS. E como em qualquer modalidade, a vertente competitiva só acontece depois de criadas as bases estruturais e técnicas que permitam participar em competições.

"Todas as escolas de natação podem comportar a vertente recreativa desta modalidade. Iniciá-la é bastante fácil, pois à semelhança se todas as atividades aquáticas, basta dedicação e trabalho. As vertentes competitiva e recreativa podem surgir individualmente ou em conjunto. A Natação Sincronizada torna-se assim, mais uma opção viável e interessante para escolas de natação, praticantes e treinadores." (Martins *et al*, 2006, p.21).

Sílvia Rita (entrevista pessoal, 2 de outubro de 2013)⁵³ também refere o caráter recreativo que a modalidade pode ter e que pode ser aproveitado tal como são outras modalidades, por exemplo de ginásio, não existindo por isso nenhuma obrigação competitiva, destacando também que ao nível das camadas mais jovens existe este potencial. Tal como se pratica no ginásio uma aula de grupo, é possível fazer da NS uma disciplina de lazer e com efeitos benéficos a nível físico e psicológico.

being's inability to breathe under water. Effective stroke development is dependent upon learning to inhale on top of the surface and exhale below the water's surface." (Vannier, 1968, p.198).

⁵³ Consultar Apêndice 2 - Entrevista a Sílvia Rita, treinadora de Natação Sincronizada (2/Outubro/2013).

3.3 Competições

Assim, resumidamente, e de acordo, também, com as normas técnicas da FINA, uma prova de competição em Natação Sincronizada está dividida em duas partes, figuras obrigatórias e opcionais e esquemas livres (solos, duetos, equipas e combinados) concretizados por escalão. A categoria sénior apenas se presta às provas de esquemas técnicos e livres. Em termos de outras especificidades, na prova de figuras, estas correspondem ao somatório de habilidades motoras executadas como um todo e têm nomes diferentes e também coeficientes de dificuldades distintos e os esquemas são limitados em termos de duração.

Mas, para além dos aspetos referidos, são múltiplos os requisitos para a realização de uma prova de Natação Sincronizada em termos competitivos. A FPN é responsável pela organização das competições mas cabe às Associações e Clubes locais o apoio à FPN.

Em termos de participação em provas nacionais esta é "reservada a nadadoras filiadas na Federação Portuguesa de Natação (FPN) como individuais, ou em representação dos Clubes, ou outras entidades filiadas, mediante o pagamento de uma taxa de inscrição." (FPN - Regulamento de Competições Nacionais 2012/2013, p.2). Existe a possibilidade de participarem nestas provas atletas não nacionais, concorrendo em regime extra competição e nas provas de solo e dueto. Já uma equipa ou combinado que tenha na sua formação atletas estrangeiras, esta prova será integrada normalmente na competição.

Segundos os Regulamento de Competições Nacionais 2012/2013 da FPN todos os esquemas são sujeitos a acompanhamento musical que não deve exceder o tempo regulamentar acrescido o tempo de tolerância, sob pena de penalização. Outras das exigências nas competições diz respeito aos fatos de banho utilizados pelas atletas sob os quais deve ser feito um controlo pelo árbitro da prova. Estes não podem por exemplo ser transparentes, também sob pena de penalização.

A classificação das nadadoras em todas as provas será feita por categorias e o resultado final do Campeonato deriva do somatório das respetivas percentagens da pontuação conseguida nas diversas provas, incluindo figuras. Assim existem prémios por clube/categoria e por época, sendo atribuído o título de Campeão Nacional ao clube que obtenha uma maior pontuação na soma das pontuações obtidas por categoria e nos

esquemas livres combinados. (FPN - Regulamento de Competições Nacionais 2012/2013).

No nosso país, geralmente o calendário de provas inclui o Campeonato Nacional de Verão e o de Inverno, ambos realizados durante dois dias e meio (5 jornadas), a tarde de 6ª feira dedicada maioritariamente à realização de figuras e esquemas técnicos de equipas e sábado e domingo com a realização dos esquemas. Para além das provas de níveis realizadas por todo o país.

Em termos competitivos, as piscinas têm de ter as dimensões necessárias à prática da modalidade. "A profundidade mínima aconselhada poderá variar entre os 110cm e os 200cm" (Martins *et al*, 2006, pág.21).

3.4 Caminho para um Desporto não discriminatório

Por estranho que possa parece, e como já verificámos, a Natação Sincronizada começou no século XIX entre homens, através de um grupo de atores. A modalidade despertou o interesse do público feminino que maioritariamente compõe o universo praticante da modalidade hoje em dia. Verdade é que, atualmente, apenas mulheres disputam os Jogos Olímpicos e esta modalidade é uma das duas apenas femininas que está presente nos Jogos Olímpicos.⁵⁴

“Em relação há modalidade em si, é um Desporto mais feminino que masculino, embora no estrangeiro também seja praticado por rapazes, mas não em termos Olímpicos. Não foi nestes últimos Jogos, foi nos anteriores, a equipa dos EUA apresentava um homem, mas o Comité Olímpico Internacional não deixou que ele entrasse na competição pois era o único homem em prova e portanto a equipa ia ficar em vantagem em relação aos outros países. Penso que a razão tenha sido essa, a menos que entrassem mais homens em prova, ele poderia ter essa possibilidade.“ (S. Rita, entrevista pessoal, 2 de outubro de 2013)⁵⁵

⁵⁴ A outra modalidade é a ginástica rítmica.

⁵⁵ Consultar Apêndice 2 - Entrevista a Sílvia Rita, treinadora de Natação Sincronizada (2/Outubro/2013).

Segundo o *Jornal Record* (2009)⁵⁶, o nadador Alemão Niklas Stoepel desenvolveu uma paixão pela Natação Sincronizada e tentou, juntamente com as entidades alemãs representar o seu país nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Acontece que, a FINA rejeitou os seus pedidos afirmando que não há pedidos suficientes para se alterar a regra e permitir a entrada de homens na competição. Já em 2007 a FINA tinha impedido a inscrição do atleta em torneios internacionais.

Segundo Vítor Ferreira (2009)⁵⁷ este atleta que já foi considerado o símbolo da luta para a igualdade de género e afirmava não desistir do seu sonho de poder representar a seleção alemã numa competição internacional de renome, alegando também não achar justo os entraves colocados à participação masculina.

No entanto, já nos Jogos Olímpicos Sidney 2000, o norte-americano Bill May tentou integrar a equipa norte-americana, possibilidade que também lhe foi negada. (Vítor Ferreira, 2009)⁵⁸ E em Beijing 2008, o Californiano Kenyon Smith, que era um dos melhores nadadores de Sincronizada do mundo, teve também o seu acesso bloqueado (ABC News, 2012).⁵⁹

Nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, o acesso também foi negado a uma equipa de britânicos que exige que as regras sejam alteradas para os próximos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, argumentado que é inacreditável, e até irónico, que os Jogos Olímpicos defendam a igualdade e que depois não deem a oportunidade a todos de competir, nomeadamente equipas masculinas formadas (ABC News, 2012).⁶⁰

Desta forma, podemos considerar, que por enquanto a modalidade em termos Olímpicos é exclusiva à participação de mulheres, existindo no entanto a tentativa de vários atletas, junto das entidades competentes, para que a regra seja alterada.

⁵⁶ “Natação sincronizada: Homem reclama igualdade dos sexos”, 5 de Maio. Página consultada a 20 de Maio de 2013 <http://www.record.xl.pt/arquivo/interior.aspx?content_id=395816>

⁵⁷ “Não se aceitam cromossomas Y na natação sincronizada”. Público, 5 de Maio de 2009. Página consultada a 20 de Junho de 2013. <<http://www.publico.pt/noticia/nao-se-aceitam-cromossomas-y-na-natacao-sincronizada-1378719>>

⁵⁸ “Não se aceitam cromossomas Y na natação sincronizada”. Público, 5 de Maio de 2009. Página consultada a 20 de Junho de 2013. <<http://www.publico.pt/noticia/nao-se-aceitam-cromossomas-y-na-natacao-sincronizada-1378719>>

⁵⁹ “Out Of Synch: Male Synchronized Swimming Team Barred From London Olympics”, 30 de Julho. Página consultada a 29 de Agosto de 2013. <<http://abcnews.go.com/Sports/olympics/synch-male-synchronized-swimming-team-barred-london-olympics/story?id=16887027>>

⁶⁰ “Out Of Synch: Male Synchronized Swimming Team Barred From London Olympics”, 30 de Julho. Página consultada a 29 de Julho de 2013. <<http://abcnews.go.com/Sports/olympics/synch-male-synchronized-swimming-team-barred-london-olympics/story?id=16887027>>

Já em Portugal, reconheceu-se há uns anos a existência de um ou outro elemento⁶¹ masculino na prática da NS, apenas a título recreativo e de experimentação. Também existem registos da participação de homens num esquema de exibição misto do SCE em 2009. O grupo era constituído por 14 elementos, masculinos e femininos, 9 nadadores de natação pura e 5 de natação sincronizada. Dos 9 atletas de natação pura, 5 eram homens e em conjunto fizeram uma atuação que ficará para a história do clubes e da Natação Sincronizada no nosso país.⁶²

Em termos de Clubes e da participação de elementos masculinos numa vertente recreativa parecem não existir entraves à sua participação, mas essa questão parece nunca ter sido muito levantada, uma vez que, na realidade este fenómeno acaba por não acontecer, senão meramente em situações pontuais de experimentação e/ou espetáculos, como os casos acima referidos.

Ainda assim, os Estatutos da FPN referem-se sempre aos praticantes de NS, no feminino (as nadadoras, as atletas, as praticantes, etc.), o mesmo acontece com os agentes envolvidos quando fazem menção aos praticantes da modalidade, um fenómeno quase de convenção, mas sem recurso a razões ou argumentos válidos e regulamentados.

Esta questão parece colocar-se unicamente por questões culturais e por não existir ainda esta tradição de participação de homens em modalidades conotadas com o género feminino, para além de que, mesmo internacionalmente, esta tendência ainda não está vulgarizada mas, como já verificado, começa a passos largos a caminhar para um novo panorama não discriminatório e que abre a NS tanto a mulheres, como a homens, com os mesmos direitos.

Deste modo, é importante olhar para a modalidade numa extensão à participação masculina, abrindo um novo Pólo de atuação que permita numa primeira fase a prática de NS a homens num prisma recreativo, da mesma forma que podem existir treinadores e árbitros envolvidos com a modalidade, e onde esta questão não se coloca atualmente.

⁶¹ Não existem dados específicos, apenas se sabe que de facto existiram.

⁶² Fonte: EspinhoTv, www.espinho.tv

4. Estado da Arte em Portugal

Após entrevista com a Diretora Técnica da Natação Sincronizada em Portugal concluímos que a modalidade, após um pico de desenvolvimento razoável, encontra-se atualmente, de há cerca de 4 anos para cá, numa fase de estagnação. No entanto, a nova direção da FPN, que tomou posse em Fevereiro deste ano, em especial a direção da Natação Sincronizada, tem em mente uma série de projetos e propostas de modo a dinamizar a modalidade no nosso país. E de facto ainda há muito trabalho a fazer, principalmente no que respeita à Comunicação e à divulgação da modalidade aos diferentes públicos e também em relação à formação de técnicos especializados.

4.1 Levantamento de dados

Em termos de números, a Natação Sincronizada no nosso país reflete-se, aproximadamente, da seguinte forma⁶³:

Atletas filiados	300
Atletas a competir	150
Juízes pontuadores	20
Juízes Internacionais	4
Clubes em competição	16
Clubes com NS	Entre 20/30
Competições anuais	2
Associações envolvidas	15

Tabela 1 - Dados sobre a Natação Sincronizada em Portugal

De facto, são escassos os recursos informativos relativamente à situação atual da Natação Sincronizada em Portugal. Ainda assim, a ANL criou um projeto de desenvolvimento da modalidade, para o qual fez um estudo com resultados compreendidos entre 2008 e 2011.

⁶³ Os dados foram fornecidos pela FPN e definem uma estimativa.

A Natação Sincronizada, "apesar dos vários sucessos individuais e coletivos alcançados ao longo da sua história, é a modalidade desportiva que menor visibilidade tem dentro do universo da ANL" (Projeto de Desenvolvimento Regional de Natação Sincronizada, ANL, 2011).

O mesmo parece ocorrer a nível nacional, segundo dados da ANL, o número de praticantes de NS representa a menor percentagem no grupo de modalidades representadas pelas associações de natação. O próprio número de equipas é inferior em relação às outras modalidades desportivas. (Projeto de Desenvolvimento Regional de Natação Sincronizada, ANL, 2011) Segundo o mesmo estudo, o ano de 2011 teve um decréscimo a nível nacional em relação ao ano de 2010. No entanto, os valores de crescimento foram superiores aos de 2008 e 2009.

Assim há que destacar que a maior percentagem de atletas praticantes está concentrada na zona Norte, abrangida pela ANNP (20%), seguindo-se a ANALG (16%), a ANS (14%) e a ANL (13%). Existem ainda outras entidades envolvidas, são elas:

Na zona Norte, para além da ANNP - Associação de Natação do Norte de Portugal, existe a ANC - Associação de Natação de Coimbra, ANA- Associação de Natação de Aveiro, ANMIN - Associação de Natação do Minho e a ARNN - Associação Regional de Natação do Nordeste.

Na zona centro destaca-se a ANIC - Associação de Natação do Interior Centro, a ANDS - Associação de Natação do Distrito de Santarém e a ANDL - Associação de Natação do Distrito de Leiria.

Na Zona Sul, para além da ANL - Associação de Natação de Lisboa e da ANALG - Associação de Natação do Algarve, temos ainda a ANALEN Associação de Natação do Alentejo.

Nos arquipélagos temos a ANM - Associação de Natação da Madeira e a ANARA - Associação de Natação dos Açores.

De destacar também a importância da APTN - Associação Portuguesa dos Técnicos de natação, a entidade máxima "para o desenvolvimento da Natação Portuguesa através da produção e divulgação de conhecimento, da melhoria de competências e representar os Técnicos da Natação Portuguesa." (Site APTN) e a ANAN - Associação Nacional de

árbitros de Natação "... que abrange todos os elementos da Arbitragem de Natação: Natação Pura, Água Abertas, Natação Sincronizada, Pólo Aquático e Saltos para a Água, ou outras que venham a ser definidas na alçada da FPN, com habilitações específicas para esta atividade e que a ela tenham livremente aderido." (Estatutos ANAN)

Ao nível da região onde atua a ANL não tem conseguido acompanhar o crescimento da modalidade, em relação a outros polos que entretanto se evidenciaram. As principais razões apontadas são a pouca visibilidade da NS e o facto dos clubes associados acreditarem que a prática da modalidade exige muito tempo de ocupação de piscina comparativamente com as outras disciplinas. (Projeto de Desenvolvimento Regional de Natação Sincronizada, ANL, 2011)

Desta forma, o panorama atual da ANL passa por reestruturar a forma como a NS é vista, criar condições que favoreçam a implementação da prática, através de apoios por exemplo, a novos núcleos e criar sinergias com autarquias e parceiros, no sentido de dinamizar a evolução da modalidade. Assim, a associação define como objetivos para alargar a dinamização a nível regional e nacional, "...dar visibilidade regional à modalidade; aumentar o número de atletas filiados; aumentar o número de clubes com a modalidade; organizar um Campeonato Regional; aumentar a representatividade no panorama nacional; estabelecer domínio nacional no sucesso dos praticantes da ANL." (Projeto de Desenvolvimento Regional de Natação Sincronizada, ANL, 2011).

Desta forma, a partir do caso da ANL é possível repercutir para a maioria das restantes associações regionais o panorama atual da modalidade, que se prende essencialmente com o desconhecimento da modalidade e com a necessidade de dinamizar e fomentar a modalidade de Natação Sincronizada a nível regional e como consequência a nível nacional.

Atualmente a FPN organiza por época duas competições nacionais, no entanto, para esta época a nova comissão da FPN tem previsto um alargamento de provas no calendário.

4.2 Atualidade

Segundo Marta Martins, Diretora Técnica da Natação Sincronizada, (entrevista pessoal, 8 de Outubro de 2013) os principais problemas que a modalidade atravessa atualmente

passam essencialmente pelo próprio desconhecimento da atividade, que faz com que os clubes não invistam no desporto (tanto a nível recreativo, oferecendo a modalidade, como competitivo, cedendo as condições necessárias à prática), os atletas não a procurem e não haja técnicos formados e preparados para ensinar Natação Sincronizada. Para além dos já conhecidos problemas financeiros e falta de apoios e patrocínios⁶⁴:

"Continuamos como há 20 anos, sem uma modalidade devidamente estruturada, meia dúzia de técnicos, uma dezena de clubes, 50 atletas federadas. Realizamos apenas duas provas nacionais! Não temos provas regionais! Não fazemos formação de técnicos. Não vamos a competições internacionais" (Oliveira, 2012)

Atualmente a nova direção responsável pela Natação Sincronizada prepara um calendário da época focado em alguns pontos essenciais: formar técnicos, proporcionando cursos de nível 1 (para treinadores de escolas) e nível 2 (para treinadores de competição); aumentar o número de competições, preparar a seleção nacional para competições internacionais e fazer um trabalho a longo de prazo para uma possível ida aos Mundiais 2015 e aos Jogos Olímpicos 2016. (M. Martins, entrevista pessoal, 8 de Outubro de 2013)⁶⁵

Assim, é necessário encontrar um caminho que permita colmatar algumas falhas da modalidade que não permitem que esta avance para maiores sucessos. Segundo Oliveira (2012) "Podemos sonhar como uma Natação Sincronizada mais evoluída? Podemos, mas precisávamos de ter um projeto de desenvolvimento. Um projeto que possibilitasse ter mais clubes, mais praticantes, mais formação!"

Um dos pontos que deve ser destaque é a componente recreativa da modalidade e que pode ser uma aposta para a dinamização da Natação Sincronizada:

⁶⁴ Consultar Apêndice 4 - Entrevista a Marta Martins, Diretora Técnica da Natação Sincronizada (8/Outubro/2013).

⁶⁵ Consultar Apêndice 4 - Entrevista a Marta Martins, Diretora Técnica da Natação Sincronizada (8/Outubro/2013).

“Ser uma modalidade não só competitiva mas de exibição, ao nível do espetáculo. Acho que os portugueses em geral e as empresas de publicidade, por exemplo, poderiam investir mais nesta modalidade porque, para além de oferecerem às pessoas um espetáculo completamente diferente, também iriam abrir portas para que a modalidade crescesse mais rapidamente.” (S. Rita, entrevista pessoal, 2 de Outubro de 2013)⁶⁶

4.3 Seleção Nacional

Em termos de Seleção Nacional existe atualmente uma equipa portuguesa, constituída pelas melhores atletas a nível nacional, escolhidas segundo os requisitos necessários pela Diretora Técnica, Marta Martins. Pretende-se preparar esta seleção com treinos e estágios para virem ainda este ano a representar o país em competições no estrangeiro, como meio de adquirirem experiência, conhecimento, melhorarem técnica e artisticamente e também como foco de motivação das atletas. O principal entrave às deslocações a provas estrangeiras prende-se essencialmente com a falta de verbas disponíveis, que a FPN vai tentar colmatar com patrocínios e reestruturação de orçamentos.

4.4 Desafios

Assim, os principais desafios na modalidade atualmente passam essencialmente por: divulgar a modalidade junto de possíveis praticantes, possíveis técnicos e juízes, clubes, associações e instituições de ensino superior da área desportiva; apostar na formação de técnicos, dando resposta às necessidades de alguns clubes de especialistas na modalidade e, posteriormente incentivando ao surgimento de novos polos de Natação Sincronizada por todo o país, e com isto conseguir aumentar o número de equipas e praticantes e também negociar apoios, protocolos e patrocínios junto de empresas e instituições.

⁶⁶ Consultar Apêndice 2 - Entrevista a Sílvia Rita, treinadora de Natação Sincronizada (2/Outubro/2013).

Capítulo IV - Comunicação no Desporto

*O desporto é uma característica universal da cultura popular. Assim, como podemos comunicar sobre o desporto, como o desporto nos é comunicado e o que é comunicado pelo desporto fornece uma visão crítica sobre as nossas identidades, relacionamentos, comunidades, profissões, e política. (Butterworth in IACS, 2013)*⁶⁷

1. Comunicação, sociedade e tendências

As mudanças sociais ocorrem a grande velocidade e modificam os comportamentos dos indivíduos e as dinâmicas que ocorrem no seio da sociedade. Assim, vão surgindo novas tendências que dão resposta às novas exigências. Naisbitt, no livro *Macrotendências: dez novas orientações que transformam as nossas vidas* apresenta 10 macro tendências que marcam a sociedade atual: a passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade baseada na informação; um direcionamento para a tecnologia orientada para as pessoas; a passagem de uma economia local e isolada para uma economia global; orientação para uma sociedade de considerações e recompensas a curto-prazo, mas com o objetivo de tratar de questões a longo-prazo; capacidade inovadora de conseguir resultados da base para o topo; independência da assistência institucional para passarmos a ter confiança individual; democracia participativa; favorecimento das estruturas de informação ao invés das estruturas hierárquicas; as relações Norte-Sul; múltiplas opções numa sociedade livre. (Naisbitt, 1988).

As tendências identificadas pelo autor vão ao encontro de aspetos considerados por outros autores (Popcorn, 1991; Kennedy, 1993, Minkin, 1999, Pires *et al*, s.d). E entre eles podemos encontrar a Comunicação.

⁶⁷ “*Sport is a universal feature of popular culture. Thus, how we communicate about sport, how sport is communicated to us, and what is communicated by sport provide critical insights about our identities, communities, relationships, professions, and politics.*” (Butterworth in IACS, 2013). Fonte: International Association for Communication and Sport, www.communicationandsport.com, da qual Michael Butterworth é Diretor Executivo.

Num mundo de mudança, complexidade e imprevisibilidade, também é verdade que o Desporto está a evoluir a “uma velocidade vertiginosa” estando sujeito “às mais diversas contingências do ambiente”. (Pires, s.d, p.22) Estas transformações exigem também novas formas de adaptação das organizações aos diferentes cenários possíveis e estamos por isso numa “dimensão ecossistémica, pentadimensional e de geometria variável, porque temos um Desporto a interagir com o seu ecossistema em função das múltiplas transformações que nele se processam.” (Pires, s.d, p.29).

Desta forma, e tendo as organizações diferentes objetivos e uma missão a concretizar nesta ambiente multivariável, é necessário encontrar métodos que permitam a concretização dos fins a que se propõem. Assim, a Comunicação é o principal motor deste processo que também passa pela construção ou desenvolvimento da própria marca. (Sacavém, in Pires, s.d.)

2. Diferentes abordagens da Comunicação

Para Fiske (2001), a Comunicação é uma atividade central à natureza humana que envolve signos e códigos transmissíveis, ou tornados acessíveis ao outro, sendo fundamental social e culturalmente e é vista pelo autor como “uma interação social através de mensagens” (Fiske, 2001, p. 14).

Ao falarmos deste conceito, no seu sentido global, é importante referir a existência de duas paradigmas principais que contribuíram para o estudo da Comunicação – um que analisa a Comunicação como um processo que envolve transmissão de mensagens; e um segundo que vê a Comunicação, como “geradora de significação”, revelando-se na produção e troca de significados, tendo por isso, uma abordagem semiótica do conceito. (Fiske, 2001).

2.1 Abordagem processual

Não se pode abordar a escola processual sem fazer referência ao contributo de Shannon e Weaver, principais mentores desta abordagem de Comunicação como transmissão de

mensagens. Os dois autores apresentam um processo linear que abarca as noções de fonte, transmissor, sinal, recetor e canal – a Teoria Matemática da Informação. Nesta teoria a fonte decide e seleciona a mensagem a ser enviada, esta é depois transformada pelo transmissor, num sinal enviado ao recetor por meio de um canal (Fiske, 2001).

Dentro da mesma abordagem, Lasswell apresenta o modelo de Comunicação de Massas, que valoriza a questão do efeito, ao invés da significação. Este modelo é constituído por cinco estádios: quem, diz o quê, em que canal, a quem, com que efeito. Assim, através desta perspectiva, a Comunicação é vista como um processo de transmissão de uma mensagem de A para B e concentramo-nos nos conceitos de meio, canal, transmissor, recetor, ruído e *feedback* (Fiske, 2001).

2.2 Abordagem semiótica

Existem ainda abordagens que colocam o enfoque na significação enquanto resultado da Comunicação. Segundo Fiske (2001, pg.61), esta abordagem traz uma nova ênfase ao estudo da Comunicação e traz até a este campo uma série de novos conceitos, todos eles referentes a diferentes formas de criar significação, são eles: signo, significação, ícone, índice, denotar e conotar.

Assim, os modelos de significação colocam como base para a sua abordagem os seguintes elementos: o signo, aquilo a que ele se refere e os utentes do signo. Para Peirce (in Fiske, 2001, p.64) “Um signo refere-se a algo diferente de si mesmo – o objeto -, e é compreendido por alguém, ou seja, tem um efeito na mente do utente – o interpretante⁶⁸”.

Já outro autor, Saussure, destaca-se na sua abordagem pelas preocupações com a linguagem e centra-se de uma forma mais direta na questão do signo, que segundo ele o signo comporta um significante e um significado. O primeiro refere-se à imagem do signo tal como a percebemos, e o segundo é o conceito mental a que se refere e que é comum, geralmente, a indivíduos que partilham as mesmas características culturais e linguísticas (Fiske, 2001).

⁶⁸ Entende-se por interpretante “o próprio efeito significativo” (Peirce, in Fiske, 2001, p.65).

2.3 Abordagem sistémica

Ludwig Von Bertalanffy (Bertrand & Guillemet, 1994, p.29) acreditava que um organismo é um todo maior que a soma das suas partes e a única forma de explicar e compreender um fenómeno é analisando-o como um todo e não em partes e processos isolados. Assim, desenvolveu o conceito de sistema⁶⁹, elaborando a Teoria Geral dos Sistemas – o conjunto de elementos que compõem os sistemas procuram alcançar o equilíbrio do sistema através da autorregulação, a chamada homeostase⁷⁰ (Ferreira *et al*, 2001).

Neste sentido, na perspectiva de Bertalanffy é fundamental ter uma noção de organização na sua totalidade e sujeita a relações de interdependência e interação entre as várias partes que compõe o sistema. Desta forma, na teoria geral dos sistemas, para explicar e compreender os fenómenos é necessário observá-los de forma global e integrada. (Ferreira *et al*). Da própria ideia de interação entre as diversas partes, surge o conceito de subsistemas, que se interligam como um todo, numa visão holística que não permite plenamente conhecer o todo sem analisar as partes e o seu próprio nível de complexidade, numa perspectiva integrada (Hatch, 1997).

Esta teoria parte da diferenciação entre sistemas fechados⁷¹ e sistemas abertos. Os primeiros são aqueles que "estão isolados do seu meio ambiente", já os sistemas abertos, caracterizam-se pela equifinalidade⁷² e pela entropia negativa⁷³. (Ferreira *et al*, 2001).

⁶⁹ “Um sistema é algo composto por partes inter-relacionadas. Cada parte é concebida como afectando as restantes e dependente do todo. O uso do termo ‘algo’ mostra-nos quão genérica a Teoria Geral de Sistemas é.” (Hatch, 1997, p.34).

⁷⁰ “O conceito de homeostasia é definido como o equilíbrio dinâmico dos sistemas através da autorregulação. Esta é conseguida com base nos dispositivos de *feedback* que permitem obter a informação imprescindível para atingir o equilíbrio.” (Ferreira, Neves & Caetano, 2001, p.58).

⁷¹ Não existem sistemas totalmente fechados, apenas mais fechados ou mais abertos.

⁷² “É um princípio da teoria geral dos sistemas desenvolvido por Bertalanffy. O sistema aberto, segundo este autor, pode alcançar o mesmo estado final, utilizando percursos variados e, ainda, com a hipótese de recorrer a condições iniciais diferenciadas. A equifinalidade permite às organizações, enquanto sistemas abertos, adaptar-se e funcionar de forma diferenciada para obtenção dos mesmos resultados” (Ferreira, Neves & Caetano, 2001, p.59).

⁷³ “A entropia é um segundo princípio da termodinâmica que nos diz que todas as formas organizadas do sistema tendem para a desorganização e a desintegração. Os sistemas abertos, contrariamente aos sistemas fechados, para além de produzirem entropia positiva têm também a possibilidade de produzirem entropia negativa. O sistema aberto, como importa energia do ambiente circundante, pode utilizá-la como entropia negativa e inverter a tendência da desorganização e da desintegração, readquirindo o equilíbrio estrutural e funcional.” (Ferreira, Neves & Caetano, 2001, p.59).

“Assim, um sistema define-se como um todo organizado formado por elementos interdependentes, que está rodeado por um meio exterior (*environment*); se o sistema interage com o meio exterior é designado por sistema aberto; as relações do sistema com o meio exterior processam-se através de trocas de energia e/ou informação e designam-se por *input* ou *output*; os canais que veiculam o *input/output* de informação ou energia designam-se por canais de comunicação.” (Silva, 2006, p.4).

Em termos da teoria organizacional, os sistemas abertos são "todas as organizações, quer no seu funcionamento interno quer nas modalidades de interação com o ambiente externo, são objeto de uma tendência para o crescimento, a diferenciação e a competição" (Ferreira, Neves & Caetano, 2001, p.51). Facto é que o desenvolvimento, o crescimento e a evolução de uma organização só é possível através da sua capacidade de interação com o ambiente em que está inserida.

Para esta teoria contribuíram também as noções de outros autores, como Herbert Spencer, que introduziu os conceitos de *inputs* e *outputs*, os quais são elementos fulcrais para a subsistência das organizações, uma vez que estas importam recursos, energia, informação e matéria-prima do meio envolvente externo, ou seja os inputs, e depois são exportados para este mesmo ambiente na forma de bens e serviços, ou seja outputs. (Ferreira, Neves & Caetano, 2001). Ou seja, trata-se de um processo de transformação e transação de elementos no ambiente externo.

Katz e Kahn in Ferreira, Neves & Caetano (2001) defendem este modelo teórico para a compreensão das organizações, referindo-se a um sistema de energia num processo de *input-output*, no qual a energia do output reativa o sistema. Deste processo resultam transações entre a organização e o seu meio ambiente e isso justifica porque é que as organizações são maioritariamente sistemas abertos

É importante ainda referenciar o conceito de *feedback*, que permite “obter uma retro informação que diz respeito à produção dos seus outputs” (Ferreira, Neves & Caetano, 2001, p.60), num mecanismo de autorregulação que usa a informação para orientar a organização social:

“De acordo com a teoria cibernética, os princípios da regulação e retroação são aplicáveis universalmente: os sistemas inorgânicos regulam-se através de operações de massa ou energia, os sistemas orgânicos regulam-se através de operações de informação e/ou energia, os grupos, as instituições e sociedades, por sua vez, mantêm o bom funcionamento e a coesão interna através do *feedback* de informação e operações de regulação.” (Silva, 2006, p.4)

Assim, é a partir da ideia de sistemas abertos que surge uma perspectiva sistêmica, a visão mais comum aplicada às Relações Públicas, enquanto um subsistema adaptativo. Trata-se de uma visão funcional, que facilita a adaptação mútua entre a organização e o meio, que inclui os *Stakeholders*⁷⁴ com os quais se relaciona. É neste sentido que em RP se fala de relações mutuamente dependentes, estabelecidas e mantidas entre as organizações e os seus públicos. (Broom, 2009, p.188).

Tal como na teoria dos sistemas, os conceitos de ajustamento e adaptação estão presentes no conceito de Relações Públicas. Surge assim uma definição de sistema que é a base da aplicação desta teoria às Relações Públicas: "Um sistema é um conjunto de unidades de interação que perdura ao longo do tempo dentro de um limite estabelecido de resposta e adaptação às mudanças no ambiente para alcançar e manter estados de equilíbrio." (Broom, 2009, p.188).⁷⁵

Tal como refere Broom (2009), as organizações e os *Stakeholders* correspondem às unidades que interagem e mantêm ou virão a manter relações – daí a importância das Relações Públicas enquanto função estratégica. São estas interações organização-públicos que definem os sistemas, e por isso, num sistema de relação e interdependência entre a organização e os seus públicos, onde estes estão envolvidos e são afetados pela organização e a própria organização está envolvida e é afetada pelos seus públicos.

⁷⁴ “(...) um indivíduo ou grupo de indivíduos que são afetados pelas decisões de uma organização, ou cujas decisões afetam a organização.” (Steyn & Puth, 2000, p.5).

⁷⁵ “A system is a set of interacting units that endures through time within an established boundary by responding and adjusting to change pressures from the environment to achieve and maintain foal states” (Broom, 2009, p.188).

3. Comunicação Estratégica / Relações Públicas

Assim, revistos os conceitos de Comunicação numa vertente originária e redutora, interligando-os a uma perspetiva de Relações Públicas como um sistema aberto, é possível fazer-se uma abordagem às Relações Públicas enquanto estratégia, que é a base do desenvolvimento deste projeto, e a sua adaptação a um sector específico, o do Desporto.

Não é fácil encontrar uma definição para o conceito de Relações Públicas, uma vez que um só conceito pode abarcar diferentes significados e, a própria atividade “*is an umbrella term*” que cobre diversos âmbitos de atuação. Para além disso a própria natureza da Comunicação está a mudar, o que também dificulta a acessão de um conceito que delimite todas as vertentes e significados do termo. No entanto, há um ponto que é comum, as Relações Públicas são uma atividade fundamental na gestão das organizações (White & Mazur, 1995).

Segundo White & Mazur (1995, p.12) as Relações Públicas envolvem um processo de relação e influência que pressupõe um diálogo bidirecional entre os públicos e a própria organização. As RP são uma função estratégica e por isso devem fazer parte da gestão corporativa das organizações. Deste modo, os autores veem nas RP um processo que exige comunicação e *feedback* e que por isso, não deve servir apenas os interesses estratégicos da organização, até porque as RP devem obedecer ao seu próprio direito.

“... é influenciar o comportamento de grupos de pessoas em relação a outros. A Influência deve ser exercida através do diálogo - e não monólogo - com todos os diferentes públicos da organização, com as Relações Públicas tornando-se uma função respeitada, atuando como um recurso estratégico e ajudando a implementar estratégia corporativa”. (White & Mazur, 1995, p.12).⁷⁶

⁷⁶ “... is to influence the behavior of groups of people in relation to each other. Influence should be exerted through dialogue – not monologue – with all the different corporate audiences, with public relations becoming a respected function in its own right, acting as a strategic resource and helping to implement corporate strategy.” (White & Mazur, 1995, p.12).

Para Lesly (1997) as RP podem ser definidas como a atividade que ajuda à adaptação das organizações aos seus públicos uns aos outros, e Lloyd acrescenta ainda a necessidade de que este ajustamento seja planeado, intencional e sem um caráter esporádico. Para o autor, neste relacionamento o objetivo é que as relações de entendimento sejam contínuas e duradouras, “... as Relações Públicas são o esforço deliberado, planeado e contínuo para estabelecer e manter o entendimento mútuo entre uma organização e o seu público” (Lloyd, 1995, p. 19).

Dentro do mesmo alinhamento também a PRSA define um conceito baseado em relações *win-win*⁷⁷ entre as organizações e os seus *Stakeholders*, destacando também a importância estratégica da atividade: “As Relações Públicas são um processo estratégico de comunicação que cria relações mutuamente benéficas entre as organizações e os seus públicos” (PRSA, 2012).⁷⁸

Outro contributo importante é o de Harlow (Broom, 2009, p. 24) que compilou cerca de 500 definições, tentando identificar os elementos comuns mais presentes nestas noções para a construção de uma definição de Relações Públicas ampla e multidimensional. Harlow chegou assim a uma solução, que considera a mais abrangente:

“As Relações Públicas são uma função de gestão distinta, que ajuda a organização a estabelecer e manter linhas mútuas de comunicação, entendimento, aceitação e cooperação entre a organização e os seus públicos; envolve a gestão de problemas ou assuntos; auxilia a gestão a manter-se informada sobre a opinião pública e pronta para responder perante esta; define e enfatiza a responsabilidade da gestão em servir o interesse público; auxilia a gestão a preparar-se e a utilizar a mudança; apresenta-se como uma função que permite antecipar tendências; e utiliza a investigação e as técnicas de comunicação ética como as suas principais ferramentas” (Harlow in Broom, 2009, p. 24).⁷⁹

⁷⁷ Para Grunig (2001, p.235) a “zona *win-win* é definida como “(...) uma série de resultados da campanha em que ambas as partes consideram suficientemente satisfatória.”

⁷⁸ “*Public relations is a strategic communication process that builds mutually beneficial relationships between organizations and their publics.*” (PRSA, 2012).

⁷⁹ “*Public Relations is the distinctive management function which helps establish and maintain mutual lines of communication, understanding, acceptance and cooperation between an organization and its publics; involves the management of problems or issues; helps management to keep informed on and responsive to public opinion; defines and emphasizes the responsibility of management to serve the public*

Também Cutlip, Center e Broom (2009, p.6), numa das obras de referência das Relações Públicas, *Effective Public Relations*, apresentam uma definição para o conceito, “São a função de gestão que identifica, estabelece e mantém, relações mutuamente benéficas entre a organização e os seus públicos, de quem depende o seu sucesso”.⁸⁰ Os autores destacam o papel dos públicos e do eficaz relacionamento com eles para o sucesso de organização, uma vez que são eles os principais atores no processo de envolvimento da organização com o seu meio envolvente e é deles que depende a notoriedade da própria organização e dos seus produtos e/ou serviços.

Assim, podemos destacar três fatores importantes na definição do conceito: o seu carácter bidirecional, o relacionamento com diversos públicos e também a criação e gestão de relações estáveis e duradouras entre uma organização e os seus públicos.

3.1 Estratégia

Sendo o conceito de Relações Públicas polissémico e envolvendo uma série de noções que vão muito para além das técnicas que fazem a mediação da relação entre a organização e os seus públicos, é legítimo afirmar que as RP contribuem para a gestão da organização e para alcançar os objetivos a que se propõe:

“Se as relações públicas tornam as organizações mais eficazes através da construção de relacionamentos a longo prazo com os seus públicos estratégicos, é apenas um pequeno salto lógico deduzir que as relações públicas devem participar do planeamento estratégico da organização e os programas de comunicação devem ser geridos estrategicamente para ter esse efeito.” (Grunig, 1992, p. 117).⁸¹

interest; helps management keep abreast of and effectively utilize change, serving as an early warning system to help anticipate trends; and uses research and sound and ethical communication as its principal tools.” (Harlow in Broom, 2009, p. 24).

⁸⁰ “*Public relations is the management function that establishes and maintains mutually beneficial relationships between an organization and the publics on whom its success or failure depends.*” Cutlip, Center e Broom (2009, p.6),

⁸¹ “*If public relations makes organizations more effective by building long-term relationships with strategic constituencies, it is only a small logical jump to deduce that public relations must participate in the organization’s strategic planning and that communication programs must be managed strategically to have that effect.*” (Grunig, 1992, p. 117).

A prática efetiva das Relações Públicas é considerada por White & Mazur (1995) como “excelente, exige e deve suportar uma estratégia em consonância com os objetivos da organização e com as suas bases culturais e corporativas, e deve conseguir tornar a organização bem-sucedida. E é neste sentido que Grunig (1992), acredita que para serem estratégicas, as RP devem estar em consonância com a visão e missão da organização, que é a sua razão de ser, e idealmente devem também contribuir para a sua conceção

Mas afinal a que se refere o conceito de estratégia? Parece não haver consenso, uma vez que por um lado é um conceito multidimensional, e por outro está inerente à situação, variando de acordo com o setor de atuação. (Hambrick in Kitchen, 1997).

Vários autores se debruçaram sobre o significado desta palavra. Argyris (1985), Mintzberg (1989) e Steiner & Miner (1977), definem o conceito com base no facto de ser um elemento potencial para a gestão estratégica na relação entre a própria organização e o meio envolvente, pois, segundo Kitchen (1997) só assim é possível encontrar o melhor encaixe entre a organização e o seu ambiente externo.

Refletindo sobre o âmbito multifacetado do conceito, Mintzberg sugeriu cinco alternativas, os 5 Ps: *Plan, Ploy, Pattern, Position e Perspective*⁸².

“Assim, as cinco definições de Mintzberg permitem adotar ideias da natureza por vezes e emergente da estratégia (estratégia como um "padrão"), de estratégia como um meio de situar uma organização no seu ambiente (estratégia como uma 'posição'), de uma estratégia como um conceito dentro do pensamento do estratega (estratégia como uma 'perspetiva'), e a noção de que a estratégia pode às vezes ser vista simplesmente como uma manobra para competidores iludirem (estratégia como um 'truque').” (Kitchen, 1997, p. 46).⁸³

⁸² Plano, estratagema, padrão, posição e perspetiva.

⁸³ "Thus Mintzberg's five definitions embrace ideas of the sometimes emergent nature of strategy (strategy as a 'pattern'); of strategy as a means of locating an organisation in its environment (strategy as a 'position'); of a strategy as a concept within the head of the individual strategist (strategy as a 'perspective'); and the idea that strategy can sometimes be seen as simply a manoeuvre for outwitting competitors (strategy as a 'ploy')." (Kitchen, 1997, p. 46).

Chaffe (1985) definiu três perspectivas de estratégia, a linear, a adaptativa e a interpretativa. A primeira enfatiza o aspecto do planejamento da estratégia; a segunda foca-se na importância da estratégia como um meio pelo qual as organizações procuram responder à natureza versátil do ambiente; e a terceira, enfatiza a mesma com base num "mapa cognitivo" que interpreta as mudanças e o tipo de resposta dado pelas organizações. (Chaffe in Kitchen, 1997).

Stoldt, Dittmore & Branvold (2012) definem gestão estratégica como um conjunto de tomada de decisão e de definição de ações que resultam numa formulação e na implementação de plano estrategicamente desenhado para alcançar os objetivos das organizações. E é composto por uma série de tarefas: formulação da missão, análise SWOT, identificação de opções desejáveis, desenvolvimento de objetivos a curto e longo prazo, implementação de opções estratégicas através da alocação adequada de recursos e avaliação.

A Gestão Estratégica das Relações Públicas pode então ser entendida como um processo em que se pensa global, ou seja, tendo em conta todas as variáveis das quais a organização depende ou vice-versa. É neste sentido que Grunig (1992) define o conceito de Gestão Estratégica das RP "...um processo de pensamento através da missão corrente da organização, pensamento através das condições correntes da envolvente, e a combinação destes elementos seguindo um guia para as decisões e resultados de amanhã." (Grunig, 1992, p. 119).⁸⁴ Assim, as Relações Públicas devem estar em plena relação de interdependência com todos os intervenientes no processo, desde a organização aos públicos.

“As Relações Públicas são geridas estrategicamente quando se identificam as partes interessadas, os segmentos de públicos ativos a partir de categorias de partes interessadas, e resolve os problemas criados pela interação entre a organização e os públicos, através de programas de comunicação simétrica

⁸⁴ “...a process of thinking through the current mission of the organization, thinking through the current environment conditions, and then combining these elements by setting forth a guide for tomorrow’s decisions and results.” (Grunig, 1992, p. 119).

(estratégias interativas ou catalisadoras) desde o desenvolvimento das questões.”
(Grunig, 1992, p.150).⁸⁵

Grunig e Repper defendem que o papel das RP nos objetivos das organizações passa por gerir conflitos e criar relacionamento com os públicos estratégicos, uma vez que são estes os limitadores de autonomia da organização e que têm influência no alcance ou não dos objetivos propostos. (Grunig in Kitchen, 1997).

Apesar de durante décadas nem sempre as Relações Públicas serem consideradas como um elemento estrategicamente importante na gestão estratégica das organizações, a disciplina pode contribuir para a implementação das estratégias da organização aos níveis competitivo e corporativo. A própria complexidade da natureza do ambiente em que as organizações atuam atualmente exige que a gestão da Comunicação esteja constantemente inserida nas práticas de governação organizacional. A estratégia tem um papel preponderante principalmente quando as organizações se confrontam com situações de crises e outros fenómenos que possam afetar a sua credibilidade e reputação junto dos seus públicos, que são a razão do sucesso ou fracasso das organizações. (Kitchen, 1997).

3.2 Processo de RP em quatro etapas

Às Relações Públicas é exigido um processo de planeamento, execução e avaliação dos processos de comunicação entre a organização e os seus públicos: “As Relações Públicas e a Gestão de Comunicação descrevem o plano global, a execução e a avaliação da comunicação de uma organização quer junto dos públicos externos quer internos – grupos que afetam a capacidade da organização atingir os seus objetivos.” (Grunig, Grunig & Dozier, 2009, p.2).⁸⁶

⁸⁵ “Public relations is managed strategically when it identifies stakeholders, segments active publics from stakeholder categories, and resolves issues created by the interaction of organization and publics through symmetrical communication programs (interactive or catalytic strategies) early in the development of issues.” (Grunig, 1999, p.150).

⁸⁶ “Public relations and communication management describe the overall planning, execution, and evaluation of an organization’s communication with both external and internal publics – groups that affect the ability of an organization to meet its goals...” (Grunig, Grunig, Dozier, 2009, p.2).

Desta forma, podemos recuperar a perspectiva sistémica das RP, em sistema aberto, que nos remete para a aplicabilidade prática do chamado processo de Comunicação em 4 etapas (Cutlip, Center & Broom, 1999): Investigação, Planificação, Ação/Comunicação e Avaliação.

O primeiro passo corresponde à análise da situação e respetiva definição do problema/oportunidade, é a base para as fases seguintes, sendo aqui que é feita a monitorização de toda a informação que nos permite analisar e formular o ponto de partida para ser possível recomendar uma solução, com um grau de incerteza diminuído.

“Sem investigação, os profissionais estão limitados a afirmar o que conhecem sobre a situação e podem recomendar uma solução. Com pesquisa e análise, podem apresentar e defender as propostas suportadas por evidências teóricas. Neste contexto, a pesquisa é a recolha sistemática de informação para descrever e compreender situações e para verificar suposições sobre os públicos e sobre as consequências das relações públicas. É a alternativa científica à tenacidade, autoridade, e intuição. O seu principal objetivo é reduzir a incerteza na tomada de decisão.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 343).⁸⁷

A segunda etapa refere-se à planificação de toda a estratégia⁸⁸. Depois de definido o problema/oportunidade há que capitalizá-lo e desenvolver um plano estratégico que permita atingir o estado desejado: “Num modo de planeamento, a estratégia ganha a forma de um plano sistemático e linhas de ação para o alcance dos níveis estratégicos *corporate* e de negócio.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 371).⁸⁹

⁸⁷ “Without research, practitioners are limited to asserting that they know the situation and can recommend a solution. With research and analysis, they can present and advocate proposals supported by evidence and theory In this context, research is the systematic gathering of information to describe and understand situations and to check out assumptions about publics and public relations consequences It is scientific alternative to tenacity, authority, and intuition. Its main purpose is to reduce uncertainty in decision making.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 343).

⁸⁸ “A Estratégia é a força condutora de qualquer negócio numa organização. É a força intelectual que ajuda a organizar, priorizar, e energizar o que as organizações fazem. Sem estratégia não há energia. Sem estratégia não há direção. Sem estratégia não há momento-chave. Sem estratégia não há impacto.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p.369).

⁸⁹ “In a planning mode, strategy takes the form of a systematic plan and guidelines for achieving, corporate and business level strategies” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 371).

É nesta fase que se define a estratégia propriamente dita, os seus eixos, as metas, as mensagens e os objetivos e ações. Para Robbins, in Cutlip, Center & Broom (1999, p. 371), “...estratégia pode ser definida como a determinação dos objetivos básicos a longo-prazo e os objetivos da empresa, e a adoção de cursos de ação e a alocação de recursos necessário para a prossecução desses objetivos.”⁹⁰

Assim, nesta fase, é criada uma mensagem central, são definidos os públicos-alvo, estabelecendo-se objetivos específicos para cada público específico. A partir daqui são delineadas ações para cada público, que estão sujeitas a um orçamento, um *timing* e às especificidades do próprio público. Em todo o processo de RP, a proatividade é uma palavra-chave, sendo que nesta fase a antecipação de cenários é uma mais-valia para o sucesso.

A terceira fase corresponde à implementação do plano. Destaco o contributo de Eiró-Gomes (2006), referindo-se a esta etapa como Ação e Comunicação-Ação, não sendo por isso encarada apenas como uma disseminação de mensagem mas como um estímulo que conduz a uma interação comunicativa, que posteriormente provoca uma ação que pode ser uma mudança de comportamento ou a adoção de um. Trata-se de um processo dinâmico que utiliza a Comunicação como meio de “fazer agir” e por isso alcançar a meta a que nos propomos, a chamada Comunicação Efetiva.

Por último surge a etapa da avaliação onde se pretende analisar se os objetivos do plano foram alcançados e medir o impacto das ações junto dos públicos. Ainda assim, a avaliação não deve ser remetida apenas para o final do processo, deve ser realizada continuamente durante todas as etapas do Modelo de RP, “A pesquisa formativa antes e durante o programa providencia a informação necessária para a comparação sumativa dos resultados investigados, criando condições no início do programa para ir fazendo alterações no seu decorrer.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 453).⁹¹ Para além de que, uma avaliação de todo o processo dará as *guidelines* para futuras dinâmicas

⁹⁰ “...strategy can be defined as the determination of the basic long-term goals and objectives of an enterprise, and the adoption of courses of action and the allocation of resources necessary for carrying out these goals.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 371).

⁹¹ “Formative research before and during the program provides the information necessary for comparing summative research findings with conditions at the beginning of the program and for making midcourse corrections.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 453).

comunicacionais – “... a avaliação do impacto de um programa hoje é a base para o novo ciclo do programa de amanhã.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 454).⁹²

Em conclusão, há ainda que referir que uma boa investigação num processo de Relações Públicas é a base de tudo, “... no processo de planeamento: inicia-se a investigação, monitoriza-se e conclui-se o processo de resolução de um problema. É o ingrediente essencial que torna as Relações Públicas uma função de gestão, assim como uma função que é gerida.” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 454).⁹³

Assim, verificamos que as Relações Públicas são uma disciplina aplicada a todas as organizações, de toda a natureza e de qualquer sector, sendo que, tendo em conta essas especificidades, a estratégia de Relações Públicas deve ser adaptada a diferentes realidades.

No sector do Desporto, a Comunicação também pode ter um papel informativo, dinamizador e de efetivação de comportamentos, ou seja, a Comunicação no seio desportivo deve ser vista como Comunicação para a mudança, focada na consciencialização da sociedade e de todos os seus intervenientes. Por isso, às RP é cada vez mais exigido que se tornem uma função de desenvolvimento social, integração e desenvolvimento da comunidade. E é sobre este prisma, da Comunicação Estratégica para a mudança de comportamentos, que nos iremos debruçar nos próximos subcapítulos.

4. O elo de ligação entre “Comunicação” e “Desporto”

A Comunicação no Desporto, segundo Billings, Butterworth & Turman (2012), é um elemento central na forma como praticamos, vemos, interpretamos e avaliamos a atividade desportiva. O impacto da Comunicação no Desporto nas organizações pode estar relacionada com a perceção que o público cria sobre elas e sobre as atividades envolvidas, na expressão de uma identidade coletiva, na forma como os Media abordam

⁹² “... *today’s evaluation of program impact is tomorrow’s baseline for the next program cycle.*” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 454).

⁹³ “... *on the management process: Research initiates, monitors, and concludes the problem-solving process. It is the essential ingredient that makes public relations a management function, as well as a managed function.*” (Cutlip, Center & Broom, 1999, p. 454).

o Desporto e a na influência da atividade desportiva junto da comunidade. As práticas comunicacionais são por isso fundamentais para o sucesso do Desporto Profissional.

Desta forma, e tendo o Desporto um papel fundamental no âmbito social e cultural, é fundamental olhá-lo numa perspetiva comunicacional e avaliar o nível do impacto que esta tem – tal como outras disciplinas – na forma como se adere, pratica e fala sobre Desporto.

‘‘Há medida que o desporto cresce, a necessidade de indivíduos versados em comunicação aumentou, e a disciplina de comunicação desportiva emergiu como uma área integrante da gestão do desporto.’’ (Petersen, 2007, p.1).⁹⁴

Por volta dos anos 80, começaram a surgir os primeiros estudos e artigos sobre Desporto na perspetiva da Comunicação, sendo analisados casos como o impacto das modalidades na construção de uma identidade coletiva ou o papel dos *mass media* no Desporto. Dados positivos não só para a afirmação da importância do Desporto, como para a concretização da Comunicação no Desporto numa perspetiva de interdisciplinaridade. Foi por volta dos anos 90 que surgiram ainda mais trabalhos académicos que acabaram por desenvolver a relação entre a Comunicação e o Desporto, contrariamente a algumas décadas antecedentes, nas quais ainda se trivializava um pouco a atividade. Mas foi principalmente na viragem do século que ocorreu um acentuado interesse na ligação destas duas disciplinas materializando-os principalmente em realização de conferências, publicações específicas e artigos peculiares em jornais, que vieram dar um contributo inegável ao mundo do Desporto e da Comunicação (Billings *et al*, 2012).

⁹⁴ "As sport grown, the need for individuals well versed in communication has increased, and the discipline of sport communication has emerged as an integral area within sport management." (Pedersen, 2007, p.1).

5. Impacto da Comunicação no Desporto Profissional

Segundo Tomlinson (Billings *et al*, 2012) os dois eventos televisivos mais vistos em todo o mundo são desportivos – os Jogos Olímpicos e o Mundial de futebol – o que faz com que se mova um negócio de milhões na Indústria do Desporto⁹⁵. Os eventos desportivos têm um grande índice de popularidade, e principalmente ao nível da indústria dos Media tornam-se os eventos mais desejados (Billings *et al*, 2012).

A indústria do Desporto tem vindo a crescer exponencialmente nos últimos anos, estando a nível mundial no top 10 das indústrias geradoras de valor, afetando ainda outros setores de atividade económica: publicidade, moda, tecnologias e turismo. Neste sentido, a dimensão desta indústria, também deve à Comunicação no Desporto, em todas as suas vertentes, o seu tremendo crescimento. Para Pedersen, Miloch & Laucella (2007) nos últimos 20 anos as organizações desportivas têm vivido um enorme crescimento ao nível da popularidade, em muito devido à cobertura mediática possibilitada pelos diferentes meios, os canais por cabo, as revistas, a rádio e a internet e que acaba por ter um impacto ao nível corporativo das organizações.

Ainda assim, é reconhecido o valor da Comunicação na gestão desportiva:

“A comunicação no desporto desempenha um papel vital na gestão desportiva. Sem comunicação no desporto, os profissionais seriam incapazes de estabelecer uma estratégia, os anunciantes não seria capaz de promover, e membros da media seriam incapaz de fazer uma cobertura desportiva. Se os profissionais do desporto não comunicarem, a indústria desportiva não poderia comunicar, e a indústria desportiva não iria experimentar um crescimento contínuo.” (Pedersen, Miloch & Laucella, 2007, p.9).⁹⁶

⁹⁵“O mercado onde o negócio e os produtos oferecidos aos seus compradores estão relacionados com desporto e podem ser bens, serviços, pessoas, lugares ou ideias.” (Pitts & Stotlar in Pedersen, Miloch & Laucella, 2007, p.5).

⁹⁶“*Sport communication plays a vital role in the management of sport. Without sport communication, professionals would be unable to set strategy, advertisers would be unable to promote, and members of the media would be unable to cover sports. If sports professionals could not communicate, the sport industry would not communicate, the sport industry would not experience continued growth.*” (Pedersen, Miloch & Laucella, 2007, p.9).

Deste modo, verificamos o papel que a Comunicação tem no Desporto dito profissional e que dá um enorme destaque ao papel dos Media. Mas, por outro lado existe um outro panorama, o do Desporto amador e que deve ser visto num ângulo em que as RP têm o papel de construir uma relação integrada entre todos os *Stakeholders*, onde existe uma intenção e essa, prende-se com a necessidade de levar a modalidade a diversos públicos. Para uns a modalidade será vista como um espetáculo, para outros, como uma disciplina a praticar e ainda para outros, uma modalidade onde chegar ao nível máximo.

6. Conceito de *Sports Communication*

Alcoba (Camargo, 2001) refere que nos processos de Comunicação no Desporto em termos organizacionais têm dois tipos de ocorrências: a comunicação primária e a secundária. A primeira diz respeito à comunicação interpessoal e direta entre os intervenientes, já a segunda refere-se ao efeito dos meios de comunicação de massa, que gera impacto e mudança socialmente, podendo também ter influência junto de diversas entidades (governo, entidades públicas e privadas...).

Grönroos y Rubinstein (in Pinasa, 2008) referem-se ao valor acrescido da Comunicação no desporto e nomeiam em que vertentes essa Comunicação pode ocorrer. Destacam a interação verbal e não-verbal, e por isso aquela que se considera interpessoal ou interpares e que pode ocorrer entre os diversos atores envolvidos (desportistas, clientes, profissionais, etc) e ainda a Comunicação de massas, dirigida a grandes grupos.

Para Pedersen, Miloch & Laucella (2007, p.76) a Comunicação no Desporto é "...um processo através do qual as pessoas no desporto, num contexto desportivo ou através da criação de símbolos desportivos partilhados à medida que se criam significados através da interação."⁹⁷ Os mesmos autores propõem ainda um modelo estratégico de Comunicação no desporto (SSCM) que concetualiza a natureza, tipo e cenário em que a Comunicação ocorre no seio desportivo. Assim, identifica o âmbito pessoal e organizacional, o âmbito dos *mass media* e o dos serviços e suporte comunicacional.

⁹⁷ "...a process by which people in sport, in a sport setting, or through a sport endeavor share symbols as they create meaning through interaction" (Pedersen, Miloch & Laucella, 2007, p.76).

Também Billings *et al* (2012) se referem à Comunicação no Desporto em três vertentes: comunicação no desporto, em contexto de desporto e através do desporto. E destacam ainda a importância dos meios de comunicação na veiculação da atividade desportiva junto do público, para além da sua importância junto da comunidade, na expressão da identidade coletiva e na forma como os Media comunicam o Desporto.

Assim, e depois de verificadas as várias dimensões do conceito de Sports Communication, assumo a Comunicação para o Desporto como aquela que tem relevância para este trabalho, na medida em que se pretende estudar e planear uma estratégia de forma a informar e influenciar as decisões individuais dos públicos para a adoção de uma atitude ou comportamento perante o Desporto, neste caso a Natação Sincronizada. É ainda, é o objetivo deste projeto dinamizar as pessoas para a prática desta modalidade a partir de uma estratégia de Comunicação para o Desporto.

6.1 Comunicar Desporto

A Comunicação Pública é uma das áreas de atuação das RP e por isso, as campanhas nesta vertente procuram acima de tudo provocar a mudança, tanto ao nível das atitudes (despertar o interesse, adquirir conhecimento, etc.) como dos comportamentos (adoção ou alteração de comportamentos) e para tal são utilizadas técnicas que pretendem informar, mobilizar e sensibilizar os públicos para a mudança, uma mudança que é sempre considerada como mais positiva para a sociedade e por esta razão, de interesse público⁹⁸.

É neste sentido que se trata do contexto de Relações Públicas e Comunicação para o Desporto (e não em contexto de Desporto) que pretende levar mensagens até à comunidade para a adoção de novas práticas. O elo de ligação entre a Comunicação e o Desporto permite sensibilizar e informar as pessoas para as questões relacionadas com a prática desportiva e os seus benefícios, gerando, junto dos públicos, uma atitude favorável perante a modalidade em causa e também um envolvimento.

A Comunicação pode ser por isso, uma das principais aliadas na promoção, dinamização do desporto e sensibilização para a prática desportiva, como promotora da

⁹⁸ No âmbito do interesse público é importante assumir as especificidades de cada público, dando-lhes um “papel principal” e assumindo-os como sendo o enfoque primário. E assumi-lo é também adotar mensagens comunicativas que eles próprios entendam e sejam eles próprios autores da mudança.

vida saudável e do bem-estar, na medida em que permite através das estratégias desenvolvidas alcançar esta eficácia.

Assim, é fundamental que as estratégias de Comunicação adotadas estejam ajustadas aos públicos segmentados, pois só assim se alcançarão os objetivos e se conseguirá, provocar uma mudança, tanto ao nível dos comportamentos individuais como ao nível da sociedade, mudança esta, que deve manter-se e perdurar no tempo.

Assim, Stoldt, Dittmore & Branvold (2012) definem o conceito de Comunicação para o Desporto com base em três fatores: ser uma função de gestão, de Comunicação/Ação, sistemática na relação com os públicos – relações estas que devem ser benéficas: “As Relações Públicas no Desporto são uma função material de comunicação desenhada para identificar os públicos-chaves da organização desportiva, avaliar as suas relações com estes públicos, e manter relações desejáveis entre a organizações desportiva e os seus públicos.” (Stoldt, Dittmore & Branvold, 2012, p.2).⁹⁹ O autor identifica ainda várias responsabilidades agregadas à disciplina, entre elas a procura das melhores formas de manutenção de relações, gerir crises, ter um papel ativo junto da comunidade, fortalecer a identidade da organização assim como ajudar a comunicar marcas, produtos e serviços, ter um papel socialmente ativo e responsável.

Pedersen, Miloch & Laucella (2007, p. 34) refere que as RP devem relacionar-se com o marketing e a publicidade no que concerne ao objetivo que têm comum que é de criar “*awareness*” à volta da organização e/ ou dos seus produtos e/ou serviços. E aqui destacamos a ideia das RP numa perspetiva integrada com outras disciplinas essenciais à gestão estratégica de uma organização. Os autores referem ainda que o foco da atividade está na gestão da informação entre a organização e os seus públicos-alvo, tentando criar uma perceção o mais positiva possível, tentando por isso relações mutuamente benéficas com o público em geral, a comunidade e os media. Para além disso, devem ainda fazer a ponte entre aquilo que são os objetivos dos públicos e a gestão da organização. Os mesmos autores referem ainda que na natureza das Relações Públicas está ainda o desenvolvimento de mensagens, as relações com a comunidade e a colaboração e comunicação com outras organizações chave.

⁹⁹ “*Sport Public Relations is a material communication-based function designed to identify a sport organization’s key publics, evaluate its relationships with those publics, and foster desirable relationships between the sport organization and those publics*” (Stoldt et al, 2012, p.2).

Hopwood, Skinner & Kitchin (2010) defende que as RP no Desporto se baseiam no estabelecimento, gestão e manutenção de relações mutuamente influentes e benéficas, certificando-se que a organização desportiva comunica/age estrategicamente (faz o certo, no momento certo e junto dos públicos-alvo). Hopwood, Skinner & Kitchin (2010) retrata os objetivos das RP em 8 pontos: estabelecer e manter relações mutuamente benéficas e com durabilidade, sensibilizar, informar, educar, construir confiança, encontrar parceiros, dar ao público um motivo para apoiar algo e motivar a aceitação por parte dos fãs.

Ledingham (Hopwood, Skinner & Kitchin, 2010) refere que as Relações Públicas no Desporto em tudo têm a ver com as relações, a sua gestão e construção. Lagae (Hopwood, Skinner & Kitchin, 2010) adota um conceito sustentado na ideia de uma estratégia de Comunicação interativa que faça uso dos media para obter aceitação, atenção e apoio nos valores e objetivos da organização junto do público-alvo.

Hopwood (2005) destaca ainda que as organizações na contemporaneidade compreendem que se podem diferenciar das outras e ganhar vantagens competitivas, enquanto organização e com os seus produtos, desenvolvendo estratégias de Comunicação, desenvolvendo comunicação efetiva e relações estratégicas. No seu estudo de 2005, Hopwood debruça-se sobre uma modalidade que se encontra em decadência a todos os níveis (financeiro, adeptos, etc.) e encontra nas RP a forma de comunicar de forma apelativa e relevante esta modalidade junto dos públicos-alvo, a serem identificados, reconhecendo também que a base está em “... estabelecer relações com os seus públicos, e os públicos procuram estabelecer essa mesma relação com a organização escolhida por razões de benefício mútuo.” (Hopwood, 2005, p.185)¹⁰⁰.

7. Diferentes abordagens

Dentro da atividade das RP existem diferentes setores de atuação e, no Desporto, as relações com os Media e com a Comunidade são as duas mais frequentes. Existem ainda outros públicos com os quais as RP devem desenvolver as suas relações, com os colaboradores, investidores, clientes, governo e sector não lucrativo e todos eles têm as suas especificidades e os programas devem adaptar-se ao meio em que estão a ser

¹⁰⁰ “... establish relationships with their publics, and publics seek to establish relationships with their chosen organisation for reasons of mutual benefit.” (Hopwood, 2005, p.185).

trabalhados. Mas estas questões não serão objeto de intervenção neste trabalho. As relações saudáveis e desejáveis entre os colaboradores e a organização têm impacto na transmissão de mensagens bidirecional, nos comportamentos e atitudes dos colaboradores e na cultura organizacional, minimizando crises e levando a que os colaboradores se identifiquem com a própria organização. Já nas relações com investidores, as RP devem desenvolver relações mutuamente benéficas baseadas na informação constante, na confiança, e numa comunicação bidirecional, sempre numa perspectiva proactiva.

As relações com os clientes devem basear-se acima de tudo na confiança e na construção e sustento de relações duradouras que procurem a sua satisfação, lealdade e o sucesso. Desta forma é preciso identificar quem são, conhecê-los, comunicar com eles, garantir a sua satisfação e mantê-los junto da organização. É neste sector que estão inseridos os possíveis patrocinadores, aos quais se deve desenvolver uma relação *win-win* para ambos.

Os *Public Affairs*¹⁰¹ dizem respeito à gestão dos interesses das organizações na agenda política e pública e às relações com as organizações governamentais, políticas e reguladoras, e enquanto atividade das RP nas organizações, são fundamentais relações benéficas na tentativa de alcançar influência e ter uma voz ativa no processo de decisão política.

Para terminar, o setor não lucrativo, que se compõe por diversas entidades que têm em comum o facto de distribuírem os lucros obtidos a favor da causa que defendem, pode ter um papel importante no apoio às organizações desportivas, por exemplo pode existir uma cooperação com as Organizações no Setor não Lucrativo da área da saúde e Desporto na promoção de estilos de vida saudáveis, que incluem a dinamização da prática desportiva.

7.1 Relações com os Media

Stoldt, Dittmore & Branvold (2012) entendem que este conceito passa por promover relações desejáveis com os media. E um relacionamento com base em *goodwill* é fundamental para o sucesso de qualquer ação de RP. Pedersen, Miloch & Laucella (2007) mencionam que um bom relacionamento com os media não significa

¹⁰¹ *Assuntos Públicos*

necessariamente que eles só deem boas notícias sobre a organização, mas acima de tudo, que se garanta uma boa comunicação entre organização-media, porque esta é a base de um conceito de RP efetivas.

Os media têm um impacto extraordinário junto da opinião pública a nível local, regional, nacional e internacional e o seu trabalho pode ser fundamental no processo de “Comunicar/Fazer agir” e, por isso, na mudança e adoção de comportamentos. Por esta razão as relações com os media, são a forma mais comum de RP em campanhas de Desporto e devem ser baseadas, tal como as restantes áreas da profissão, em determinados valores: *advocacy*, honestidade, *expertise*, independência, lealdade e justiça.¹⁰²

7.2 Relações com a comunidade

As ações de RP, em especial os eventos desportivos, são geradores de mudança social e produzem impacto no ambiente social em que estão envolvidos. Segundo Duarte (2009) hoje em dia as Relações com a Comunidade têm implicações a diferentes níveis: “...este tipo de eventos que são promotores da mudança social significam que têm impacto em diferentes domínios sociais, como o Desporto, a Saúde e o Turismo.” (Duarte, 2009, p.77).¹⁰³ Estas são áreas que estão interrelacionadas entre si e que revelam a importância que o Desporto pode ter no desenvolvimento de outros sectores de atividade.

Também L’Etang (2006) ao nível do Desporto amador destaca a importância da sua prática para o bem-estar e entretenimento da comunidade, salientando a necessidade da sua dinamização, através das Relações Públicas. Para o autor, o contributo das RP passa então pela promoção do Desporto como parte da vida saudável comunitária.

L’Etang (2006) também se refere às Campanhas e programas de Comunicação Pública como contribuindo para a prática desportiva, aliadas ou não à Comunicação para a saúde, que a este nível diz respeito à promoção dos hábitos de vida saudáveis, o que implica a prática desportiva.

¹⁰² Segundo o Código de Ética PRSA, 2000.

¹⁰³ “...these kind of events are promoters of social change means that they have an impact on different social domains such as those of Sport, Health and Tourism.” (Duarte, 2009, p.77).

Assim, há que destacar o impacto e efetividade que se pretende que as RP tenham de forma consistente e duradoura, nas mudanças individuais, que levam por si à mudança social e ao entendimento dessa mesma transformação. Algumas dessas mudanças podem estar relacionadas com o reforço da identidade e cultura comunitária ou promoção de estilos de vida saudáveis e práticas desportivas de lazer. (Duarte, 2009).

Desta forma, as RP nas Relações com a comunidade procuram alcançar uma meta essencial, a de dinamizar os indivíduos para a prática desportiva através de estratégias de Comunicação Pública que pressupõe, com base na segmentação de públicos, que se dê um incentivo e um mote de persuasão para a mudança social, tendo sempre em conta que o objetivo essencial é o bem comum para comunidade e esta deve ser consciencializada para tal.

Assim, a FPN nas suas relações com a comunidade, e numa vertente de Comunicação Pública, estará a defender os seus próprios interesses, o de promoção de uma modalidade, interesses esses que também consideramos o “bem comum” para a comunidade pelas razões acima referidas e que consideramos de interesse público.

Por isso, devemos referir-nos a uma estratégia de Comunicação para o Desporto que não se cinja apenas aos limites da informação mas encare a mudança de comportamentos junto dos públicos como o objetivo a atingir, acautelando a necessidade de trabalhar de acordo com as suas especificidades, um trabalho que deve ser feito para a comunidade e junto dela. Assim devem conhecer-se e compreender os públicos, as suas necessidades, características e motivações, mas também todas as especificidades do cenário envolvente, de forma a que se conquiste num relacionamento benéfico, um cenário favorável ao entendimento mútuo e à receção das mensagens que se pretende disseminar.

Estamos na era da Comunicação estratégica para a mudança de comportamentos e desta forma, incitar uma modificação de comportamento ou a adoção de um é, portanto, o grande objetivo da Comunicação para o Desporto, num contexto individual e comunitário, e por isso, envolvendo toda a sociedade. Por outro lado, o papel individual de cada um, depois de existir uma envolvência e mobilização passa também pela própria partilha e pelo processo de influência no outro, trata-se de um papel de agentes ativos.

Assim, ao propormos uma estratégia de Comunicação para o Desporto deste género, e centrada na audiência, estamos simultaneamente a dinamizar uma modalidade com delicada expansão e a promover hábitos de vida saudáveis, o lazer e o entretenimento, valores essenciais à Comunidade.

Às RP pede-se portanto que sejam também uma função de desenvolvimento social junto da comunidade como um todo, tendo por isso uma função de responsabilidade social, consciencialização e contribuição para o bem-estar da comunidade baseando a sua intervenção nas já conhecidas relações mutuamente benéficas, baseadas em programas adaptados ao público e à sua envolvente e fundamentados em:

- Informação
- Influência (de atitudes e comportamentos)
- Sensibilização e capacitação
- Diálogo
- *Goodwill*
- Sustentabilidade
- Conhecimento

8. Tendências

Como já foi referido também os eventos desportivos podem ser percussores de mudança social e envolver a comunidade na qual se desenvolvem, imbricando-se também com outros sectores de atividades que podem simultaneamente proporcionar relações de *win-win* e *goodwill*. Assim, este é um desafio que se coloca aos profissionais de Relações Públicas, não esquecendo que as “...RP em eventos desportivos necessitam muito mais de estratégias comunitárias do que esforços junto dos media, sendo ‘Peer to Peer’ cada vez mais importante.” (Duarte, 2009, p. 84).¹⁰⁴

Para além disso há ainda que destacar a dicotomia dos valores *Communitas/Corporatas* como um dos desafios para as RP atualmente. Em termos da retórica desportiva,

¹⁰⁴ “...PR in sporting events needs much more communitarian strategies than mass media efforts, and “Peer to Peer” is more and more important.” (Duarte, 2009, p. 84).

*communitas*¹⁰⁵ corresponde ao lado mais recreativo e de lazer do desporto, já *corporatas*¹⁰⁶ refere-se ao seu lado mais competitivo e de triunfo, “...os ideais *communitas* do desporto ostentam um senso de comunidade onde a igualdade, a saúde e o jogo são celebrados. [...] Os ideais *corporatas* representam grandes negócios, vencer e o ponto de partida.” (Boyd & Stahley, 2008, p. 257).¹⁰⁷ Contudo ambas são importantes, tendo em conta a subsistência da organização, assim como a gestão dos múltiplos *Stakeholders* e identidades, e é nesta gestão que as RP têm um papel fundamental.

Existe um confronto entre múltiplos autores mas segundo Boyd & Stahley (2008, p. 257) “Como ideais, a verdadeira *communitas* ou a autêntica *corporatas* nunca podem ser alcançadas.”¹⁰⁸. Deve sempre ser encontrado um balanço entre os interesses da organização e os dos seus públicos:

“Enquanto elementos de conflito na retórica desportiva, nem *communitas* nem *corporatas* isoladas podem descrever por completo o discurso de uma organização desportiva. As organizações devem alinhar-se de forma a manter um balanço retórico com os seus múltiplos públicos.” (Boyd & Stahley, 2008, p. 256).¹⁰⁹

Assim, o papel das RP passa por encontrar esse balanço entre as duas mensagens opostas. De facto, ao nível dos desportos profissionais, o balanço será mais facilmente encontrado na visão *corporatas*, já nos desportos de lazer e amadores, provavelmente o balanço será definido numa vertente mais *communitas*. Mas na realidade, na atividade de RP, o verdadeiro balanço é aquele que se localiza no local específico da dualidade

¹⁰⁵ “Ideais *communitas* idealizam o desporto evocando inocência e pureza, sendo que os jogadores jogam pelo amor ao desporto.” (Boyd & Stahley, 2008, p.254).

¹⁰⁶ “Ideais *corporatas* idealizam o desporto numa perspectiva de competição entre jogadores numa batalha para dominar outros jogadores.” (Boyd & Stahley, 2008, p.254).

¹⁰⁷ “...*the communitas ideal of sports boasts a sense of community where equality, health, and play are celebrated. [...] The corporatas represents big business, winning, and the bottom line.*” (Boyd & Stahley, 2008, p. 257).

¹⁰⁸ “*As ideals, true communitas or authentic corporatas can never be attained.*” Boyd & Stahley (2008, p. 257).

¹⁰⁹ “*As conflicted elements of sports rhetoric, neither communitas or corporatas alone can completely describe a sports organization’s discourse. Organizations must align themselves between and among both to maintain some kind of rhetorical balance with their multiple publics.*” (Boyd & Stahley, 2008, p. 256).

communitas/corporatas consoante a organização em causa. Mas, na realidade as RP devem sempre revelar neste equilíbrio que vencer é importante, mas que de facto, não é tudo. (Boyd & Stahley, 2008).

Capítulo V – Projeto

Estratégia de Relações Públicas para a divulgação da Natação Sincronizada em Portugal

1. Análise da investigação

Identificando como problema/oportunidade a “Falta de conhecimento/reconhecimento da Natação Sincronizada em Portugal”¹¹⁰, torna-se evidente a necessidade de criação de um projeto de Comunicação Estratégica que opere no sentido de divulgar a modalidade no nosso país e trazer até ela novos adeptos, atletas para a prática e especialistas formados nesta disciplina desportiva. Em termos de captação de novos praticantes, destaca-se o desconhecimento da modalidade por parte das camadas mais jovens – serão estas o público-alvo com maior enfoque no projeto.

Em termos académicos, é um projeto inovador e que vê nas RP um meio para conseguir dinamizar a modalidade recorrendo a uma série de linhas estratégicas fundamentadas e construídas com base numa profunda análise do problema/oportunidade. As RP desempenham um papel fundamental na precursão dos objetivos identificados para a projeção da Natação Sincronizada em Portugal.

A proposta aqui apresentada é um plano estratégico, a ser colocado em prática pela FPN em parcerias com as associações e entidades envolvidas nas atividades aquáticas, em especial a Natação Sincronizada, e estruturado por um período de um ano, extensível a mais dois anos, e tendo em conta as próprias dificuldades e especificidades inerentes à atividade da FPN. A destacar que a proposta foi realizada com base em três anos, devido ao facto de ser o período de duração da direção atual da FPN, que dura até ao final do ciclo Olímpico, em 2016.

Por esta razão a implementação deste projeto durante o segundo período (dois anos) estará dependente do sucesso durante o primeiro e este servirá para novos ajustes, se assim se vier a justificar necessário, no sentido de alcançar ao máximo a efetividade desta proposta de Comunicação Estratégica que tem por base o “Processo de RP em

¹¹⁰ Relativamente à decisão de não utilizar inquéritos por questionário neste Projeto a explicação encontra-se na descrição da Metodologia, na página 5.

quatro etapas”¹¹¹ e que engloba as fases de Investigação, Planificação, Ação/ Comunicação-Ação e Avaliação.

Neste projeto foram definidas as linhas estratégicas deste plano, que compreendem a identificação, gestão e segmentação dos *Stakeholders*, adaptados à concretização dos objetivos e da meta proposta, suportados por mensagens comunicacionais e eixos estratégicos de atuação. A partir daqui são propostas as diversas ações consideradas estratégicas para a consecução da meta a que nos propomos.

Por último são concretizados os pontos que compõe a gestão e operacionalização do projeto (calendarização e orçamentação), assim como são identificadas as possíveis limitações existentes à concretização deste plano estratégico que considero fundamental para a evolução da Natação Sincronizada a nível nacional.

1.1 Análise Swot/Posicionamento

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> • Modalidade pluridisciplinar; • Tem benefícios a diferentes níveis; • É um espetáculo atrativo; • Vertente recreativa e competitiva; • Permite em termos recreativos a realização de espetáculos, exibições e outras performances; • Valores providenciados pela modalidade; • Melhorias a nível técnico e artístico; • O nível de exigência em termos competitivos tem vindo a aumentar; • Aumento razoável do número de praticantes ao nível recreativo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Complexidade da modalidade; • Exigência ao nível competitivo; • Escassez de treinadores; • Escassez de verbas; • Estagnação de número de praticantes ao nível competitivo; • Exigências infraestruturais da modalidade; • Escassez de cursos e formação para profissionais; • Os técnicos existentes por vezes não têm formação suficiente; • Inexistência de algumas bases essenciais; • Poucas competições realizadas anualmente.

¹¹¹ Consultar capítulo IV, subcapítulo 3.2 - Processo de RP em quatro etapas.

<ul style="list-style-type: none"> • Novas regras possibilitam o acesso de atletas mais velhas. 	
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação no programa de televisão, <i>Splash</i>; • Existem alguns clubes interessados em abrir a modalidade; • Aproveitar a experiência das ex-atletas; • Aproveitar o gosto de algumas pessoas pela modalidade; • Apostar na vertente recreativa; • Melhorar a vertente competitiva; • Patrocínios • Formação de novos treinadores • Protocolos com algumas instituições internacionais • Projetos de desenvolvimento desportivo • Aproveitar o apoio das faculdades de Desporto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de reconhecimento da modalidade • Constrangimentos financeiros; • Incompatibilidade com a vida social, académica e escolar dos atletas; • O facto de ser imprevisível o tempo de duração da atual direção da FPN, o que pode inviabilizar um plano para além de 2016; • Falta de financiamentos e apoios; • Algum desconhecimento do panorama da modalidade ao nível nacional; • Pouco apoio de clubes e dirigentes desportivos à evolução e crescimento da modalidade; • O estado de estagnação em que se encontra a modalidade nos últimos anos; • A mobilização por interesses no seio da modalidade.

Tabela 2 - Análise SWOT da situação da Natação Sincronizada em Portugal

Assim face a esta análise há que destacar um diferente panorama ao nível competitivo vs. recreativo e ambos exigem diferentes soluções. Para além disso, apesar do número de atletas e clubes ter aumentado nos últimos anos, encontra-se atualmente estagnado e muito aquém do que seria desejável, comparativamente com outras modalidades, e este facto também se deve à inexistência de profissionais qualificados para poderem agarrar num projeto de Natação Sincronizada num clube desportivo. Ainda assim, são preocupantes as dificuldades ao nível das estruturas diretivas e logísticas e apoios à modalidade, fazendo com que seja complicado avançar e crescer dentro da modalidade

e fazer face aos desafios que vão surgindo. Acima de tudo, é fundamental difundir a modalidade, para que seja reconhecida, aumentar a procura a todos os níveis (atletas, treinadores, juizes) mostrando que a modalidade pode ser uma vantagem competitiva para diversas entidades e assim, aumentar o apoio por parte destas mesmas entidades à evolução e incremento da NS.

Em termos de divulgação da modalidade há que destacar algumas ações que tiveram, ou em alguns casos, continuam a dar um incremento positivo ao desenvolvimento da modalidade.

O projeto Estrelas-do-mar¹¹², é um dos projetos de desenvolvimento desportivo criado pela FPN e que tem como objetivo a promoção da participação de crianças e jovens em atividades aquáticas, divulgando neste sentido a NS, procurando o aumento do número de praticantes.

Algumas associações de Natação do país tem posto em prática o plano, destaco a ANM que entre 2006 e 2009, aumentou de 16 para 40 o número de praticantes, destacando também o facto da maioria destas nadadoras apenas querer enveredar pela vertente recreativa, praticando a modalidade sem participação em competições. Também de mencionar o Plano de Desenvolvimento Regional de Natação Sincronizada, desenvolvido pela ANL, de forma a dar visibilidade à modalidade desportiva que tem menor destaque dentro do universo da Associação. Neste sentido, a ANL com este projeto pretende dar visibilidade à NS a nível regional, aumentar o número de atletas e clubes, realizar um campeonato regional, aumentar a representatividade e domínio a nível nacional. A destacar o torneio “Lisboa Syncro”, que foi a primeira competição oficial de Natação Sincronizada organizada pela ANL e que está integrada no alinhamento estratégico do Projeto desta Associação.

Ainda de referir a título de exemplo algumas participações de clubes a título de convite em algumas performances (vídeo clips, reportagens, curta-metragens, etc.) mas que nunca foram utilizados de forma a incrementar a modalidade, por parte das entidades envolvidas. Estas participações, na sua grande maioria, foram usadas apenas a título artístico, sendo raramente identificadas como performances de NS, o que sempre minimizou o “despertar de interesse” pela modalidade em grande medida.

¹¹² Consultar, Anexo 4 – Folheto do Projeto Estrelas-do-mar

Há que destacar a importância do recente programa de televisão do canal Sic, no qual eram realizadas performances de NS por equipas de diferentes clubes nos intervalos das provas de saltos protagonizadas por famosos. Este programa veio ajudar a difundir a modalidade e pode ser um bom ponto de arranque para uma maior mobilização, uma vez que os públicos já estão um pouco mais alerta para a existência da NS.

Assim sendo, há que valorizar estes pontos e reaproveitá-los, reativá-los e dinamizá-los por todo o país, na campanha que apresento, de modo a atingir os objetivos a que me proponho com este projeto.

2. Planeamento

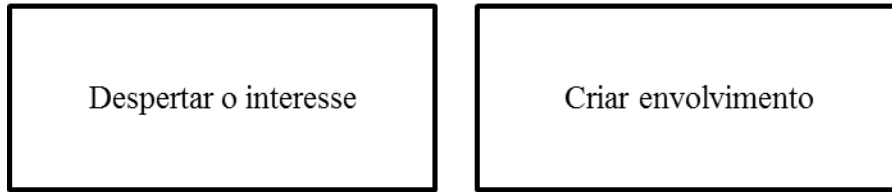
2.1 Meta

A finalidade do projeto passa por difundir a Natação Sincronizada em Portugal e consolidar o número de praticantes, a nível recreativo ou competitivo, aumentando o número de inscrições. Simultaneamente, pretende-se recrutar mais indivíduos no âmbito de formação da modalidade.

2.2 Objetivos Gerais da Campanha

- Dar a conhecer a modalidade
- Aumentar o número de praticantes
- Aumentar o número de técnicos especializados
- Aumentar o número de clubes que oferecem a modalidade
- Incrementar a parceria entre a FPN, clubes e Associações de Natação
- Disponibilizar mais informação *online* sobre o tema
- Incentivar mais ações de mobilização da modalidade
- Reativar ações já realizadas

2.3 Eixos Estratégicos



Face à análise efetuada e aos objetivos gerais definidos para a campanha, esta foi estruturada em torno de dois grandes eixos estratégicos, “Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”.

2.3.1 Despertar o interesse

Este eixo diz respeito à fase de tomada de consciência do assunto – despertando, informando e dando a conhecer aos públicos a modalidade, as suas características e os seus benefícios, fazendo assim frente ao problema de “desconhecimento e falta de reconhecimento da modalidade”. Uma fase onde, consoante o estado do público face ao assunto, se dirigem as mensagens de acordo com os objetivos projetados para esses mesmos públicos.

Para além disso, esta é a fase de pré-envolvimento, pois alguns dos públicos, essencialmente o grupo dos denominados “parceiros” terão um papel fundamental no posterior apoio à FPN na criação de envolvimento para angariar futuros praticantes ou treinadores.

Esta é então a fase da “informação”, uma informação dirigida e direcionada que tem como objetivo mostrar a cada um dos públicos o que é a NS e de que forma é que pode ter uma interferência positiva, a diferentes níveis, em cada um deles. Pretende-se que depois deste momento, se concretize uma mudança de atitude.

2.3.2 Criar envolvimento

A criação de envolvimento é um eixo que pretende alcançar um comportamento por parte dos públicos-alvo, conseguindo-se criar um envolvimento dos demais com a NS, em cada um dos papéis correspondentes a cada um dos públicos.

Este eixo prende-se com um dos objetivos da campanha, que passa por aumentar o número de praticantes e técnicos para a modalidade, que se concretizará num crescimento da modalidade, que acontecerá a par de um maior envolvimento de Clubes, Associações e outras entidades essenciais a um progresso sustentado e positivo da modalidade em Portugal.

Este eixo será a concretização da resposta positiva dos públicos ao eixo de “despertar o interesse” com a adoção de um comportamento face à modalidade. Acontece que, todo este processo é um ciclo que requer por parte desta campanha um incremento da colaboração entre todas as partes envolvidas de forma a alcançar os objetivos planeados.

2.4 Alinhamento estratégico

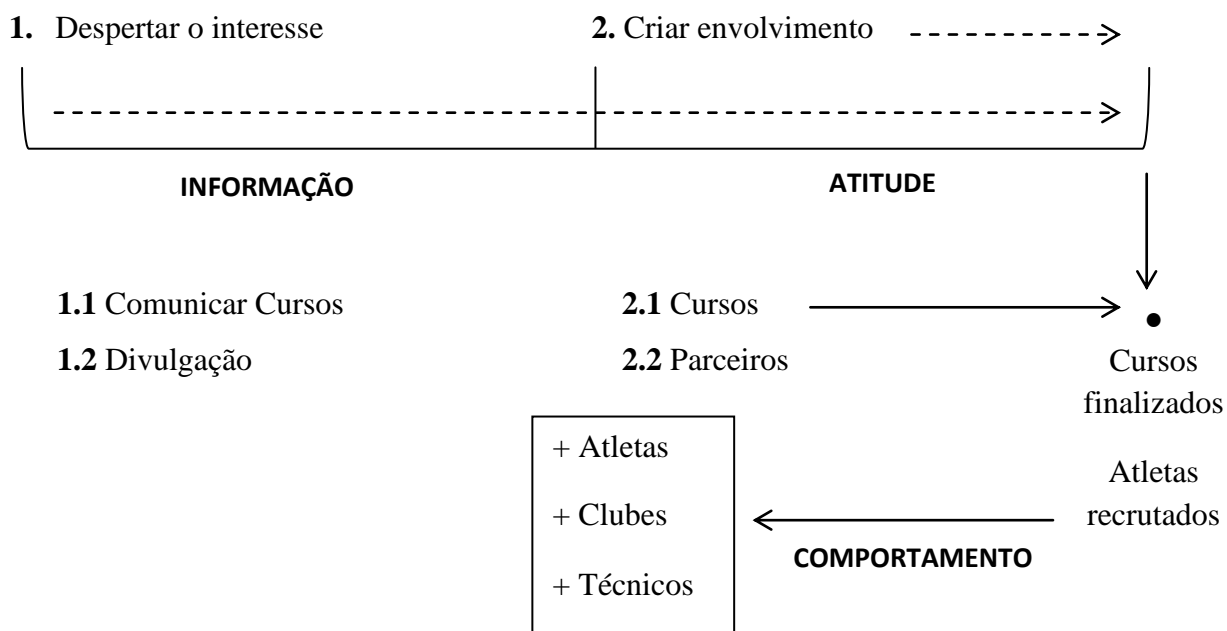
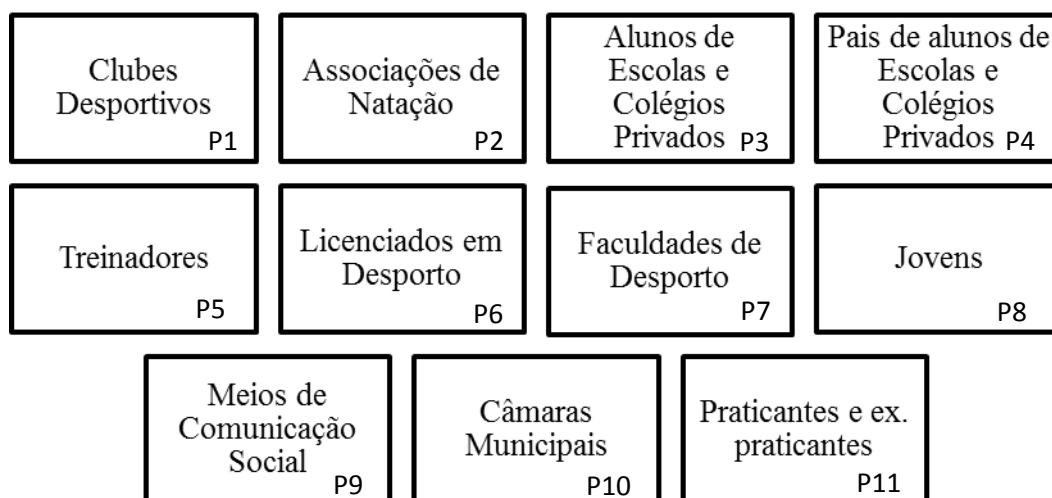


Ilustração 1 – Alinhamento estratégico

2.5 Stakeholders¹¹³



2.6 Caracterização dos Públicos-alvo

Para este plano estratégico de Relações Públicas, defino três agrupamentos de públicos-alvo finais da comunicação e dois públicos-alvo mediadores e nestes cinco grupos, reúno os *Stakeholders* acima referidos, são eles: os futuros praticantes, os futuros treinadores e os adeptos; os mediadores são os parceiros e os Meios de Comunicação Social.

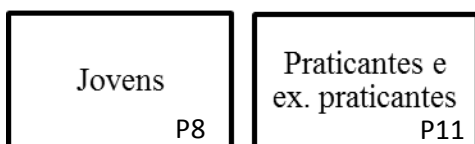
Uma das fragilidades deste projeto prende-se com a inacessibilidade ou inexistência de estatísticas que me permitam caracterizar num panorama concreto os públicos-alvo, assumindo por isso, em alguns casos, estimativas e dados aproximados e o mais próximo da realidade possível, que me permitam definir objetivos mensuráveis e avaliáveis. A própria escassez de recursos para realizar estudos sociológicos força a utilização de dados aproximados.

Apesar da NS ser uma modalidade maioritariamente feminina e em Portugal não existirem indivíduos do género masculino na sua prática, na análise de públicos não foi feita uma caracterização discriminatória, não excluindo por isso, o género masculino dos dados estatísticos. Uma vez que não existe nenhuma regra pré-estabelecida que

¹¹³ A Classificação P1 a P11 não revela qualquer ligação ao nível de importância dos públicos ou ao seu estado face ao assunto, apenas é utilizado a título de identificação.

proíba a intervenção masculina na modalidade, consideramos que não faz sentido criar um precedente preconceituoso, notando que no entanto, será sempre o público feminino o principal enfoque. O mesmo se reflete em relação a futuros treinadores do género masculino que também podem estar predispostos a formar-se na modalidade.

2.6.1 Adeptos



São aqueles que não conhecem a modalidade e que se pretende que despertem o interesse por ela, ou por outro lado, já conhecem a modalidade e estão envolvidos ou alguma vez estiveram envolvidos. Ambos podem ter um papel importante no processo que passa por, adquirir conhecimento sobre → comunicar ao outro sobre, ou no caso em que já se conhece a modalidade o processo envolve apenas o “comunicar ao outro sobre”. É um grupo de públicos importante, por um lado, para dar a conhecer, por outro, para ajudar a divulgar. Este pode ser um dos públicos que num prazo mais alargado, além dos três anos, pode ter um potencial de envolvimento.

2.6.1.1 Jovens

Trata-se de um potencial *Stakeholder* dotado de um grande nível de abrangência, mas fundamental nesta campanha. Existem em Portugal cerca de 3.966.236¹¹⁴ jovens, considerando aqui as idades compreendidas entre os 10 e os 39 anos. Deste total, 1.990.161 são mulheres e 1.976.075 são homens. Estão inseridos em três níveis distintos de formação: Escola Básica/Secundária, Ensino Superior ou Vida Ativa.

2.6.1.2 Praticantes¹¹⁵ e ex. praticantes

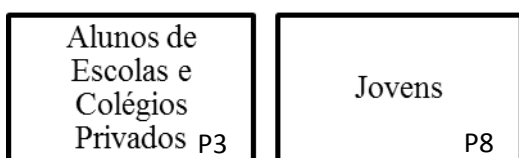
Existem atualmente cerca de 300¹¹⁶ praticantes de NS filiados na FPN e pela modalidade estima-se que tenha passado aproximadamente o mesmo número de atletas

¹¹⁴ Fonte: PORDATA, www.pordata.pt

¹¹⁵ Entende-se por praticante desportivo o “Indivíduo que, a título individual ou integrado numa equipa, desenvolve uma atividade física e desportiva planeada, organizada e repetida com o objetivo de manter ou melhorar uma ou mais componentes da aptidão física ou performance desportiva.” (Fonte: IDP)

pela modalidade. Assim, e não existindo número de atletas não filiados pela FPN, faz-se uma estimativa de cerca de 700, o número de indivíduos que praticam ou já praticaram a modalidade. Caracterizam-se por serem um público feminino, entre os 8 e os 40 anos, os mais novos frequentam a escola primária, básica ou secundária e ainda praticam NS, uma pequena minoria pratica ainda a modalidade e frequenta o ensino universitário e as mais velhas têm, na sua grande maioria, uma atividade profissional e um papel familiar e já deixaram de praticar a modalidade desde que entraram na vida ativa e familiar.

2.6.2 Futuros praticantes



São aqueles que já conhecem a modalidade e vamos tentar “criar envolvimento”, ou por outro lado, ainda não conhecem e é necessário “dar a conhecer” e “criar envolvimento”. São aqueles que adquirem um novo comportamento e vão praticar a modalidade.

2.6.2.1 Alunos de Escolas e Colégios Privados

Os últimos dados disponíveis revelam que o ensino particular e cooperativo, da educação pré-escolar ao ensino secundário é frequentado por cerca de 440 mil alunos.¹¹⁷ Caracteriza-se por ser um público com idades compreendidas entre os 3 e os 18 anos e misto mas maioritariamente o género feminino fará parte do agregado de futuros praticantes da modalidade.

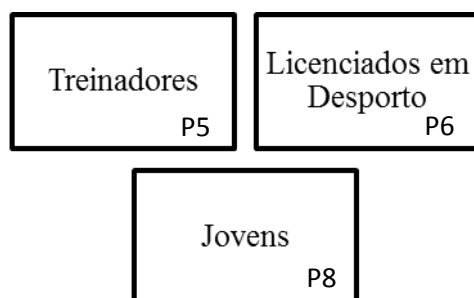
2.6.2.2 Jovens

Consultar ponto 2.6.1.1

¹¹⁶ Fonte: FPN

¹¹⁷ Fonte: AEEP

2.6.3 Futuros treinadores



Sendo pessoas ligadas aos Desporto e com formação na área já conhecem minimamente a modalidade, ou caso sejam pessoas sem formação na área desportiva já adquiriram algum gosto pela modalidade e também a reconhecem suficientemente. São um grupo de públicos com o qual se pretende principalmente um envolvimento, depois de despertado o interesse não pela modalidade em si, mas pela forma como pode interferir e ser positiva nas suas vidas profissionais.

2.6.3.1 Treinadores

O conceito de treinador “É definido na Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto que a atividade de treinador de desporto compreende o treino e a orientação competitiva de praticantes desportivos, bem como o enquadramento técnico de uma atividade física ou desportiva, exercida como profissão, exclusiva ou principal, auferindo por via dela uma remuneração; ou de forma habitual, sazonal ou ocasional, independentemente de auferir uma remuneração.”¹¹⁸

Utilizo como valor referência ¹¹⁹ os 19 800 treinadores inscritos nas diferentes federações desportivas, dos quais 3274 são mulheres e destas 1458 estão concentradas na Federação de natação, acabando por ser estas o principal foco, podendo especializar-se na disciplina de NS e serem por isso potenciais treinadores da modalidade.

¹¹⁸ Fonte: IDP, www.idp.pt

¹¹⁹ Fonte: IDP, www.idp.pt

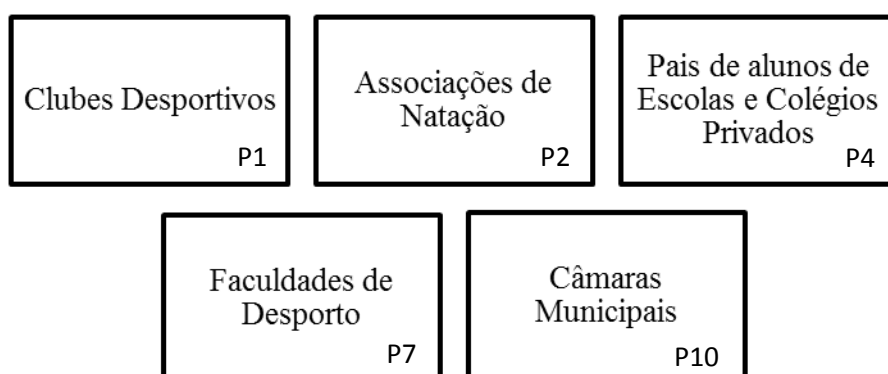
2.6.3.2 Licenciados em Desporto

No ano de 2013, abriram cerca de 2500 vagas¹²⁰ para cursos da área das Ciências do Desporto em todo o país. Refletindo sobre os últimos três anos, estima-se que tenham saído das universidades públicas e privadas, cerca de 7000 alunos licenciados em Desporto. Caracterizam-se por ter idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos, alguns já têm uma atividade profissional, outros procuram uma primeira experiência na vida ativa e outros vivem situação de desemprego. Deste modo, podem ser potenciais treinadores de NS, sendo esta uma modalidade que pode abrir portas a novos desafios.

2.6.3.3 Jovens

Consultar ponto 2.6.1.1

2.6.4 Parceiros



São um meio para atingir alguns dos públicos-alvo. A FPN deverá trabalhar conjuntamente com eles, num esforço de colaboração e cooperação comum, que tem não só como objetivo o recrutamento de mais praticantes, como uma contribuição para o crescimento da modalidade, com apoios a todos os níveis já nomeados na análise situacional. Devem ser informados primariamente sobre a modalidade e a partir daí criado o envolvimento pois podem e devem vir a ser atores no processo de difusão da modalidade.

¹²⁰ Fonte: DGES, www.acessoensinosuperior.pt

2.6.4.1 Clubes Desportivos

Segundo o IDP, entende-se por Clubes desportivos, “pessoas coletivas de direito privado cujo objeto seja o fomento e a prática direta de atividades desportivas e que se constituam sob forma associativa e sem intuítos lucrativos, nos termos gerais de direito.”¹²¹ Sendo os clubes os principais instrumentos para a produção de atividades desportivas é destacar que o número de clubes desportivos em Portugal estabilizou em cerca de 12 000 organizações, concentrados maioritariamente nos distritos de Lisboa e Porto, onde se situa 36% do total dos clubes, seguindo-se os distritos de Aveiro (8%) e de Setúbal (7%). Metade do total de clubes a nível nacional concentra-se nestes quatro distritos. Neste caso adotamos o número de clubes desportivos com instalações propícias ao desenvolvimento de atividades aquáticas, e que constam da base de dados presente no site da FPN¹²², são cerca de 404 clubes concentrados de Norte a Sul do país, incluindo ilhas.

2.6.4.2 Associações de Natação

Neste grupo incluo todas associações nomeadas no Capítulo III (p.53), no total de 15, e que reúne os Agrupamentos de Clubes de Base Geográfica, caracterizadas como “pessoas coletivas de direito privado, englobando clubes desportivos, cujo objeto seja promover, regulamentar e dirigir, a nível nacional, de uma dada área geográfica, a prática de uma modalidade desportiva ou conjunto de modalidades afins, e que se constituem sob forma associativa e sem intuítos lucrativos, nos termos gerais de direito, vulgarmente designadas associações distritais ou regionais”, as Associações Representantes de Árbitros e Juízes, “associações de âmbito nacional representativas dos respetivos elementos” e as Associações Representantes de Treinadores, “associações de âmbito nacional representativas dos respetivos elementos”. Todas estas entidades se mostram essenciais no desenvolvimento da modalidade que seja a nível regional, quer numa vertente técnica e de avaliação. Apenas com o apoio destas entidades será possível um maior envolvimento por parte da comunidade, dos treinadores e dos árbitros em prol da modalidade.¹²³

¹²¹ Fonte:IDP, www.idp.pt

¹²² Fonte: FPN, fpnatacao.pt

¹²³ Fonte: IDP, www.idp.pt

2.6.4.3 Pais de alunos de Escolas e Colégios Privados

Sendo 440 mil o número de alunos inscritos nestes estabelecimentos, estima-se que o número de pais seja aproximadamente o mesmo¹²⁴. Identificamos o público “pais”, como o par constituído por pai e mãe, o casal, e não a título individual. Sendo eles os responsáveis pelos filhos, são eles os decisores da sua vida social, de lazer e desportiva e influenciadores nos caminhos a seguir neste sentido. Podem por isso ser bons ativadores do envolvimento dos seus filhos com a modalidade.

2.6.4.4 Faculdades de Desporto

Contempla todos os estabelecimentos de ensino superior, público e privado¹²⁵, que ministram cursos na área da Educação Física e Desporto, em regimes laboral e/ou pós laboral. Um total de 34 instituições que podem ter um papel substancial na disseminação de informação e conhecimento relativo à NS, e que são um dos públicos de intervenção junto de futuros treinadores ou árbitros.

1	Escola Superior de Educação de Fafe
2	Escola Superior de Educação de Torres Novas
3	Escola Superior de Educação Jean Piaget – Nordeste
4	Escola Superior de Educação Jean Piaget de Arcozelo
5	Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
6	Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Educação
7	Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação de Bragança
8	Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação de Castelo Branco
9	Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação de Coimbra
10	Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

¹²⁴ Surge a limitação relativa ao número de filhos que cada casal pode ter, situação impossível de inverter.

¹²⁵ Contempla: Ensino Superior Público Universitário; Ensino Superior Público Politécnico; Ensino Superior Público Militar e Policial; Ensino Superior Privado Universitário; Ensino Superior Privado Politécnico

11	Instituto Politécnico de Lisboa - Escola Superior de Dança
12	Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Desporto de Rio Maior
13	Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação
14	Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Desporto e Lazer de Melgaço
15	Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Educação de Viseu
16	Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação
17	Instituto Superior D. Afonso III
18	Instituto Superior da Maia
19	Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte
20	Instituto Superior de Ciências Educativas
21	Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras
22	Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes
23	Universidade da Beira Interior
24	Universidade da Madeira
25	Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
26	Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia
27	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola de Ciências da Vida e do Ambiente
28	Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação e Comunicação
29	Universidade do Porto - Faculdade de Desporto
30	Universidade Europeia
31	Universidade Lusíada
32	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
33	Universidade Lusófona do Porto
34	Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana

Tabela 3 - Estabelecimentos de Ensino Superior com cursos na área da Educação Física e Desporto

2.6.4.5 Câmaras Municipais

Estas entidades são responsáveis pela gestão das piscinas municipais, organizações essenciais para o desenvolvimento recreativo da modalidade. E deste modo, são um público importante de forma a intervir junto das piscinas para a mobilização da modalidade. Neste sentido, e não existindo dados concretos relativamente ao número de municípios com piscinas, utilizamos o número de municípios total, que afere 308¹²⁶ concelhos, espalhados de Norte a Sul do país, incluindo ilhas.

2.6.5 Meios de Comunicação Social

Este é um *Stakeholder* especializado e essencial de forma a potenciar os objetivos deste projeto. Desta forma, os meios de comunicação social, alguns em específico, são fundamentais na disseminação de informação juntos dos restantes públicos e na promoção, inserção e manutenção na agenda mediática. Este *Stakeholder*, principalmente no seio da atividade desportiva, exige um relacionamento diferenciado e adaptado às suas características e que tem por base duas diferentes formas: a função de comunicação para a agenda mediática e a de mediador para chegar aos restantes públicos identificados como essenciais na consecução deste projeto. De destacar, a importância dos jornais desportivos e cadernos desportivos de jornais generalistas nacionais, os jornais locais e regionais, estes últimos podem ter um papel fundamental do apoio ao projeto junto das comunidades e também revistas femininas. Ainda de salientar, face a algumas das ações criadas para o efeito, a certificar nos pontos seguintes, a importância de alguns meios em ações pontuais a nível de parceria, por exemplo, uma revista feminina de Moda e Beleza, um canal de televisão e revistas do social.

¹²⁶ Fonte: DGAL, www.portalautarquico.pt

2.7 Mensagens de Comunicação por Eixo Estratégico e Públicos

Eixo estratégico	Mensagens	Públicos ¹²⁷
“Despertar o interesse”	<ul style="list-style-type: none"> • A NS é uma modalidade completa e que reúne técnicas de modalidades como a dança, a ginástica rítmica e a natação. 	P1 a P11.
	<ul style="list-style-type: none"> • A NS tem benefícios diversos e a diferentes níveis. 	P1 a P11.
	<ul style="list-style-type: none"> • A NS oferece um espetáculo de beleza e graciosidade inigualável. 	P1 a P11.
	<ul style="list-style-type: none"> • A NS é uma modalidade com carácter competitivo e também recreativo. 	P1, P2, P3, P4, P8 e P9.
	<ul style="list-style-type: none"> • A NS pode ser uma vantagem competitiva para as entidades envolvidas. 	P1, P2, P5, P6, P7, P9, P10, P11.
	<ul style="list-style-type: none"> • Já existem condições infraestruturais para a prática da modalidade em Portugal. 	P1, P2, P5, P6, P7, P9, P10, P11.
	<ul style="list-style-type: none"> • A NS é uma modalidade com as bases necessárias para crescer em Portugal. 	P1, P2, P5, P6, P7, P9, P10, P11.
	<ul style="list-style-type: none"> • A NS é uma modalidade exigente mas divertida e emocionante. 	P1, P3, P4, P8, P9.
	<ul style="list-style-type: none"> • A NS é uma saída profissional em ascensão. 	P1, P2, P5, P6, P7, P8, P9.

¹²⁷ Para identificar a definição de P1 a P11 consultar página 92.

“Criar envolvimento”	<ul style="list-style-type: none"> Já existem vários clubes em Portugal que oferecem a modalidade. 	P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8.
	<ul style="list-style-type: none"> A colaboração entre Clubes, Associações e FPN é fundamental para o crescimento da modalidade. 	P1, P2, P5, P6, P7.
	<ul style="list-style-type: none"> Para saber mais sobre a modalidade e os clubes que a disponibilizam deve contactar a FPN ou as Associações de Natação Locais. 	P3, P4, P5, P6, P8, P9.
	<ul style="list-style-type: none"> Para saber mais sobre a modalidade e experimentá-la deve dirigir-se ao clube desportivo mais próximo, que a disponibilize. 	P3, P4, P8.
	<ul style="list-style-type: none"> Para assuntos relacionados com investimento em futuros projetos de NS deve ser contactada a FPN. 	P1, P2, P5, P6, P7.
	<ul style="list-style-type: none"> A NS apesar de exigir esforço e trabalho pode ser praticada numa vertente recreativa. 	P3, P4, P8, P9.
	<ul style="list-style-type: none"> A FPN disponibiliza cursos de formação para treinadores de NS. 	P1, P2, P5, P6, P7, P8.
	<ul style="list-style-type: none"> Futuros treinadores de NS não precisam de ter formação base em Desporto. 	P1, P2, P5, P6, P7, P8.
	<ul style="list-style-type: none"> A NS é uma modalidade de enorme interesse desportivo e proporciona ao espetador um espetáculo atrativo. 	P8 e P9

Tabela 4 - Mensagens de Comunicação por Eixos Estratégicos e Públicos

2.8 Objetivos de Comunicação por Público-Alvo

Num plano de comunicação para cada público são definidos objetivos específicos, tendo por base uma intenção, uma proporção e um prazo e baseados na caracterização do público e no eixo estratégico pelo qual estão envolvidos. Estes objetivos por público-alvo serão a forma de determinar o sucesso das ações desenvolvidos, após avaliação.

2.8.1 Objetivos de Comunicação para Adeptos

ADEPTOS	Proporção	Intenção	Prazo	Eixo estratégico
Informar	20%	sobre a existência da modalidade ¹²⁸	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse”
Informar	40%		no prazo de 3 anos.	
Esclarecer	40%	sobre a importância de divulgar a modalidade ¹²⁹	no prazo de 1 ano.	
Esclarecer	80%		no prazo de 3 anos.	
Conseguir que	20%	aconselhe a modalidade no seu círculo pessoal ou profissional	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Conseguir que	40%		no prazo de 3 anos.	
Conseguir que	10%	leve um amigo a experimentar a modalidade ¹³⁰	no prazo de 1 ano.	
Conseguir que	15%		no prazo de 3 anos.	
Conseguir que	2%	leve um amigo a praticar a modalidade	no prazo de 1 ano.	“Criar envolvimento”
Conseguir que	6%		no prazo de 3 anos.	

Tabela 5 - Objetivos de Comunicação para Adeptos

¹²⁸ Exclusivamente para o público que pode desconhecer, a jovens.

¹²⁹ Exclusivamente para aqueles que já conhecem a modalidade e são adeptos.

¹³⁰ Exclusivamente para atletas.

2.8.2 Objetivos de Comunicação para Futuros Praticantes

FUTUROS PRATICANTES	Proporção	Intenção	Prazo	Eixo estratégico
Fomentar em	20%	o conhecimento da modalidade ¹³¹	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse”
Fomentar em	40%		no prazo de 3 anos.	
Conseguir que	10%	fiquem curiosos relativamente à modalidade ¹³²	no prazo de 1 ano.	
Conseguir que	20%		no prazo de 3 anos.	
Esclarecer	10%	que a prática da NS trará benefícios ¹³³	no prazo de 1 ano.	
Esclarecer	20%		no prazo de 3 anos.	
Incentivar a que	20%	procure como envolver-se com a modalidade ¹³⁴	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Incentivar a que	40%		no prazo de 3 anos.	
Levar a que	5%	experimentem uma aula de NS ¹³⁵	no prazo de 1 ano.	“Criar envolvimento”

¹³¹ Exemplo: Um futuro praticante já sabe o que é a NS.

¹³² Exemplo: Um futuro praticante quer saber mais sobre a modalidade.

¹³³ Exemplo: Um futuro praticante acredita que a NS é importante para a sua vida, a diferentes níveis.

¹³⁴ Exemplo: Os futuros praticantes ligam para a FPN ou consultam o seu *site* para saber como e onde podem inscrever-se.

¹³⁵ Exemplo: Os futuros praticantes procuram num clube participar numa aula experimental.

Levar a que	15%		no prazo de 3 anos.	
Incentivar a que	5%	se inscrevam na modalidade ¹³⁶	no prazo de 1 ano.	
Incentivar a que	10%		no prazo de 3 anos.	

Tabela 6 - Objetivos de Comunicação para Futuros Praticantes

2.8.3 Objetivos de Comunicação para Futuros Treinadores

FUTUROS TREINADORES	Proporção	Intenção	Prazo	Eixo estratégico
Fomentar em	15%	a curiosidade em saber mais sobre a NS ¹³⁷	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse”
Fomentar em	30%		no prazo de 3 anos.	
Conseguir que	5%	acreditem que a modalidade lhes trará sucesso profissional ¹³⁸	no prazo de 1 ano.	
Conseguir que	15%		no prazo de 3 anos.	
Despertar em	10%	a vontade de se informar sobre os cursos de formação ¹³⁹	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Despertar em	20%		no prazo de 3 anos.	

¹³⁶ Exemplo: Os futuros praticantes inscrevem-se na modalidade num clube desportivo.

¹³⁷ Exemplo: Licenciado em Desporto consulta *site* da FPN para se informar sobre o panorama nacional da modalidade.

¹³⁸ Exemplo: Licenciado em Desporto acredita que apostar na modalidade pode ser positivo para o seu percurso profissional.

¹³⁹ Exemplo: Treinador de natação quer especializar-se em NS e procura mais informação junto da FPN.

Conseguir que	5%	se inscreva num curso de formação ¹⁴⁰	no prazo de 1 ano.	“Criar envolvimento”
Conseguir que	10%		no prazo de 3 anos.	

Tabela 7 - Objetivos de Comunicação para Futuros Treinadores

2.8.4 Objetivos de Comunicação para Parceiros

PARCEIROS	Proporção	Intenção	Prazo	Eixo estratégico
Conseguir que	20%	divulgue a modalidade no seu seio de atuação ¹⁴¹	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse”
Conseguir que	40%		no prazo de 3 anos.	
Despertar a atenção de	30%	para a existência da modalidade ¹⁴²	no prazo de 1 ano.	
Despertar a atenção de	60%		no prazo de 3 anos.	
Convencer	30%	sobre os benefícios do envolvimento com a modalidade ¹⁴³	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Convencer	60%		no prazo de 3 anos.	
Levar a que	30%	contribuam para algum tipo de envolvimento no seu seio de atuação ¹⁴⁴	no prazo de 1 ano.	“Criar envolvimento”
Levar a que	40%		no prazo de 3 anos.	
Suscitar	10%	Um envolvimento direto com a modalidade ¹⁴⁵	no prazo de 1 ano.	
Suscitar	20%		no prazo de 3 anos.	

Tabela 8 - Objetivos de Comunicação para Parceiros

¹⁴⁰ Exemplos: Treinadores ou Licenciados em Desporto inscrevem-se num curso de formação em NS.

¹⁴¹ Exemplos: Um clube dá a conhecer a modalidade aos seus sócios, uma Associação local dá a conhecer a modalidade aos clubes locais, uma faculdade de desporto dá a conhecer a modalidade aos seus alunos.

¹⁴² Exemplo: Os parceiros ficam a conhecer e/ou reconhecer a modalidade.

¹⁴³ Exemplos: Um clube reconhece que criar um projeto de NS lhe trará vantagem competitiva, uma Associação reconhece que criar um plano de desenvolvimento de NS local será positivo.

¹⁴⁴ Exemplos: Um casal inscreve um filho na modalidade, uma Associação consegue que mais clubes abram a modalidade, uma Faculdade consegue que alunos seus se inscrevam num curso de treinadores ou juizes.

¹⁴⁵ Exemplos: Uma Associação organiza uma prova, um clube abre a modalidade, uma Câmara Municipal oferece as suas infraestruturas para a realização de um campeonato.

2.8.5 Objetivos de Comunicação para Meios de Comunicação Social

MEIOS DE COM. SOCIAL	Proporção	Intenção	Prazo	Eixo estratégico
Aumentar em	10%	o apoio editorial relativamente à modalidade	no prazo de 1 ano.	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Aumentar em	20%		no prazo de 3 anos.	
Conseguir	4	presenças em televisão	no prazo de 1 ano.	
Conseguir	8		no prazo de 3 anos.	
Conseguir	1	parcerias com imprensa escrita ou TV ¹⁴⁶	no prazo de 1 ano.	
Conseguir	3		no prazo de 3 anos.	
Aumentar em	35%	O conhecimento/reconhecimento da modalidade	no prazo de 1 ano.	
Aumentar em	70%		no prazo de 3 anos.	

Tabela 9 - Objetivos de Comunicação para Meios de Comunicação Social

2.9 Implementação da Estratégia de Relações Públicas

2.9.1 Eventos ou Ativações/reativações locais

Projeto Estrelas-do-mar	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Parceiros • Futuros treinadores
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar a modalidade

¹⁴⁶ Consultar ponto 2.9 Estratégia de Relações Públicas.

	<ul style="list-style-type: none"> • Atrair novos praticantes • Proporcionar aos parceiros um projeto de desenvolvimento desportivo da NS • Conceder as ferramentas necessárias para a criar novos projetos de NS
Descrição	<p>Uma ação que tem por base o projeto¹⁴⁷ já desenvolvido pela FPN, fazendo-se uma reativação do mesmo, apostando numa maior difusão e comunicação do projeto, a partir das ferramentas existentes, junto dos públicos definidos. Esta é uma ação basilar e que deve ser contínua, para o desenvolvimento da modalidade e a Comunicação será primordial para que se aumente a taxa de sucesso da mesma. O sucesso deste projeto está dependente da aceitação dos envolvidos em colocar em prática o mesmo, pelo que deverá ser demonstrada sua importância</p>
<i>Timing</i>	Transversal a toda a campanha
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Criar página de <i>Facebook</i> do projeto, dinamizando-a e comunicando-a no <i>site</i> e na página de <i>Facebook</i> da FPN. • Envio de <i>mail</i> com folheto para a base de dados dos Parceiros <ul style="list-style-type: none"> ▪ Aconselhar os clubes a fornecerem folhetos impressos nas suas piscinas ou via <i>mailing list</i> ▪ Aconselhar Associações de Natação a dinamizar o projeto junto dos clubes locais fazendo um forcing ▪ Convidar Municípios a divulgar a modalidade nas piscinas e clubes • Fomentar a partilha nas páginas de <i>Facebook</i> da FPN e dos parceiros o folheto do projeto
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de novos inscritos por intermédio do projeto • Número de contactos de <i>email</i> recebidos pela FPN

¹⁴⁷ Consultar, Anexo 4 – Folheto do Projeto Estrelas-do-mar.

	<ul style="list-style-type: none"> • Número de contactos telefónicos recebidos pela FPN • Número de intervenientes nas ações de formação do projeto • Monitorização de <i>site</i> e <i>Facebook</i>, relativamente a todas as métricas de avaliação (<i>likes</i>, comentários, <i>page views</i>, etc.) • <i>Feedback</i> dos participantes
--	---

Tabela 10 - Projeto Estrelas do Mar

Dia Aberto da Natação Sincronizada	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Futuros Treinadores • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar a modalidade • Atrair novos praticantes • Atrair novos treinadores
Descrição	<p>Realizar em três pontos estratégicos do país, Norte, Centro e Sul, um dia dedicado à NS. Deve realizar-se em ambiente de piscina, por exemplo piscinas municipais. Através da divulgação será feito um convite a futuros treinadores e praticantes para que venham informar-se sobre a modalidade, através de <i>workshops</i> sobre diferentes temáticas relacionadas com a modalidade, a serem ministrados por três pessoas formadas no assunto, (professores ou responsáveis da FPN) que lhes permitam adquirir um diploma de participação. Simultaneamente deverá haver atletas a demonstrar a realidade de um treino de NS, dentro e fora de água e, em alguns momentos do dia, serão feitas exibições de NS, para que as pessoas possam assistir.</p>
<i>Timing</i>	Fevereiro de 2014

Divulgação	<p>Todo o evento deverá ser devidamente programado, para que os participantes possam estar presentes durante a parte do dia que acharem mais adequado.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Afixação de um programa do calendário nas piscinas onde será efetuado o evento • Divulgação do calendário na página de <i>Facebook</i> da FPN • Divulgação do calendário da página de <i>Facebook</i> Estrelas-do-mar • Pedido de divulgação nas páginas de <i>Facebook</i> das Câmaras envolvidas (caso existam) • Afixação do calendário nas Faculdades de Desporto e nas suas páginas de <i>Facebook</i> • Envio de calendário à <i>mailing</i> da FPN (Clubes, associações, etc.) e pedido para afixação nos seus espaços • Envio de <i>Press Release</i> à imprensa regional
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de participantes no evento • Deve ser pedido aos participantes que preencham um pequeno questionário de forma a avaliar o evento para que seja possível identificar por um lado o evento em si mesmo, mas por outro, a necessidade de realização de futuros eventos com as mesmas características. • Convite no <i>Facebook</i> e resposta positiva ao mesmo • Número de notícias publicadas • <i>Feedback</i> dos participantes

Tabela 11 - Dia Aberto da Natação Sincronizada

Colónias de férias desportivas	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a conhecer a modalidade • Fomentar a sua prática

	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir os benefícios da prática desportiva, com enfoque nas atividades aquáticas, em especial, a NS.
Descrição	<p>Organizar em tempo de férias uma semana (cinco dias úteis) de colónias de férias desportivas, com cerca de 20 jovens em três zonas do país, Norte, Sul e Centro. Consoante o número de inscritos, verificar-se-á a viabilidade de criar mais um grupo. Nestas colónias será dedicado um dia a cada modalidade, sobrando dois dias úteis, um para gincanas aquáticas e jogos dentro de água e outro para visitar os atletas de competição das várias modalidades no seu dia de treinos. Os dias dedicados às modalidades em específico serão divididos entre uma parte fora de água, com formação, jogos e desafios e uma outra em ambiente aquático, onde se experimentará a modalidade e as principais regras. Caso haja alunos interessados em participar apenas num dia das atividades é possível fazê-lo mediante pagamento de um <i>fee</i> reduzido.</p>
<i>Timing</i>	Julho de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Através das escolas e colégios privados é possível chegar até aos pais e aos alunos, distribuindo folhetos informativos • Divulgação através da página de <i>Facebook</i> e <i>site</i> da FPN e clubes ou piscinas envolvidas • Pedir a colaboração das Câmaras Municipais para divulgação nas juntas de freguesia, onde deve ser afixado um folheto com a informação sobre as colónias
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de inscritos no evento • Número de inscrições na NS em clubes desportivos por intermédio das colónias • <i>Feedback</i> dos participantes

Tabela 12 - Colónias de Férias Desportivas

Evento para <i>bloggers</i>	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Futuros treinadores • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar a modalidade • Através do “poder” dos <i>blogs</i> conseguir atrair mais pessoas para a modalidade • Chegar às mães dos futuros praticantes • Demonstrar que a NS pode ter a sua vertente recreativa
Descrição	<p>Esta ação passa por convidar algumas <i>bloggers</i> dos <i>blogs</i> femininos com maior número de visitantes a experimentarem numa tarde a modalidade. A ideia é que depois seja feito um <i>post</i> em cada um dos <i>blogs</i> a contar a sua experiência.¹⁴⁸</p> <p>Neste evento é fundamental integrar algumas <i>bloggers</i> famosas de modo a atrair alguns media. Exemplos de <i>bloggers</i> convidadas: Pipoca mais doce, A melhor amiga da Barbie, Barriga Mendinha, Mapshow, The Stiletto Effect, Style it up, Stylista, Cocó na Fralda, Mini-saia,</p>
<i>Timing</i>	Maio de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Através dos próprios <i>blogs</i>, onde será feito um <i>post</i> sobre a experiência de cada <i>blogger</i> • Envio de <i>Press Release</i> antes e pós evento • Comunicar a realização do evento na página de <i>Facebook</i> da FPN • Número de notícias publicadas, principalmente <i>online</i>
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de <i>posts</i> publicados • Número de <i>comments</i> aos <i>posts</i> publicados • Número de <i>page views</i> • Número de <i>likes</i> e comentários nas páginas de <i>Facebook</i> dos próprios <i>blogs</i> • <i>Feedback</i> dos participantes

Tabela 13 - Evento para *Bloggers*

¹⁴⁸ Consultar Tabela 27 - PR *Online*

Evento Dia da Criança	
Eixo estratégico	“Despertar interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Meios de Comunicação Social • Futuros praticantes
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Mediatizar a NS através da presença da presença das figuras públicas • Tentar que a modalidade seja falada na imprensa
Descrição	Em parceria com a Sport Zone deve realizar-se um evento numa piscina em Lisboa, onde os filhos das figuras públicas são convidados a ter uma aula de NS. Pretende-se que o evento tenha alguma cobertura mediática, importante para dar a conhecer a NS.
<i>Timing</i>	Junho de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Press Release</i> a jornais generalistas e revistas femininas • Notícia no <i>site</i> da FPN pós evento • Divulgação da notícia na página de <i>Facebook</i> da FPN
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de meios presentes • Número de figuras públicas e filhos presentes • Número de notícias publicadas

Tabela 14 - Evento Dia da Criança

Concurso entre associações	
Eixo estratégico	“Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Parceiros
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Atrair novos praticantes • Incentivar as associações a dinamizar a modalidade • Criar um incentivo à concretização de um bem comum • Permite dinamizar uma das principais ações de divulgação da modalidade, o projeto Estrelas-do-mar

	<ul style="list-style-type: none"> • Permite um maior envolvimento das associações com a FPN • Contribuir para a relevância da NS no universo das disciplinas das Associações de Natação
Descrição	<p>Esta ação pretende que ao dinamizar um concurso junto das Associações de Natação, estas despertem para a necessidade de divulgar a modalidade. O objetivo é que divulgando a modalidade com recurso aos seus próprios meios e principalmente através das ferramentas disponibilizadas pela FPN (exemplo: Projeto Estrelas-do-mar) consigam aumentar o número de praticantes. Assim a associação que conseguir na sua área de intervenção atrair o maior número de novos atletas será premiado pelo seu esforço de dinamização. De destacar que deve existir, obviamente, um trabalho conjunto de colaboração entre as associações e os clubes da área de intervenção, uma vez que é um ponto de interesse para ambos.</p>
<i>Timing</i>	Transversal a toda a campanha
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Neste caso, o contacto direto com as Associações de Natação é o ponto fundamental • Divulgação no <i>site</i> e na conta de <i>Facebook</i> da FPN • As associações que tiverem conta de <i>Facebook</i> podem divulgar a ação junto dos seus fãs • As associações devem utilizar para colocar o processo de dinamização em prática todos os meios que são disponibilizados pela FPN e todos os que dispõem e lhes sejam possível usar: <ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Sites</i> ○ Contas de <i>Facebook</i> ○ <i>Mailing list</i> ○ Afixação de folhetos nos clubes da área de intervenção
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número total de novos praticantes a nível nacional

	<ul style="list-style-type: none"> • Número de participantes por área de intervenção • Número de associações envolvidas no concurso • Monitorização do tipo de meios utilizados pelas associações para alcançar o objetivo
--	---

Tabela 15 - Concurso entre Associações

Gala da Natação Sincronizada	
Eixo estratégico	“Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Parceiros • Adeptos
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar o apoio de adeptos e parceiros à dinamização da modalidade • Motivar os públicos para a necessidade de uma colaboração no sentido de divulgar a modalidade • Mostrar reconhecimento junto dos públicos pelo trabalho já feito • Reconhecer e premiar atletas • Premiar as associações que mais se destacaram no concurso desenvolvido
Descrição	<p>Esta gala pretende reunir os principais intervenientes do universo da NS, de forma a dar algum reconhecimento ao trabalho que tem sido feito e por outro lado, mobilizar para que seja ainda feito mais.</p> <p>Devem ser convidados representantes das altas entidades do Desporto (ex.: IDP, presidentes das associações) de forma a mostrar que a NS e todos os seus atores merecem o devido reconhecimento, assim como possíveis envolvidos que tenham contribuído de alguma forma para a NS (ex.: Câmaras Municipais, marcas, faculdades, etc.). Devem ser convidados ex-atletas, atuais atletas, treinadores, juizes, dirigentes e premiar todos aqueles que assim a FPN achar</p>

	<p>necessário pelo contributo que de alguma forma podem ter dado à modalidade. Este evento será um momento de convivência e de estímulo de união de esforços para a colaboração entre todos para a evolução da modalidade.</p> <p>Nesta gala serão também entregues os prémios aos vencedores do concurso entre associações. Será um evento a realizar numa 6ª feira à noite, entre as 21h e as 23h30, em local a determinar.</p>
<i>Timing</i>	Setembro de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Convites via <i>mail (mailing list)</i> • Convites a atletas e ex. atletas via clubes • Divulgação no <i>site</i> e conta de <i>Facebook</i> da FPN pré e pós evento
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de convidados presente • Número de parceiros presente • Número de representantes das entidades presentes

Tabela 16 - Gala da Natação Sincronizada

Contacto empresarial	
Eixo estratégico	“Despertar interesse” e “Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Adeptos¹⁴⁹
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a conhecer a modalidade • Abrir portas para futuras parcerias • Divulgar a modalidade numa vertente recreativa e que pode ser usada em prol de: <ul style="list-style-type: none"> ○ Espectáculos ○ <i>Spots</i> publicitários ○ Eventos de Imprensa ○ Eventos <i>corporate</i>

¹⁴⁹ Neste caso, são especificamente as pequenas e médias empresas.

	○ Inaugurações
Descrição	Através de uma base de dados de empresas multinacionais, será enviado um <i>Power Point</i> sobre a modalidade, encaminhando para o <i>site</i> da FPN e para a respetiva base de dados de clubes. A ideia da apresentação é mostrar às empresas de que forma a NS pode contribuir para alguma das acções empresariais e mostrar disponibilidade para qualquer parceria do género que pretendam efectuar com a FPN ou com as equipas dos clubes. A título de exemplo, uma empresa pode querer fazer um Evento de Imprensa para revistas femininas com um espectáculo de NS ou num evento <i>corporate</i> uma organização pode querer surpreender a equipa com um espectáculo da modalidade.
<i>Timing</i>	Maior de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Via <i>email</i> direto para os Recursos Humanos, Departamento de Comunicação e/ou Marketing, ou semelhantes, com recurso ao envio de uma apresentação em formato <i>Power Point</i>
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de respostas • Número de contactos • Número de organizações a contratar qualquer tipo de serviço

Tabela 17 - Contacto Empresarial

2.9.2 Parcerias e Embaixadores

Figura Pública - embaixadora por um dia	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Adeptos • Meios de Comunicação Social

Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Mediatizar a NS • Aumentar o conhecimento/reconhecimento da modalidade
Descrição	<p>Será convidada uma figura pública, querida pelo público, em especial os mais jovens, (ex.: Rita Pereira, Sara Matos, Mia Rose, Jéssica Athayde, Vanessa Martins, Gabriela Barros) a ser embaixadora por um dia da modalidade. Neste dia, a embaixadora experimentará a modalidade e será penteada e maquilhada como uma verdadeira atleta de NS. Simultaneamente serão tiradas fotografias para depois serem divulgadas por ela, juntamente com um testemunho na sua página oficial de <i>Facebook</i>.¹⁵⁰</p>
<i>Timing</i>	Abril de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Página Oficial da embaixadora • Página Oficial de Facebook da embaixadora • <i>Site e Facebook</i> da FPN • Envio de <i>Press Release</i> pós e pré-evento para revistas femininas e generalistas
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de visualizações • Número de comentários • Número de partilhas • Notícias publicadas em meios impressos e <i>online</i>

Tabela 18 - Figura Pública Embaixadora por um dia

Participação em série televisiva	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Mediatizar a modalidade junto do público mais jovem

¹⁵⁰ Consultar Tabela 25 – Testemunho Embaixadora por um dia

	<ul style="list-style-type: none"> • Dar destaque em termos televisivos à NS
Descrição	<p>A ideia passa por fazer uma parceria com produtora de televisão para que uma das personagens de uma série/telenovela seja praticante da modalidade. Assim, a modalidade estará diariamente a ser mostrada ao público em geral e a cativar o interesse de novos praticantes. A FPN compromete-se a encontrar uma atleta que possa fazer a dupla da personagem, nas posições e esquemas mais complexos.</p>
<i>Timing</i>	Dependente da existência de uma série televisiva nestes moldes
Divulgação	<p>Para além da própria divulgação do canal, a FPN tem responsabilidade por:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Divulgar a presença da modalidade da telenovela/série através do seu <i>site</i> e <i>Facebook</i> • Envio de <i>Press Release</i> à imprensa <p>Nesta ação em especial o próprio mediatismo que o canal dá aos seus programas, assim como as próprias revistas, será benéfico.</p>
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Shares</i> do programa • Notícias publicadas que especifiquem a modalidade • <i>Reportagens</i> realizadas • Comentários, partilhas e <i>likes</i> na página de <i>Facebook</i> da FPN

Tabela 19 - Participação em Série Televisiva

Design do equipamento da Seleção Nacional	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Adeptos • Meios de Comunicação Social

Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Aliar o Desporto a um outro setor, o da Moda • Permitir dar visibilidade simultaneamente à modalidade e a um <i>designer</i> • Dar algum reconhecimento e visibilidade à Seleção Nacional • Dar a conhecer a vertente competitiva da modalidade
Descrição	<p>Esta ação consiste em convidar um jovem <i>designer</i> nacional em grande crescimento, a desenhar o equipamento da Seleção Nacional. Com esta parceria pretende-se dar protagonismo a esta ação canalizando os resultados para uma maior divulgação da modalidade e reconhecimento da mesma, uma vez que está a ser apresentada uma Seleção Nacional de NS. Conjuntamente pode criar-se aqui uma oportunidade de <i>win-win</i> para ambas as partes, uma vez que em conjunto podem conseguir uma maior visibilidade. Sugestões: Daniela Barros, Katty Xiomara, Estelita Mendonça, Susana Bettencourt</p>
<i>Timing</i>	Outubro de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Press Release</i> à imprensa • Entrevistas com o criador • Divulgação no <i>site/Facebook</i> da FPN e do <i>designer</i> • Convite à imprensa para conhecer o equipamento • Lançamento de um <i>quiz</i> via <i>Facebook</i> “O que acha do novo equipamento da Seleção Nacional de NS desenhado por X?” de modo a envolver as pessoas na ação
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de notícias publicadas • Análise de <i>clipping</i> • Número de respostas ao <i>quiz</i> • Análise das respostas do <i>quiz</i> • Comentários no <i>Facebook</i> e respetiva análise

Tabela 20 - Design do equipamento da Seleção Nacional

Sorteio cursos	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse” e “Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros treinadores • Parceiros
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Dar visibilidade à modalidade • Captar novos treinadores • Captar indivíduos para realização dos cursos • Mostrar que a NS é uma atividade com potencial • Mostrar a importância de formar novos treinadores • Fomentar a procura de cursos • Mostrar que a NS é um bom investimento formativo
Descrição	<p>Esta tática passa por abrir candidaturas para os futuros treinadores interessados em dar NS (licenciados em Desporto, treinadores desportivos ou indivíduos da população em geral sem qualquer vínculo desportivo de formação). Desta forma, a FPN fará a divulgação dos cursos e simultaneamente sorteia a oferta de 4 cursos, 2 por nível, de modo a incentivar a inscrição nas formações. A ideia é que através das Faculdades e alguns parceiros seja possível chegar aos eventuais interessados e mostrar que a NS pode ser um bom investimento ao nível formativo.</p>
<i>Timing</i>	Fevereiro a Maio de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Deixar folhetos nas principais faculdades de Desporto do país • Afixar um cartaz nas principais faculdades de Desporto do país • Em colaboração com as Associações de estudantes divulgar via <i>mail</i> • Divulgar os cursos nas páginas de <i>Facebook</i> das faculdades de Desporto • Pedir a colaboração do IDP e da CDP na divulgação junto da sua base de dados • Envio de <i>mail</i> para a base de dados de treinadores de

	<p>natação da FPN</p> <ul style="list-style-type: none"> • Envio de <i>mail</i> das bases de dados das Associações de Natação, em especial a ATN. • Divulgação no <i>site</i> e <i>Facebook</i> da FPN • Criação de um evento no <i>Facebook</i> e pedido de disseminação do mesmo aos colaboradores da FPN
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de inscritos nas formações • Número de contactos recebidos relativamente ao assunto • Número de convites aceites no <i>Facebook</i>

Tabela 21 - Sorteio Cursos

2.9.3 Media

Editorial de Moda	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Parceiros • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Aliar o sector do Desporto ao da Moda • Divulgar a modalidade • Mostrar a Beleza de um espectáculo de NS • Tornar a NS reconhecida entre as jovens, leitoras das revistas de Moda • Cativar futuros praticantes para a vertente recreativa da modalidade
Descrição	Pretende-se que em parceria com a revista de Moda e Beleza Vogue Portugal, seja feito um editorial de Moda com atletas de NS ou modelos, numa representação a ser criada pelo Diretor criativo da revista. Idealmente será um editorial para uma edição de verão, de modo a que a peça de vestuário usada

	essencialmente sejam fatos de banho.
<i>Timing</i>	Junho de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgação no <i>site</i> e <i>Facebook</i> da FPN • Divulgar um vídeo do <i>making of</i> do editorial no <i>youtube</i> e no <i>site</i> e <i>Facebook</i> da FPN • Simultaneamente a <i>Vogue Portugal</i> fará o mesmo • <i>Press Release</i> à imprensa, em especial revistas e jornais online • Divulgação em <i>blogs</i> de Moda e Beleza
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de vendas da revista • Análise de comentários, <i>likes</i>, <i>pageview</i>, partilhas • <i>Feedback</i> dos leitores da revista • Análise de <i>clipping</i>

Tabela 22 - Editorial de Moda

Programa da manhã	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Parceiros
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Colocar em debate o tema da NS • Mediatizar • Dar a conhecer profundamente tudo o que a modalidade envolve • Dar o parecer de pessoas envolvidas no assunto • Convidar à prática e experimentação da modalidade
Descrição	A ideia para por levar a que a modalidade seja falada em ambiente de programa de televisão a um nível mais profundo, tentando-se que sejam entrevistada a Diretora Técnica e mais um ou dois intervenientes da modalidade (ex.: uma treinadora e uma atleta) Num dos programas da manhã ou da tarde da SIC

	(Querida Júlia, Boa tarde), e aproveitando a coadjuvação já criada através do programa <i>Splash</i> devem ser tratados os benefícios da modalidade e todas as componentes que a caracterizam, mostrando-se simultaneamente imagens e anunciando com uma pequena peça de reportagem, como é hábito nestes programas.
<i>Timing</i>	Março de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Facebook</i> e <i>site</i> da FPN pré e pós-evento • Posterior partilha do vídeo do programa no <i>Facebook</i> da FPN e do projeto Estrelas-do-mar
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Resultados de audiências • Análise de <i>clipping</i> • Análise e monitorização de métricas do <i>Facebook</i> • Se possível, supervisão do número de inscritos em clubes como base no "tomei conhecimento da modalidade pelo programa X"

Tabela 23 - Programa da Manhã

Reativação <i>Splash</i>	
Eixo estratégico	"Despertar o interesse"
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Futuros treinadores • Adeptos • Parceiros • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Mediatizar a modalidade • Divulgar a modalidade em massa • Dar a conhecer os clubes participantes
Descrição	Pretende-se que seja feita uma reativação da Natação Sincronizada no programa <i>Splash</i> , caso venha a existir uma

	<p>segunda edição. Para isto, deve tentar-se em colaboração com a produção fazer:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pequenas entrevistas aos clubes participantes durante o intervalo dos saltos • Convidar mais participantes do programa a experimentarem NS (à semelhança do José Castelo Branco) • Durante os intervalos dos saltos e nos momentos “mortos” do programa a modalidade pode ser mais divulgada, com mais demonstrações e interação entre celebridades e a modalidade
<i>Timing</i>	Dependente da existência de uma 2ª edição do programa
Divulgação	Para além de se aproveitar a própria mediatização do <i>Splash</i> , ao longo de cada episódio do programa, no <i>Facebook</i> da FPN, deve ser feito um <i>report</i> .
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Audiências do programa • Análise de <i>clipping</i> • Análise e monitorização de métricas do <i>Facebook</i> • Se possível, supervisão do número de inscritos em clubes como base no ”tomei conhecimento da modalidade pelo programa X”

Tabela 24 - Reativação *Splash*

2.9.4 Digital e Social Media

Testemunho Embaixadora por um dia	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Adeptos • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Mediatizar a NS

	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentar o conhecimento/reconhecimento da modalidade • Aproveitar a abordagem <i>online</i> e viral
Descrição	Com base na ação “Figura Pública - embaixadora por um dia” ¹⁵¹ , a mesma deve fazer um <i>report</i> da sua experiência durante o dia, destacando as principais dificuldades, o que mais gostou, os benefícios e acima de tudo, mobilizando para a prática da modalidade através da narração da sua experiência e recorrendo também à publicação de fotografias. Este testemunho deverá ser publicado na página de <i>Facebook</i> e site oficial da Figura Pública.
<i>Timing</i>	Abril de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Página oficial de fãs e <i>Facebook</i> da Figura Pública • Página e <i>site</i> da FPN • <i>Press release</i> pós evento
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de <i>clipping</i> • Análise e monitorização de métricas do <i>Facebook</i> • <i>Feedback</i> dos fãs

Tabela 25 - Testemunho Embaixadora por um dia

Atualização do site da FPN	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Futuros Treinadores • Adeptos • Parceiros • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Conceder mais informações sobre a modalidade • Abrir portas para que mais pessoas conheçam a modalidade • Divulgar o papel da FPN na evolução da modalidade

¹⁵¹ Consultar Tabela 18 – Figura Pública - embaixadora por um dia.

	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a conhecer os objetivos que se pretende a curto/longo prazo para a NS a todos os visitantes
Descrição	<p>A atualização do <i>site</i> da FPN consiste em dar mais informações sobre a NS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • História • O que é • Benefícios • Técnica • Competições • Resultados • Atletas • Vertente recreativa vs. competitiva • Clubes¹⁵² <p>Para que mais pessoas saibam o que é e possam consultar todas as informações de interesse. Atualmente as plataformas <i>online</i> são fundamentais na divulgação de produtos e/ou serviços.</p>
<i>Timing</i>	Transversal a toda a campanha
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar <i>link</i> na página de <i>Facebook</i> da FPN • Divulgar <i>link</i> na página de <i>Facebook</i> das Estrelas-do-Mar • Abrir o <i>site</i> da FPN com um alerta para novidades no campo da NS
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Page views</i> • Partilha de alguma informação • <i>Feedback</i> dos leitores

Tabela 26 - Atualização do Site da FPN

¹⁵² Consultar Tabela 30 – Banco *online* de clubes

PR online¹⁵³	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Futuros treinadores • Meios de Comunicação Social
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Divulgar a modalidade • Através do “poder” dos <i>blogs</i> conseguir atrair mais pessoas para a modalidade • Chegar às mães dos futuros praticantes • Demonstrar que a NS pode ter a sua vertente recreativa
Descrição	Com base no “Evento para <i>Bloggers</i> ” ¹⁵⁴ , estas devem fazer um testemunho no seu espaço, com recurso a fotos, sobre a sua experiência de iniciação à prática da modalidade. Focando-se também em dar algum enfoque à viabilização e dinamização da NS junto dos leitores.
<i>Timing</i>	Maio de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Através dos próprios <i>blogs</i>, onde será feito um <i>post</i> sobre a experiência de cada <i>blogger</i> • Envio de <i>Press Release</i> antes e pós evento • Comunicar a realização do evento na página de <i>Facebook</i> da FPN
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de notícias publicadas, principalmente online • Número de <i>posts</i> publicados • Número de <i>comments</i> aos <i>posts</i> publicados • Número de <i>page views</i> • Número de <i>likes</i> e comentários nas páginas de <i>Facebook</i> dos próprios <i>blogs</i> • <i>Feedback</i> dos leitores

Tabela 27 - PR Online

¹⁵³ O PR Online diz respeito à segunda fase do Evento para *Bloggers* (Tabela 13, página 112) e esta fase diz respeito à disseminação da informação recolhida no evento, online, daí estarem localizadas em grupos de ações diferentes.

¹⁵⁴ Consultar Tabela 13 – Evento para *bloggers*

Vídeo da modalidade	
Eixo estratégico	“Despertar o interesse”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes • Meios de Comunicação Social • Parceiros
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Dar a conhecer a realidade da modalidade • Proporcionar um contacto visivo com a modalidade • Permite difundir a modalidade em meio <i>online</i> com mais visibilidade
Descrição	Consiste em realizar um vídeo ilustrativo da modalidade, filmado com a Seleção Nacional e com testemunhos das atletas que deve depois ser difundido pelos meios seleccionados.
<i>Timing</i>	Janeiro de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Será um vídeo que deve ser colocado no <i>site</i> da FPN e respetivo <i>Facebook</i> • <i>Youtube</i> • Divulgado aos parceiros que devem também dinamizá-lo da forma que lhe for mais conveniente. • Divulgação em <i>sites</i> desportivos (Ex: Sapo Desporto, MSN Desporto) • Divulgação em <i>sites</i> infantis (ex: Panda <i>Sport</i>, Portal dos miúdos, <i>Kinder Sport</i>¹⁵⁵) • Divulgação a meios de Comunicação social desportivos <i>online</i> • Deve ser enviado um <i>mail</i> aos parceiros com um <i>link</i> para aceder ao vídeo
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de visualizações do vídeo acumulado • Número de visualizações do vídeo por meio • Comentários e <i>likes</i> • Número de partilhas do vídeo

Tabela 28 - Vídeo da Modalidade

¹⁵⁵ A FPN já tem uma parceria com esta entidade.

Banco <i>online</i> de treinadores	
Eixo estratégico	“Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros treinadores • Parceiros
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Dar resposta à procura por parte de clubes de futuros treinadores • Facilitar o acesso aos futuros treinadores • Incrementar o acesso ao emprego por parte dos futuros treinadores
Descrição	Esta será uma base disponibilizada <i>online</i> , alojada no <i>site</i> da FPN, de forma a demonstrar os treinadores que fizeram formação em NS com FPN e que estão disponíveis para treinar em algum clube. Os clubes podem assim recorrer a esta base de dados e ter acesso à listagem de treinadores formados, assim como algumas das suas características, currículo e contactos. O acesso a este banco deverá ser vedado através de um <i>log in</i> cedido pela FPN.
<i>Timing</i>	Abril a Dezembro de 2014
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Informar os clubes via contacto direto ou <i>mail</i> da existência desta base • Informar as associações via contacto direto ou <i>mail</i> da existência desta base
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de futuros treinadores contactados • Número de treinadores contratados

Tabela 29 - Banco *Online* de Treinadores

Banco <i>online</i> de clubes	
Eixo estratégico	“Criar envolvimento”
Públicos-alvo	<ul style="list-style-type: none"> • Futuros praticantes
Objetivos gerais	<ul style="list-style-type: none"> • Dar as informações necessárias sobre os clubes que

	<p>oferecem a modalidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Facilitar o processo de acesso entre futuros praticantes → Clubes • Facilitar a FPN na gestão de novos praticantes • Promover o acesso das equipas de NS dos diversos clubes a exposições, espetáculos, etc. • Facilitar o acesso de entidades interessadas num espetáculo de NS aos contactos e informações sobre as equipas e clubes
Descrição	<p>Neste banco <i>online</i>, que deve estar localizado no <i>site</i> da FPN, deverão existir informações gerais sobre os clubes que oferecem NS: contactos, nomes dos treinadores, equipa, <i>portfolio</i> de participações, resultados, fotos, etc. Estas informações permitem não só a futuros praticantes encontrarem um clube onde praticar, assim como permite a empresas e/ou individuais interessados em contactar clubes para espetáculo. Esta é uma forma de promover a vertente recreativa e exibicional da modalidade por todo o país e facilitar o acesso aos contactos necessários.</p>
<i>Timing</i>	Transversal a toda a campanha
Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> • Na página de <i>facebook</i> e no <i>site</i> da FPN • <i>Mailing list</i> de multinacionais portuguesas
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Número de contactos recebidos pelos clubes e/ou pela FPN • Número de organizações e/ou entidades a contratar algum serviço • Número de visualizações • Se possível incentivar clubes a questionar no ato da inscrição “como tiveram conhecimento da modalidade e do clube em causa?”

Tabela 30 - Banco *Online* de Clubes

3. Gestão do projeto e operacionalização

3.1 Monitorização

Tendo em conta os recursos financeiros da FPN, que cada vez são mais reduzidos, a avaliação da campanha será feito principalmente através da monitorização das acções com base nos seguintes itens:

- Métricas a nível digital;
 - *Pageviews*
 - *Comments*
 - *Likes*
- Número de participações em eventos e acções e respetivo *Feedback*
- Número de notícias
 - *Imprensa escrita*
 - *Online*

A destacar que os Meios de Comunicação Social, assim como os parceiros e todas as acções que pressupõe o recurso ao *Facebook* e *site* da FPN serão as formas mais eficazes, dentro do contexto possível, para despertar o interesse pela modalidade dos públicos envolvidos. Mas na realidade, o verdadeiro impacto da campanha verificar-se-á na consecução daquele que é o objetivo final a que me proponho e de criação de envolvimento por parte dos públicos e que passa pelo aumento do número de novos praticantes inscritos e também pela ampliação de clubes a disponibilizar a modalidade e no aparecimento de novas pessoas formadas para ministrar NS.

Para avaliar o real efeito da campanha deverá existir uma colaboração entre todos os envolvidos de forma a serem cruzados dados e informações necessárias para analisar todas as fases de implementação da estratégia.

Ainda a lembrar que durante o primeiro ano deverão ser identificados os pontos fortes da campanha, de modo a recuperá-los numa possível continuação da campanha e os pontos fracos, de modo a melhorar o que foi menos positivo e tornar o projeto ainda mais viável.

3.2 Orçamentação do projeto

Custo Ação	Custos baixos (0 € - € 100)	Custos médios (101 € - 500 €)	Custos elevados (+ 500€)	Lucro
Eventos ou Ativações/reativações locais				
Projeto Estrelas-do-mar				
Dia Aberto da Natação Sincronizada				
Colónias de Férias				
Evento para <i>bloggers</i>				
Evento Dia da Criança				
Concurso entre associações				
Gala da Natação Sincronizada				
Contacto empresarial				
Parcerias e Embaixadores				
Figura Pública Embaixadora por um dia				
Participação em série televisiva				

Design do equipamento da Seleção Nacional				
Sorteio cursos				
Media				
Editorial de Moda				
Programa da manhã				
Reativação <i>Splash</i>				
Digital e Social Media				
Testemunho Embaixadora por um dia				
Atualização do <i>site</i> da FPN				
<i>PR Online</i>				
Vídeo da modalidade				
Banco <i>online</i> de treinadores				
Banco <i>online</i> de clubes				

Tabela 31 - Orçamentação do Projeto

3.3 Calendarização do Projeto

Ação Data	2014												
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Projeto Estrelas-do-mar													
Dia Aberto da Natação Sincronizada													
Colónias de Férias													
Evento para bloggers													
Evento Dia da Criança													
Concurso entre associações													
Gala da Natação Sincronizada													
Contacto empresarial													
Figura Pública Embaixadora por um dia													
Participação em série televisiva	Dependente da existência de uma série televisiva nestes moldes												
Design do equipamento da Seleção Nacional													
Sorteio cursos													


Editorial de Moda												
Programa da manhã												
Reativação <i>Splash</i>	Dependente da existência de uma 2ª edição do programa											
Testemunho Embaixadora por um dia												
Atualização do <i>site</i> da FPN												
PR <i>Online</i>												
Vídeo da modalidade												
Banco <i>online</i> de treinadores												
Banco <i>online</i> de clubes												

Tabela 32 - Calendarização do Projeto

Legenda:

Prioridade 1 

Prioridade 2 

Período de interrupção de atividades 

Conclusão

A Comunicação no Desporto, em especial a vertente ligada à Comunicação Pública, também conhecida por Comunicação de massa, tem vindo a ganhar um espaço cada vez maior no sector do Desporto, que também ele tem evoluído e encarado um crescimento exponencial nas últimas décadas. Exemplo disso, são os grandes eventos desportivos, a sua cobertura mediática e a movimentação de marcas desportivas, de saúde e outros sectores, que encaixam na sua estratégia ligações ao universo desportivo. É por esta razão podemos referir-nos a um universo desportivo inter-relacional e transaccional com outros sectores de atividade que beneficia e influencia o contexto económico e social global.

As organizações cada vez mais devem especializar-se de forma a dar resposta às suas necessidades mas também às da comunidade envolvente. Tratam-se dos *Stakeholders*, aqueles dos quais as organizações dependem para sobreviver e, principalmente, o sector Desportivo tem um papel imprescindível no que toca à dimensão social.

Hoje em dia, a atividade desportiva despertou consciências para a sua prática, como benéfica e essencial para todas as vertentes da vida pessoal e social. Mas, ainda assim há muito a fazer, é preciso mudar comportamentos e atrair mais pessoas até á sua prática, concedendo-lhes a informação necessária para que possam aceder ao Desporto, em qualquer idade, género e situação económica.

Acontece que, em modalidades amadoras como a Natação Sincronizada, pouco reconhecidas, a Comunicação para o Desporto tem um papel de destaque ainda mais relevante e, é neste sentido, e de forma a dar resposta ao problema que se coloca, que surge este projeto.

Esta estratégia propõe dar um maior reconhecimento à Natação Sincronizada em Portugal, divulgando-a e ajudando a que mais pessoas se envolvam com ela, quer ao nível de praticante, de recreação ou competição, quer a níveis mais técnicos de formação ou ajuizamento. Porque de facto são estas as principais necessidades da modalidade atualmente.

Neste sentido, esta campanha foi planeada com base no processo de RP em 4 etapas proposto por Cutlip, Center & Broom (1999), que é um dos grandes contributos para o universo das Relações Públicas, e preparado para a FPN colocar em prática, tendo sempre em mente que é necessário unir esforços com todos os intervenientes do processo, sejam eles clubes desportivos, associações ou faculdades.

Assim, pretende-se acima de tudo uma maior envolvência destas instituições com a modalidade, pois também é através delas que se conseguirá dar mais destaque à NS e incorporar novos atletas, treinadores e juízes.

Este projeto pretende ser um contributo para a o Desporto em geral e para a modalidade e instituição que a representa em particular, tendo por base dois eixos fundamentais, “dar a conhecer” e “criar envolvimento”. E este parece ser o momento ideal para colocar em prática uma estratégia do género, uma vez que a NS foi recentemente mediatizada.

Por último, há que salientar as limitações do projeto que se prendem essencialmente com quatro pontos fundamentais. Por um lado, dada a enorme complexidade da modalidade e toda a sua envolvência torna-se difícil aceder e tocar em todos os pontos relacionados, optando-se por isso fazer uma abordagem tendo em conta as necessidades prioritárias e a resposta que se pretende dar, tomando-se uma opção estratégica que se prende essencialmente com a necessidade de dinamizar a prática da modalidade, aumentando o seu conhecimento/reconhecimento.

No mesmo sentido, esta situação é agravada pela escassez de bibliografia e dados referentes ao panorama nacional da modalidade, questão que se conseguiu contornar de alguma forma com as entrevistas realizadas, de carácter exploratório, com algum apoio da FPN e também pela minha própria experiência empírica. Por último, há que destacar que na semana de entrega deste trabalho a FPN adotou em parte duas das acções propostas neste projeto, são elas a atualização do *site*¹⁵⁶ e um Banco Online de Clubes. Este facto, não compromete de forma alguma a consecução da estratégia, e especificamente destas duas acções, uma vez que, apenas uma parte destas táticas foi adotada e neste caso, as restantes diretrizes podem ser utilizadas como um melhoramento das acções entretanto colocadas em prática pela FPN.

¹⁵⁶ Consultar Tabela 26 – Atualização do *Site* da FPN (p.127) e Tabela 30 – Banco *Online* de Clubes (p.131).

Por último, ainda em termos de limitações, há que salientar que esta proposta foi elaborada para ser colocada em prática num espaço temporal de 3 anos (1 mais 2) e neste prazo o mais pertinente e prioritário é dar a conhecer a modalidade a nível nacional. Desta forma, depois de concretizado este projeto, apenas ao fim destes três anos é possível realizar um trabalho sério junto das entidades oficiais de modo a angariar patrocínios e financiamentos junto de parceiros, empresas, etc. Somente depois de divulgar a modalidade e de a tornar um “produto” reconhecido e atrativo, é possível justificar junto dos parceiros os benefícios de uma colaboração *win-win*. Desta forma, para futuras investigações sugiro então um projeto de angariação de patrocínios que venha a complementar o que até agora já foi feito neste sentido de forma a dar continuidade ao processo e contribuir para o progresso da modalidade e para a possibilidade de desenvolvimento de novas acções, uma vez que, o intuito deste projeto é apenas envolver a comunidade com a modalidade, através da mudança de atitude e comportamento perante a Natação Sincronizada.

Assim, acredito que esta estratégia, a ser implementada, conseguirá dar resposta às questões colocadas e trazer uma evolução crescente à Natação Sincronizada e também conceder-lhe o reconhecimento que lhe é merecido, assim como contribuir para um maior envolvimento da comunidade.

Bibliografia

Ataíde, A. (1970). *O Estado e o Desporto*. CDI Fundo do Fomento do Desport, Lisboa

Beckenkamp, J. [s.d.] *Dicionário de Filosofia Moral e Política*. Disponível em <http://www.ifl.pt> [Consultado em 1 de Setembro de 2013]

Belo, P. J. (1993). Saltos para a água. *Horizonte*, vol. 10, nr. 58, nov-dez. 1993, pág. 127-132

Bertrand, Y., Guillemet, P. (1994). *Organizações: uma abordagem sistémica*. Instituto Piaget, Lisboa

Billings, A., Butterworth, M., Turman, P. (2012). *Communication and Sport: Surveying the Field*. Sage Publications

Bouet, M. (1975). Economia e desporto. *Cultura e Desporto*, nr.26. Ministério da Educação e Cultura.

Boyd, J., Stahnley, M. (2008). *Communitas/Corporatas Tensions in Organizational Rhetoric: Finding a Balance in Sports Public Relations*. *Journal of Public Relations Research*, pg.251 a 270

Brohm, J. M. (2006) *La Tyrannie Sportive: Theorie Critique D'Un Opium Du Peuple*. Beauchesne, Paris.

Camargo, V. (2001). Comunicação Esportiva: Fluxos Convergentes entre as Ciências da Comunicação e o Esporte. *Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, nr.17. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5936> [Consultado em 30 de Agosto de 2013]

Cagigal, J. M. (org.) (1975) *El Gran Libro de los Deportes*. Editorial Alce, Madrid.

Campos, A. (1976). *O Desporto – Fenómeno Típico da Sociedade Moderna*. Edições Loyola, São Paulo.

Cancio, K., Cento, S., Sereno, R. (2009). Metodología para la enseñanza de las posiciones básicas del nado sincronizado. Su aplicación en atletas camagüeyanas. *EFDeportes.com - Revista Digital*, ano 14, nr. 134, Julho de 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd134/ensenanza-de-las-posiciones-basicas-del-nado-sincronizado> [Consultado a 12 de Setembro de 2013]

Carvalho, C. (1990). *Introdução à didáctica da natação*. Compendium, Lisboa.

Casilo, G. (1975). Saltos ornamentais. D.E.F.E.R., Brasília.

Chabert, J. M. (1999). In Barbosa, M. (org.). Grande Enciclopédia do Desporto, vol. I e IV

Claeys, U. [s.d.] A evolução do conceito de desporto e o fenómeno da participação/não-participação. *Desporto e Sociedade*, nr. 3.

Colli, E. (2004). Universo Olímpico: uma enciclopédias das Olimpíadas. Códex, São Paulo

Constantino, J. (1995) *Os cem anos do movimento olímpico*. Câmara Municipal de Oeiras.

Coubertin, P. (1972). Pédagogie Sportive. *Psycho-Pedagogie du Sport*, XI, Vrin

Cutlip, S., Center, A. Broom, G. (1999). *Effective Public Relations*. Prentice-Hall, New Jersey. 8ª edição

DaCosta, L. (2005) *Atlas do Esporte no Brasil*. Shape, Rio de Janeiro

Duarte, J. (2009). Public Relations in Sporting and Leisure Events as Promoters of social change: A view from Portugal. *Tripodos*, nr. 24, Barcelona, 2009

Eiró-Gomes, M. (2006). *Relações Públicas ou a Comunicação como ação*. Lição para o concurso de Professora Coordenadora, apresentado em Lisboa a 28 de Junho de 2006.

Elias, N. (1992). *A busca da excitação*. Difel, Lisboa

Esteves, J. (1967). *O Desporto e as estruturas sociais*. Prelo, Lisboa.

Ferreira, J., Neves, J., Caetano, A. (2001) *Manual de Psicossociologia das Organizações*. McGraw-Hill, Lisboa

Filipe, M. J. (coord.) (2012). + *Acção, Melhor Natação, 2004-2012*. Metrocopia, Cruz Quebrada.

Fiske, J. (2001) *Introdução ao estudo da Comunicação*. Edições Asa, Porto. 6ª edição

Frias, J. & Ruiz, G. (2008). La sesión de natación. *Revista Digital*, ano 13, nr. 127. Disponível em <http://www.efdeportes.com/> [Consultado em 27 de Agosto de 2013]

Gabrielsen, M. A. (org.) (1968) *Aquatics Handbook*. (2ª edição) Prentice-Hall

Gillet, B. (1961). *História Breve do Desporto*. Verbo, Lisboa

Gillon, E., Moreau, C., Moreau, J. (org.) (1975) *La Grande Encyclopedie*. Lib. Larousse, Paris.

Gonzalez, J. (2011) El nacimiento de la natación sincronizada. *EFDeportes.com - Revista Digital*, ano 15, nr. 153, Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd153/el-nacimiento-de-la-natacion-sincronizada.htm> [Consultado a 5 de Setembro de 2013]

Gonzalez, M. V. (1990) *Una Pedagogía de la Cultura – La Animación Sociocultural*. Librería Certeza, Zaragoza

Gray, J. (1980). *Teaching synchronised swimming*. The Amateur Swimming. London

Grunig, J. (1992). *Excellence in Public Relations and Communication Management*. Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey.

Grunig, L., Grunig, J., Dozier, D. (2009). *Excellent Public Relations and Effective Organizations: A Study of Communication Management in Three Countries*. Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey

Hasse, Manuela (2001). As Mulheres e o Desporto. *Desporto*, ano IV, nr. 4, pág. 4-5

Hatch, M.J. (1997) *Organization theory: modern symbolic and postmodern perspectives*. Oxford University Press

Hébert, G. (1925). *Le sport contre l'éducation physique*. Librairie Vuibert, Paris

Hedges, S. (1974) *Swimming is for everyone*. Eyre Methuen, Londres.

Hercowitz, S., Lamartine, A. M. (org.) (2006). Nado Sincronizado. *Atlas do Esporte no Brasil*. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/43.pdf> [Consultado em 11 de Setembro de 2013]

História da Natação [s.d.] Direc o Geral da Educa o. Disponível em <http://www.desportoescolar.min-edu.pt/modalidade.aspx?id=115> [Consultado em 15 de Agosto de 2013]

Hopwood, M. (2005). Applying the public relations function to the business of sport. *International Journal of Sports Marketing & Sponsorship*, pg. 174 a 188

Hopwood, M., Skinner, J., Kitchin, P. (2010). *Sport Public Relations and Communication*. Butterworth-Heinemann, Oxford

Iguaran, J. (1972) *Historia de la natacion antigua y de la moderna de los juegos olimpicos*. Tolosa

In cio, R. (1984). *Nata o*. Tipografia Cortegr fica, Alhandra.

Kitchen, P. (1997) *Public Relations: Principles and Practice*. International Thomson Business Press, Londres

Krug, D. (1985) *Aprendendo a nadar*. Refil, Rio de Janeiro.

L'Etang, J. (2006) Public relations in health, sport and tourism. in L'Etang, Jacquie and Pieczka, Magda (eds) *Public Relations: Critical Debates and Contemporary Practice*. Lawrence Erlbaum Associates, New Jersey

Lesly, P. (1997). *Lesly's handbook of public relations and communications*. Contemporary Books, Chicago. 5ªedição.

Lewin, Gerard (coord.) (1978). *Natação*. Estampa, Lisboa.

Lloret, M. (1998). *Waterpolo*. Gymnos Editorial, Madrid.

Lloyd, H., Lloyd, P. (1995). *Relações Públicas: As técnicas de comunicação no desenvolvimento da empresa*. Ed. Presença, Lisboa

Lopes, J. (1989). Estudo histórico da introdução, desenvolvimento e desaparecimento do pólo aquático em Portugal no período compreendido entre 1907-1952. *Desporto e Sociedade*, nr. 116

Lord, C. (2008) *Aquatics: 100 Years of Excellence in FINA Sports – 1908-2008*. http://www.fina.org/H2O/index.php?option=com_content&view=article&id=899&Itemid=563 [Consultado em 11 de Setembro de 2013]

Lough, N. (2011). *Commodification and Commercialization*. Disponível em: <http://allworldsport.org/94-commodification-and-commercialization.html> [Consultado em 19 de Agosto de 2013]

Luhmann (1999). *A improbabilidade da comunicação*. Ed. Vega, Lisboa. 2ªedição

Lundholm, J. (1976). *Introduction to synchronized swimming*. Burgess, Minneapolis

Machado, A. [s.d.] Alguns aspectos da crise do desporto em Portugal. *Cultura e Desporto*, nr. 26. DGD, Lisboa.

Marín, A. (2004) Actividade aquáticas como conteúdo da área de educação física. *Revista Digital*, ano 10, nr. 73. Disponível em <http://www.efdeportes.com/> [Consultado em 27 de Agosto de 2013]

Marivoet, M. S. (1998). Aspectos sociológicos do Desporto. *Cultura Física*, nr.33, 1998

Marivoet, M. S. (2001). *Hábitos desportivos da população portuguesa*. Centro de Estudos e Formação Desportiva, Lisboa.

Marivoet, S. (2001). O género e o desporto. *Ex aequo*, nr. 4, pag. 115-132

Martins, M., Oliveira, C., Silva, A. J., Moreira, A., Garrido, N., Leite, L., Carneiro, A., Souza, M. (2006). Natação Sincronizada: Descrição Técnica, Modelo de Ensino e Regulamento desportivo. *Série didáctica – Ciências sociais e humanas*, nr. 65. UTAD, Vila Real

Mateev, D. & Gravier, G. (1975). O movimento olímpico e o seu alcance social. *Cultura e Desporto*, nr. 24, pág.5-16

Matos, Z. (2006). A utilidade da abordagem ética do desporto. *Revista Brasileira de Educação Física Especial*, vol.20, suplemento 5, pg.149-151, São Paulo. Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/40_Anais_p149.pdf [Consultado a 12 de Agosto de 2013]

McGowan, J. (1992). *Shyncronized Swimming: A review of past, a look at the present and a view of the future*. Olympia, Greece.

Moreira, M., Freitas, D. (2009). *A criatividade como alavanca para uma melhor gestão desportiva*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 9, nr. 2, supl. 1, Novembro de 2009. Disponível em http://www.fade.up.pt/rpcd/ arquivo/RPCD_Vol.9_Nr.2%28Supl.1%29.pdf

Naisbitt (1988) *Macrotendências : dez novas orientações que transformam as nossas vidas*. Ed. Presença, Lisboa

Neto, C. [s.d.] *Mudanças sociais, Desporto e Desenvolvimento humano*. Disponível em: <http://www.fmh.utl.pt/Cmotricidade/dm/textosc/mudancassociais.pdf> [Consultado em 5 de Setembro de 2013]

Oliveira, C. [s.d.] *Aprender a Sincronizar*. Disponível em: http://www.ismai.pt/NR/rdonlyres/FE7CDAC2-E174-49CD-BC08/0/Oliveira_C.pdf [Consultado em 17 de Agosto de 2013]

Oliveira, C. (2012). *É um sonho a evolução da natação sincronizada em Portugal? Revista da Associação de Natação do Norte de Portugal*, nº10

Parlebas, P. (1981). *Contribution a un lexique commenté en science*. INSEP, Paris.

Parlebas, P. (1986). *Éléments de sociologie du sport*. PUF, Paris.

Patroni, H. (1983) *Contributo para a história da natação em Portugal*. APTN, [s.l.]

Pedersen, P., Miloch, K., Laucella, P. (2007) *Strategic Sport Communication*. Human Kinetics. 2ªedição

Pinasa, V. (org.) (2008) *Deporte y Comunicación. Introducción al libro de actas. IX Congreso AEISAD 2006: Comunicación y Deporte*

Pires, G. (2007) *Agôn*. Porto Editora, Porto.

Pires, G., Correia, A. [s.d.] *Marketing e Desporto* [s.l.]

Pires G. & Lopes, S. (2001). *Conceito de Gestão do Desporto – Novos desafios, novas soluções*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 1, nr. 1, pág. 88-103, 2001

Reclus, E. (1905). *L'homme et la terre*. Librairie Universelle, Paris

Romão, J. C. (2005). *Políticas Educativas e Culturais no Desporto*. Intervenção no Congresso Distrital de Faro, a 16 de Setembro de 2005, disponível em: http://www.congressododesporto.gov.pt/ficheiros/lagos_caldeiraromao.pdf [Consultado em 28 de Agosto de 2013]

Royer, J. [s.d.]. Significação Humana do Desporto. *Cultura e Desporto*, nr. 10, Direcção Geral do Desporto, Lisboa

Ruihley, B., Hardin, R. (2013). Meeting the Informational Needs of the Fantasy Sport User. *Journal of Sports Media*, vol. 8, nr. 2, Fall 2013, pg. 53-80. Disponível em: http://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/journal_of_sports_media/v008/8.2.ruihley.html [Consultado em 8 de Setembro de 2013]

Santos, J. A. (2004) Mulher na sociedade, mulher no desporto. *Horizonte*, vol. 19, nr. 111, Jan-Fev 2005, pg. 3-8

Santos, J. A. R. (2012) *Mulher no Desporto. O erro de Coubertin*. Disponível em <http://barometro.com.pt/archives/747> [Consultado em 19 de Setembro de 2013]

Saraiva, E. (1973). *O meio aquático*. Direcção-Geral da Educação Física e Desportos. Lisboa

Sardinha, L. B. & Dias, L. (2011) *Estatísticas do Desporto de 1996 a 2009*. Disponível em <http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/PROCAFD%20RT/> [Consultado a 27 de Agosto de 2013]

Sarmento, P. (2001). *A experiência motora no meio aquático*. Omniserviços, Algés.

Schermann, A. (1958). *Evolução dos desportos através dos tempos*. (2ª edição) Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro

Serrano, R. (2007) Las actividades acuáticas en la historia. *Revista Digital*, ano 12, nr. 111. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd111/las-actividades-acuaticas-en-la-historia.htm> [Consultado em 3 de Setembro de 2013]

Sharp, L. (2002). Are Public Relations Campaigns Commercial Speech? *Sport Marketing Quarterly*, vol.1, nr.3, pg. 190-192

Silva, J. (2006). *Tecnologia Educativa, Teoria Geral dos Sistemas e Teoria da Comunicação: Uma simbiose perfeita*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-jose-manuel-teoria-educativa-teoria-geral-dos-sistemas.pdf> [Consultado em 12 de Setembro de 2013]

Simões, M. & Almeida, M. M. & Elias, M. A. (1980) *A mulher e o desporto*. DGD, Lisboa

Simões, M. (2005). Desporto e Comunicação. In *Congresso do Desporto*, Évora, 17 de Dezembro de 2010. http://www.congressododesporto.gov.pt/ficheiros/Dia62_Ora146.pdf [Consultado em 12 de Setembro de 2013]

Steyn, B., Puth, G. (2003). *Corporate Communication Strategy*. Heinemann

Stoldt, G., Dittmore, S., Branvold, E. (2012). *Sport Public Relations: Managing Stakeholder Communication*. Human Kinetics

Vannier, M., Poindexter, M. (1968). *Individual and team sports for girls and women*. W. B. Saunders, Philadelphia.

Ventosa, B., Frazão, F., Martins, T., Rocha, J.(2002). *História e evolução da Nataçãõ sincronizada a nível mundial, europeu e nacional*. Curso de oficiais de Nataçãõ Sincronizada. [s.l.]

Veríssimo, T., Silva, A., Martins, M. (2010). Proposta metodológica de Nataçãõ Sincronizada. *Acqua – Revista Portuguesa de Nataçãõ*, nr.3 | Dezembro de 2010. Disponível em <http://www.aptn.pt/showpage.asp?id=125> [Consultado em 1 de Setembro de 2013]

Vickers, B. J. (1965). *Teaching Synchronized Swimming*. Editora Prentice-hall. Nova Jersey.

Vieira, S., Freitas, A. (2006). O que é Natação Sincronizada e Saltos Ornamentais. Casa da Palavra, Rio de Janeiro.

Von Bertalanffy (1950). An Outline of General System Theory. Disponível em: http://www.isnature.org/Events/2009/Summer/r/Bertalanffy1950GST_Outline_SELECT.pdf [Consultado em 12 de Setembro de 2013]

White, J., Mazur, L. (1995). *Strategic Communications Management: Making Public Relations Work*. Addison-Wesley Pub.

Outras Referências

Publicações Periódicas

Abc News (2012). “*Out Of Synch: Male Synchronized Swimming Team Barred From London Olympics*”, 30 de Julho. Página consultada a 29 de Julho de 2013. <<http://abcnews.go.com/Sports/olympics/synch-male-synchronized-swimming-team-barred-london-olympics/story?id=16887027>>

Associação de Natação de Lisboa (s.d.). “*Águas Abertas*”. Página consultada a 28 de Agosto de 2013. http://www.anlisboa.pt/index.php?page_id=2841

Expresso (2013). ‘A crise pode ter «efeito tsunami» no desporto português’. Expresso, 7 de Maio de 2013. Página consulta a 12 de Junho de 2013. < <http://expresso.sapo.pt/a-crise-pode-ter-efeito-tsunami-no-desporto-portugues-presidente-do-cop=f805167>>

Ferreira, Victor (2009). ‘*Não se aceitam cromossomas Y na natação sincronizada*’. Público, 5 de Maio de 2009. Página consultada a 20 de Junho de 2013. < <http://www.publico.pt/noticia/nao-se-aceitam-cromossomas-y-na-natacao-sincronizada-1378719>>

Impala (2013). ‘*Eles querem saltos a sério!*’, 21 de Junho. Página consultada a 15 de Julho de 2013. <<http://www.impala.pt/detail.aspx?id=84301&idCat=2063>>

Lusa (2013). “*Portugal quer três lugares no top-20 nos Mundiais de águas abertas*”, 17 de Junho. Página consultada a 1 de Agosto de 2013. <<http://www.rtp.pt/noticias/?article=277042&layout=122&visual=61&tm=46&>>

Lusa (2013). “*Prova de saltos para a água arranca esta sexta-feira nos Açores*”, 26 de Junho. Página consultada a 12 de Julho de 2013. <http://sol.sapo.pt/inicio/Desporto/Interior.aspx?content_id=78626>

Record (2001). “*Federação suspende saltos para a água*”, 24 de Janeiro. Página consultada a 8 de Maio de 2013. http://www.record.xl.pt/Arquivo/interior.aspx?content_id=66368

Record (2009). “*Natação sincronizada: Homem reclama igualdade dos sexos*”, 5 de Maio. Página consultada a 20 de Maio de 2013. <http://www.record.xl.pt/arquivo/interior.aspx?content_id=395816>

RTP (2009). “*Praticantes de saltos para a água querem recuperar a modalidade*”, 7 de Setembro. Página consultada a 8 de Setembro de 2013. <<http://www.rtp.pt/noticias/?article=277042&layout=122&visual=61&tm=46&>>

Sapo (2012). “*António José Silva é o primeiro candidato à Federação*”, 12 de Setembro. Página consultada a 1 de Julho de 2013. <http://desporto.sapo.pt/mais_modalidades/artigo/2012/09/12/ant_nio_jos_silva_o_primeiro_.html>

Schaefer, K. (s.d.) “*Pool Boy*”. Details. Página consultada a 25 de Agosto de 2013. <<http://www.details.com/culture-trends/critical-eye/200806/synchronized-swimmer-kenyon-smith?currentPage=4>>

Publicações Não Periódicas

ANL (2011), Projecto de Desenvolvimento Regional de Natação Sincronizada. Disponível em http://www.anlisboa.pt/index.php?pid=site_doc_view&document_id=15114 [Consultado a 17 de Agosto de 2013]

ANM (2009), Escola de Natação Sincronizada - Apresentação do Projecto 2009-2010. Disponível em <http://www.anm.pt/pt-PT/Natação-Sincronizada/Regulamentos.aspx> [Consultado a 30 de Agosto de 2013]

Carta Europeia do Desporto (1992). Disponível em <http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc120.pdf> [Consultado em 23 de Setembro de 2013]

Carta Internacional da Educação Física e Desportos da UNESCO (1978). Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002164/216489por.pdf> [Consultado em 29 de Agosto de 2013]

Constituição da República Portuguesa (2012) Editora Almedina

Declaração de Brighton sobre Mulheres e Desporto (1994). Disponível em: http://www.mulheresdesporto.org.pt/web/images/stories/pdf/quem_somos/pdf4_declaracao_de_brighton_sobre_mulheres_e_desporto.pdf [Consultado em 18 de Agosto de 2013]

Discriminação no Desporto (2008). Amnistia Internacional. Disponível em http://www.amnistia-internacional.pt/dmdocuments/Discriminacao_no_desporto.pdf [Consultado a 1 de Setembro de 2013]

Estatutos da Federação Portuguesa de Natação (2009). Disponível em <http://www.fpnatacao.pt/sites/default/files/document/estatutos/estatutos.pdf> [Consultado a 14 de Agosto de 2013]

FINA (2013), FINA Constitution 2013-2017. Disponível em http://www.fina.org/H2O/docs/rules/constitution_20132017_formatted.pdf [Consultado a 1 de Setembro de 2013]

FINA (2013), FINA Masters Rules 2013-2017. Disponível em http://www.fina.org/H2O/docs/rules/FINAmrules_20132017 [Consultado a 1 de Setembro de 2013]

FPN (2009), Regras Técnicas 2009-2013 Natação Sincronizada. Disponível em <http://rui.evora.net/aminata/Sincronizada/Regrastecnicas.aspx> [Consultado a 30 de Junho de 2013]

FPN (2012), Regulamento de competições Nacionais 2012/2013 Natação Sincronizada. Disponível em <http://rui.evora.net/aminata/LinkClick.aspx?fileticket=TqTYDv1qJoI%3d&tabid=82&mid=434> [Consultado a 30 de Junho de 2013]

IACS: International Association for Communication and Sport (2013) Disponível em <http://www.communicationandsport.com/> [Consultado a 1 de Setembro de 2013]

IOC: International Olympic Committee (2013) “Synchronized Swimming Games Results”. Disponível em <http://www.olympic.org/synchronized-swimming> [Consultado a 14 de Junho]

Lei n.º 2 104 de 30 de Maio de 1960 – Revogada. Disponível em http://www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc_h41_01.pdf [Consultado a 30 de Agosto de 2013]

LEN (2012), LEN Constitutional Rules. Disponível em <http://www.len.eu/rules/01%20CONSTITUTIONAL%20RULES.aspx> [Consultado a 1 de Setembro de 2013]

Livro Branco da Comissão Europeia sobre o Desporto (2007). Disponível em http://ec.europa.eu/sport/documents/wp_on_sport_pt.pdf [Consultado a 20 de Agosto de 2013]

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Guião da Entrevista

- O que é a Natação Sincronizada? Pensa que toda a gente conhece/reconhece a modalidade?
- Quais os pontos fracos da modalidade neste momento?
- Quais os pontos fortes que devem ser destacados?
- Quais os principais desafios que a modalidade atravessa atualmente?
- Que pontos podem ameaçar o desenvolvimento e crescimento da modalidade em Portugal?
- Parece não ter existido grande expansão da modalidade em Portugal. Algumas razões em especial?
- Existem atualmente pontos que devem ser agarrados e aproveitados (oportunidades) para desenvolver a modalidade?
- Considera que em termos de modalidade se avançou ou se regrediu?
- Quais os objetivos que idealiza para a modalidade a curto e longo prazo?
- Como pensa o Futuro da modalidade em Portugal?

APÊNDICE 2 - Entrevista a Sílvia Rita, treinadora de Natação Sincronizada (2/Outubro/2013)

O que é a Natação Sincronizada? Pensa que toda a gente conhece/reconhece a modalidade?

SR: Em primeiro lugar, a Natação Sincronizada é um Desporto ainda muito desconhecido entre as pessoas, embora talvez agora através do programa *Splash*, tenha ficado um bocadinho mais conhecido. Mas ainda há muita gente que não faz a mínima ideia o que é. Em relação há modalidade em si, é um Desporto mais feminino que masculino, embora no estrangeiro também seja praticado por rapazes, mas não em termos Olímpicos. Não foi nestes últimos Jogos, foi nos anteriores, a equipa dos EUA apresentava um homem, mas o Comité Olímpico Internacional não deixou que ele entrasse na competição pois era o único homem em prova e portanto a equipa ia ficar em vantagem em relação aos outros países. Penso que a razão tenha sido essa, a menos que entrassem mais homens em prova, ele poderia ter essa possibilidade. De resto, aqui no nosso país já existem vários grupos a nível de escola, e de competição também já há mais do que há uns 5 anos atrás. Neste momento deve haver cerca de 16 clubes a competir. É uma modalidade em que podemos juntar a Natação, a dança, o ballet. Tem portanto uma grande vertente artística, para além de que tem a vertente da natação pura ao nível do treino. De facto, as atletas acabam por nadar quase tanto como um nadador de competição e têm depois a parte específica ao nível de flexibilidade, que é praticamente igual à de uma atleta de ginástica rítmica. E tem também a parte do ballet que ao nível de postura também é igual ao de uma atleta desta modalidade. Por último tem a parte ao nível coreográfico que faz da Natação Sincronizada de facto um Desporto completamente diferente e fantástico.

Quais os pontos fracos da modalidade neste momento?

SR: Para além da falta de conhecimento da modalidade, a falta de dinheiro, que acho que é geral, a falta de investimento ao nível da federação na própria modalidade e talvez também a mentalidade dos portugueses. Existe um desconhecimento dos atletas porque não há piscinas com a capacidade para a natação de competição, isto é, é exigida uma

certa profundidade para a praticada modalidade, pelo menos a nível competitivo, e a maior parte das piscinas não tem essa profundidade e portanto este já é um aspeto limitativo. Só as piscinas que têm pelo menos 1.80 m são as que conseguem ter uma modalidade de competição como deve de ser, não quer dizer que não se pratique em piscinas mais baixas mas depois também os resultados nas provas são visíveis.

Quais os pontos fortes que devem ser destacados?

SR: Ser uma modalidade não só competitiva mas de exibição, ao nível do espetáculo. Acho que os portugueses em geral e as empresas de publicidade, por exemplo, poderiam investir mais nesta modalidade porque, para além de oferecerem às pessoas um espetáculo completamente diferente, também iriam abrir portas para que a modalidade crescesse mais rapidamente.

Quais os principais desafios que a modalidade atravessa atualmente?

SR: Eu acho que os desafios principais são mais ao nível da federação e do investimento que a modalidade precisa para poder evoluir. Se a federação fizesse mais cursos para árbitros e para treinadores a modalidade poderia eventualmente evoluir. Temos falta de técnicos que possam agarrar na modalidade, não há treinadores, são os ex. atletas que estão com essas equipas e não são pessoas formadas, não têm um curso de Natação Sincronizada. Portanto, quem está interessado em agarrar na modalidade ou já tirou um curso de natação, ou já foi atleta e depois vai evoluindo, porque formação em si não há. Portanto, talvez se não só a federação, mas a própria faculdade de Desporto, abrisse uma área dedicada à Sincronizada, provavelmente seria a garantia para que a modalidade evoluísse mais rapidamente.

Que pontos podem ameaçar o desenvolvimento e crescimento da modalidade em Portugal?

SR: Se não houver formação de técnicos, se as piscinas não permitirem que a modalidade evolua, não vejo grande futuro para a modalidade em Portugal.

Parece não ter existido grande expansão da modalidade em Portugal. Algumas razões em especial?

SR: Há três anos atrás a Sincronizada deu um grande salto porque a federação abriu portas para que novas atletas pudessem entrar, mais velhas, isto é, não obrigam a que as atletas tenham os anos todos de prática desde infantis ou juvenis. Nós aqui em Portugal temos uma espécie de filtragem que é um programa de níveis, as atletas têm de fazer este programa para poderem competir. Há uns anos atrás tinham de começar no nível 1, agora não, se já são juniores, por exemplo, fazem só o nível correspondente à sua categoria. A partir daí abriu-se um pouco as portas para que a modalidade crescesse. Houve muitas atletas mais crescidas a entrar, houve também uma descida de nível mas ao mesmo tempo as atletas que já ca andavam há uns anos atrás continuaram a ter um nível superior. De há dois anos para cá houve outra vez uma estagnação, na altura houve 18 clubes a competir, o ano passado passámos para 16, este ano não sei como estamos. Portanto houve um *boom* mas que não se conseguiu continuar, talvez pela própria falta de treinadores e coordenadores e as próprias piscinas também têm de estar abertas à Sincronizada, têm de optar por ter esta modalidade, têm de perceber que a modalidade vai render. Portanto, enquanto essa modalidade não mudar...Soluções, fazerem por exemplo um trabalho de férias desportivas com sincronizada, oferecerem aos colégios que frequentam as piscinas a Natação Sincronizada. Não é necessário ser a nível competitivo, as nadadoras poderão praticar a sincronizada como um *hip hop*, ou uma aula de *body pump*, é sempre uma mais-valia a nível físico e psicológico.

Existem atualmente pontos que devem ser agarrados e aproveitados (oportunidades) para desenvolver a modalidade?

SR: Tendo a Natação Sincronizada uma grande vertente artística, o espetáculo que oferece ao público é de grande carisma emocional, os movimentos sincronizados com música, realizados dentro de água, tornam-na espetacular para a assistência, e é devido a este fato que vai cativando novos adeptos e praticantes. Para além disso, é urgente mostrar que a Sincro pode e vai ser rentável, criando cursos de formação para treinadores, formar juízes competentes e alargar a visão dos dirigentes dos clubes nacionais.

Considera que em termos de modalidade se avançou ou se regrediu?

SR: Regredir nunca, já temos muitas escolas a funcionar por todo o país. Houve uma altura que eu, com as minhas atletas, percorremos quase Portugal inteiro em inaugurações de piscinas e, nessas inaugurações, apresentávamos um, dois ou três esquemas de Sincronizada que abriam muito as portas à Natação Sincronizada, isto a nível de escola. Porque depois não há técnico que agarre ou que tenha capacidades técnicas para evoluir com a modalidade. Mas escolas temos muita coisa já em Portugal, quer dizer muitas a comparar com o que havia há alguns anos atrás. Temos à volta de umas 400 atletas ou mais ao nível de escolinha, mas de competição há menos, infelizmente. Mas sim ainda é muito pouco. Espanha começou praticamente ao mesmo tempo que nós e está aqui mesmo ao lado e elas em poucos anos subiram para segunda potência mundial. Portanto, houve um investimento muito grande, houve pessoas que lutaram muito para que a modalidade pudesse progredir mas também tiveram ajudas, porque só um não chega, uma gota no oceano não chega.

Quais os objetivos que idealiza para a modalidade a curto e longo prazo?

SR: Gostava de ver a modalidade nos Jogos Olímpicos e temos atletas para isso, basta haver um investimento da federação e acho que conseguimos marcar alguma posição lá fora. O pouco que temos, já é muito bom, e deveria ser aproveitado. Porque na realidade, ninguém começa lá por cima, toda a gente começa por baixo, mas o importante é começar e ir e ver como funciona a modalidade lá fora, portanto ter uma experiência e trazê-la cá para dentro para conseguirmos evoluir um pouco mais. E talvez se as atletas mais jovens começarem também a participar em provas internacionais e começarem a ver alguns resultados, também haja um maior interesse ao nível da federação. Mas se continuarmos sem investir, acho que a modalidade ou fica por aqui pois há sempre quem goste, ou então, um dia vai acabar outra vez no esquecimento.

Como pensa o Futuro da modalidade em Portugal?

SR: Tudo é uma incógnita, depende da aposta que se fizer na modalidade, se continuar como tem estado, vai morrer aos poucos. Só os persistentes e amantes da modalidade irão continuar.

APÊNDICE 3 - Entrevista a Sílvia Pinto, ex atleta de Natação Sincronizada (7/Outubro/2013)

O que é a Natação Sincronizada? Pensa que toda a gente conhece/reconhece a modalidade?

SP: A Natação Sincronizada de uma forma simples e teórica é uma disciplina da natação que compreende um conjunto de movimentos que devem ser acompanhados de música de forma a criar uma coreografia, um esquema, que pode ser em solo, dueto, equipa ou esquema combinado.

Para mim e para todos que tratem a Natação Sincronizada por tu, para todos que vivem esta disciplina, ela é muito mais, é arte, é teatro, é paixão, é dedicação, é surpresa, é técnica, é sentimento, é garra, é força, é espírito de sacrifício, é união, é beleza, é junção de várias modalidades... por esta razão uma atleta desta disciplina é tão completa, deve ser uma boa nadadora, ter muita flexibilidade, ter muita apneia, saber trabalhar em equipa, ser expressiva, ser coordenada, ser inteligente e aprender rápido.

Nem toda a gente conhece/reconhece a Natação Sincronizada, contudo, acho que cada vez mais, se reconhece a modalidade, programas como o “*Splash*” tem ajudado, embora não passe a verdadeira realidade, aliás, está muita longe da realidade, mas é publicidade gratuita, ajuda-nos a mostrar às pessoas um bocadinho que seja mas ao mesmo tempo passa uma ideia de facilidade, não faz jus a toda a técnica que envolve.

Quais os pontos fracos da modalidade neste momento?

SP: Muitos, tantos, que poderíamos falar horas e horas sobre eles. Somos pequeninos, continuamos a ser, continuamos à espera de uma federação que faça algo pela Natação Sincronizada. Os responsáveis pela disciplina não têm conhecimento, a vários níveis, entendo que queiram aprender, mas não chega. Cada um defende os seus interesses e os interesses que podem beneficiar quem eles acham que merece, quando todos deviam lutar pelos interesses da sincro, independentemente de quem seja o campeão nacional ou quem acham que deve ser porque não pode ser sempre o mesmo.

O vogal da arbitragem não sabe o que é Natação Sincronizada, os nossos juízos, a maioria deles não sabem aspetos técnicos básicos, culpa deles que não procuram saber, culpa da falta de formação, culpa da Federação que nomeia um vogal para a Natação Sincronizada que coloca os seus interesses à frente do desenvolvimento da disciplina, quando resolve ir a uma prova internacional, no lugar de juízes que há anos trabalham para a Natação Sincronizada. Vão a provas internacionais e trazem de lá ideias para aplicar em provas nacionais que não interessam a ninguém, não temos as bases e é por aí que se deve começar, não se respeitam regulamentos para beneficiar clubes, isto é grave, mas é normal, é a nossa triste realidade.

Há juízes que estão fortemente ligados a clubes, que os beneficiam, conhecem as atletas, avaliam parcialmente, baseando-se na sua opinião pessoal, não sabem separar as coisas. São em número reduzido e não são avaliados porque apesar de erros gravíssimos continuam a ser chamados para pontuar.

Quais os pontos fortes que devem ser destacados?

SP: Com muita pena minha atualmente são poucos, o número de clubes aumentou, o de atletas também, isso levou a que o nível se elevasse. Sobretudo, o surgimento de talentos que continuam a sonhar, que não se cansam de sonhar com uma realidade diferente.

Quais os principais desafios que a modalidade atravessa atualmente?

SP: O facto de o número de atletas ter aumentado leva a que os campeonatos com uma duração de 3 dias para as quatro categorias competirem seja muito cansativo para todos os intervenientes. São necessários reajustamentos, mas sabemos que o atual estado do país não permite o aumento das competições por ano, é difícil para os clubes, para os juízes e para a federação.

Que pontos podem ameaçar o desenvolvimento e crescimento da modalidade em Portugal?

SP: A falta de investimento, o que nesta fase sabemos que ameaça muita coisa. A falta de competência dos responsáveis pela disciplina. A falta de motivação, temos sempre pessoas que se reinventam pela e para a Natação Sincronizada, mas vemos coisas acontecer que realmente nos fazem pensar em desistir.

Parece não ter existido grande expansão da modalidade em Portugal. Algumas razões em especial?

SP: Não existem bases, enquanto não criarmos bases não vamos a lado nenhum, são criadas seleções em cima do joelho, não há formação e principalmente não há cultura desportiva, somos pequenos e vamos continuar a ser pequenos porque pensamos pequeno.

Existem atualmente pontos que devem ser agarrados e aproveitados (oportunidades) para desenvolver a modalidade?

SP: As oportunidades devem ser criadas, as pessoas responsáveis poderiam fazer tanta coisa sem ser necessário investir. Têm um leque de pessoas com experiência em competições internacionais e nunca souberam aproveitar.

Considera que em termos de modalidade se avançou ou se regrediu?

SP: Estagnou, há muitos anos.

Quais os objetivos que idealiza para a modalidade a curto e longo prazo?

SP: A longo prazo, a formação de uma equipa técnica que trabalhe apenas e só para a seleção nacional e a curto prazo o aumento do número de provas, formação e reciclagens para juizes.

Como pensa o Futuro da modalidade em Portugal?

SP: Esta pergunta poderia ser como sonho o futuro para a modalidade, porque ainda sonho, há anos que sonho e há anos que vejo as mesmas coisas, pessoas diferentes, mas a fazerem o mesmo, nada. Há anos que vejo sonhos nos olhos das minhas colegas mais novas e há anos que vejo esses sonhos se perderem. Gostava que existisse alguém que chegasse e alterasse radicalmente a forma como tudo está programado e organizado, não precisamos de copiar de outros países, precisamos que olhem para a nossa realidade, que vejam aquilo que realmente é preciso mudar para continuarmos a sonhar...

APÊNDICE 4 - Entrevista a Marta Martins, Diretora Técnica da Nataação Sincronizada (8/Outubro/2013)

O que é a Nataação Sincronizada? Pensa que toda a gente conhece/reconhece a modalidade?

MM: Já é mais reconhecida, felizmente, graças aos novos programas de televisão feitos. No entanto, se falarmos em ballet aquático é mais facilmente reconhecida. É uma disciplina algo complexa e bem definida por diversos autores e autoras na área e congrega a dança, a ginástica rítmica, a nataação e traduz-se num espetáculo interessante.

Quais os pontos fracos da modalidade neste momento?

MM: Há um denominador comum que são os constrangimentos financeiros, por outro lado, a nível do panorama competitivo, e dado que é uma disciplina que requer grande esforço e muita hora de treino, há vários fatores que fazem com que a disciplina não possa ter mais praticantes, infelizmente. A modalidade tem que ter não só trabalho em seco, como trabalho na água orientado para a nataação e depois o trabalho específico de Sincronizada e isto envolve uma grande carga horária e quanto mais tarde estão as atletas na sua vida escolar e académica mais difícil é conciliarem os estudos com os treinos. Isto é comum nas outras disciplinas, na nataação pura e nos outros desportos, neste julgo que a situação se agrava mais dada a exigência e a repetição que é preciso ter na disciplina e que não é fácil muitas vezes as atletas decorarem. Também existe o facto de ser uma disciplina muito complexa e a nível competitivo muito exigente e que não está ao nível de qualquer atleta que não treine muitas horas, por outro lado, a nível competitivo temos uma escassez que estamos a tentar combater neste momento, de treinadoras com formação específica na área. Ou seja, treinadoras de formação inicial para iniciarem um projeto destes nos clubes, felizmente vão existindo, mas depois necessitam de uma formação acompanhada e algum desenvolvimento dessa mesma formação para conseguirem nos seus clubes terem melhores resultados e o trabalho ser cada vez mais visível. Infelizmente há ainda neste momento, estamos a tentar dar a volta ao assunto, uma lacuna na formação de treinadoras de Nataação Sincronizada e não só na vertente competitiva. Até mesmo na vertente recreativa também posso dizer que não há, portanto há clubes que querem iniciar o projeto e que não têm treinadoras de Nataação Sincronizada disponíveis para o fazer. Estes são assim dos principais constrangimentos

que eu julgo que haja na modalidade, para além de ser uma modalidade que exija uma piscina a um determinado nível competitivo, a piscina tem que ter algumas condições especiais, tem que ter profundidade, um sistema de som mas isso são pequenas conquistas que depois o clube tem que ir apostando, agora para iniciar e desenvolver um projeto, os treinadores são essenciais e os atletas também. E de facto, quando não há treinadoras para assumirem esse projeto depois também há escassez nos clubes, mas felizmente até começam a aparecer mais ex. atletas ou pessoas que gostam mesmo da área e vão apostando e vão ficando. E depois, também começa a haver esta vertente recreativa, felizmente, mas poderia ser muito mais do que acontece hoje em dia.

Quais os pontos fortes que devem ser destacados?

MM: O espetáculo da disciplina, todos os valores inerentes à prática do Desporto, como a partilha, o saber estar em grupo, o sentido de pertença, a um grupo, a uma equipa, a um trabalho em conjunto e sincronizado e os valores associados à prática do Desporto em geral, tem de ter atletas organizadas e focadas no que se pretende, é um exercício que se impõe às atletas e aos clubes. E também não podemos ver as coisas de um ponto de vista tão negativo, o facto de serem poucas as praticantes também torna isto como uma pequena família, a este nível pode considerar-se também positivo.

Quais os principais desafios que a modalidade atravessa atualmente?

MM: É uma direção recente e uma direção que ambiciona fazer mais projetos, com menos financiamento, por isso temos aqui um desafio muito ingrato mas a verdade é que alguns deles já foram implementados e estão a ser encaminhados. Passa por haver uma reestruturação do funcionamento da própria disciplina e sem dúvida os patrocinadores, cada vez mais são fulcrais no desenvolvimento da modalidade. Este ano já conseguimos um patrocinador que nos tem ajudado imenso, esperamos conseguir mais. E outro desafio passa pela formação de treinadores, temos nas nossas linhas de ação um projeto na área da formação de treinadoras, que passa por ir ao encontro do referencial que está neste momento estabelecido pelo plano nacional de formação de treinadores do IPD, com base nisso têm de ser feitos cursos de nível I e cursos específicos de nível II e ações de formação de reciclagem de treinadores e temos de

aproveitar a parceria que temos com a RFEN, temos também um protocolo com a confederação brasileira dos desportos aquáticos, que também vai ser certamente um potencial nosso para explorarmos e trazermos cá alguém que possa dar essa formação.

Que pontos podem ameaçar o desenvolvimento e crescimento da modalidade em Portugal?

MM: Os financiamentos, a formação de treinadores, que tem de ser um processo continuado, senão não há como dar resposta e evoluir, pode haver uma estagnação. Por outro lado, a incompatibilidade do treino que já acontece. As escolas têm de estar alerta para que as atletas possam estar integradas numa turma que lhes permita treinar, o que infelizmente em alguns locais não é possível.

Considera que em termos de modalidade se avançou ou se regrediu?

MM: De há dois, três anos para cá ou mais até, a modalidade tem estado num processo um pouco estagnado. Mas só posso considerar que avançou, houve progressos. A nível técnico as atletas estão bem melhores e também porque as regras técnicas da FINA vão mudando e as atletas tiveram de acompanhar e estão bem melhores tecnicamente, são muito mais exigentes, houve novos modelos introduzidos, como as acrobacias, que há uns anos atrás não existiam. A nível técnico houve realmente uma grande melhoria, a nível do número de praticantes, lá está, de há uns anos até aqui é capaz de ter estagnado a nível competitivo, porque se formos para uma vertente recreativa podemos ter outro panorama, do qual a federação não tem os dados certos, porque só temos acesso ao número de atletas filiadas, cerca de 300 atletas. Os clubes que participam em campeonatos são cerca de 16, escolas não temos registos mas de um levantamento que tive, aproximadamente entre os 20 e os 30. Isto dependente de Projetos de desenvolvimento desportivo como o projeto estrelas-do-mar que tem a vertente competitiva, é para quem ambiciona mas também para quem ainda não participa em competições e existem clubes que vão começando a participar e começando a aparecer.

Quais os objetivos que idealiza para a modalidade a curto e longo prazo?

MM: O ideal era irmos aos Jogos Olímpicos do Rio 2016 que não está de todo descartada ainda essa hipótese, não sei ainda em que âmbito mas é um objetivo algo ambicioso, dado que a qualificação para os Jogos Olímpicos, se não forem alteradas a regras, é algo apertada e temo não termos ainda equipa ao nível. A par dos Jogos Olímpicos pretendemos e neste caso é única e exclusivamente um questão financeira a nossa participação nos mundiais de 2015 e nos europeus de juniores e os constrangimentos financeiros são o nosso único impedimento. Já este ano foi feita uma seleção juvenil, a seleção nacional, a escolha foi feita por mim com base em critérios definidos à priori e que elegi os 10/12 melhores atletas juvenis que foram representar Portugal à Taça COMEN. Esta seleção juvenil vai-se mantendo, pelo menos mais esta época desportiva, já temos previsto um treino de seleção e essa vai continuar a trabalhar com estágios, com coreografias e a nossa intenção é participar na taça COMEN com solo, dueto, equipa e combinado, pela primeira vez. Temos também em desenvolvimento um treino para a pré seleção júnior, vamos fazer uma seleção júnior que vamos tentar que seja aquela, a par da juvenil, que cresça até ao final do nosso mandato, o final do ciclo olímpico, em 2016. Não sei se vai terminar ou não com a participação nos jogos mas nos mundiais sei que teríamos todas as hipóteses para o fazer. Vamos tentar, temos travado algumas lutas para a obtenção de patrocínios e só assim é que certamente conseguiremos ir, caso contrário não conseguiremos ambicionar estes projetos.

Como pensa o Futuro da modalidade em Portugal?

MM: Gostava de ver as atletas reconhecidas e a modalidade ser um *ex libris* do nosso país e termos atletas posicionadas entre as 10/12 melhores equipas é um prestígio para o nosso país. Temos um exemplo mesmo aqui ao lado, a Espanha, as atletas espanholas onde vão são um sucesso, são recebidas pelo rei e têm o reconhecimento que merecem na modalidade.

ANEXOS

ANEXO 1 - Objetivos FINA Constitution 2013 - 2017

C 5 OBJECTIVES

The objectives of FINA are

- a) to promote and encourage the development of Aquatics in all possible regards throughout the world,
- b) to provide fair and drug free sport,
- c) to promote and encourage the development of international relations,
- d) to encourage participation in Aquatics disciplines at all levels throughout the world regardless of age, gender or race,
- e) to adopt necessary uniform rules and regulations and to hold competitions in Swimming, Open Water Swimming, Diving, Water Polo, Synchronised Swimming, and Masters,
- f) to promote and organise World Championships and other FINA competitions,
- g) to encourage the increase of facilities for Aquatics' disciplines throughout the world with the support of other interested parties, and
- h) to carry out such other activities as may be desirable to promote the sport.

ANEXO 2 - Objetivos LEN - Constitutional Rules 2012

C 4. OBJECTIVES

4.1 The objectives of LEN are:

4.1.1 to promote and encourage the development of Aquatics in Europe;

4.1.2 to encourage participation in Aquatics at all levels throughout Europe, regardless of age, gender or race;

4.1.3 to promote and provide fair and drug-free sport;

4.1.4 to organise, promote and control LEN Events, namely continental, regional and international competitions in Aquatics in its area of jurisdiction;

4.1.5 to establish and enforce necessary Rules and Regulations;

4.1.6 where appropriate, to encourage the formation of regional or sub-continental organisations to promote the sport of Aquatics;

4.1.7 to recognise European Records;

4.1.8 to establish annual European Event Calendars;

4.1.9 to promote and encourage the development of international sporting relationships and to foster cooperation with FINA, including:

4.1.9.1 to work closely with FINA to achieve the objectives stated in the FINA Constitution;

4.1.9.2 to engage in consultative meetings to resolve matters relating to the interests of LEN, Continental Organisations and FINA; and

4.1.9.3 to coordinate with FINA for the promotion of Aquatics by arranging for development programmes, courses, clinics and conferences.

4.2 LEN shall not allow any political action inside or in the immediate vicinity of the venue(s) nor any discrimination against National Federations or individuals on racial, religious, sexual, gender or political grounds.

4.3 The activities of LEN shall be governed by the present Constitutional Rules, the Rules and Regulations of LEN and the decisions taken by the Congress and the Bureau.

4.4 LEN may issue Regulations in any area related to its objectives. These Regulations are binding for its members, as well as for the organisations involved or affiliated to its members.

4.5 All LEN Events belong exclusively to LEN. LEN alone shall have the right to organise European Championships and LEN Events for Aquatics. The words "Europe", "European" or "LEN" shall not be used in connection with any Swimming, Diving, Water Polo, Synchronised Swimming, Open Water Swimming, or Masters Event without the consent of LEN.

Ligue Européenne de Natation

26 May 2012

P.2

ANEXO 3 - Atribuições FPN - 2009

(Atribuições)

1 – Constituem atribuições da F.P.N. a definição de valores e objetivos da natação nacional, em todas as suas variantes, bem como o seu fomento e desenvolvimento.

2 – A F.P.N. superintende a prática da natação para amadores, de acordo com a definição do conceito estabelecida pela Federação Internacional de Natação (F.I.N.A.).

3 – A F.P.N. prossegue, nomeadamente, os seguintes fins:

- a) Promover, regulamentar e dirigir, a nível nacional, o ensino e a prática de natação nas suas diversas disciplinas, designadamente, na Natação Pura, Pólo Aquático, Saltos, Natação Sincronizada, Águas Abertas, Masters e suas variantes, bem como todas as práticas desportivas efetuadas em piscinas;
- b) Difundir e fazer respeitar as regras da natação, estabelecidas pelos órgãos e entidades competentes;
- c) Representar os interesses da natação portuguesa e dos seus filiados perante entidades públicas e privadas;
- d) Representar a natação portuguesa, em todas as suas disciplinas, junto das organizações desportivas internacionais em que se encontre filiada, assegurando a participação competitiva das seleções nacionais
- e) Estimular a constituição e apoiar o funcionamento das associações distritais, regionais e de classe;
- f) Fomentar a criação de clubes;
- g) Prestar apoio técnico, humano e financeiro aos seus associados;
- h) Estabelecer relações com as demais federações desportivas nacionais, estrangeiras e internacionais, incluindo o Comité Olímpico de Portugal (C.O.P.) e Confederação do Desporto de Portugal (C.D.P.);
- i) Organizar os campeonatos nacionais e outras provas consideradas convenientes à expansão e desenvolvimento da natação, bem como atribuir os respetivos títulos;
- j) Organizar as seleções nacionais, tendo em conta o interesse público da sua existência e os legítimos interesses da federação, dos clubes e dos praticantes.

- k) Organizar e patrocinar a realização de provas internacionais, prestando assistência às associações distritais e regionais, aos clubes e aos praticantes que nelas participem;
- l) Defender os princípios fundamentais da ética desportiva, em particular, nos domínios da lealdade na competição, verdade do resultado desportivo, prevenção e sancionamento da violência associada ao Desporto, e da luta antidopagem e corrupção no fenómeno desportivo.
- m) Promover, estimular, apoiar e acompanhar a construção e remodelação de piscinas, podendo assumir a sua gestão e exploração, nas condições e segundo modelos definidos por lei ou por regulamentos específicos.
- n) Fomentar e coordenar a formação de agentes desportivos envolvidos na atividade em cooperação com as associações territoriais e de classe;

ANEXO 4 - Folheto do Projeto Estrelas-do-mar¹⁵⁷

estrelas DO Mar
natação sincronizada

Programa de Desenvolvimento Desportivo

os desafios da Nataçao Sincronizada nas escolas de nataçao

INFORMAÇÕES
Telefone 21 415 81 90
Fax 21 419 17 39
filipa.frazao@fpnatacao.pt
isabel.ribeiro@fpnatacao.pt

www.fpnatacao.pt

Logos: FPN, Arena, Instituto de Recreio e Turismo, FPN

O que é o estrelas DO Mar ?

→ Programa de Desenvolvimento Desportivo no âmbito da Nataçao Sincronizada

O Programa é composto por três estrelas do Mar, a que correspondem diferentes competências.

nível introdutório
nível elementar
nível avançado

Cada * apresenta um conjunto de propostas técnicas, apresentadas sob a forma de desafios. Estes encontram-se divididos em 4 domínios:

1 Nataçao 3 Destrezas
2 Figuras 4 Sequências e/ou Esquemas

Quais os objectivos do estrelas DO Mar ?

→ Promover a participação de Crianças e Jovens em actividades aquáticas diversificadas;
→ Divulgar a Nataçao Sincronizada;
→ Aumentar o número de praticantes de Nataçao Sincronizada.

A quem se destina o estrelas DO Mar ?

→ Técnicos de nataçao e professores de Educaçao Física;
→ Crianças e Jovens integrados em escolas de nataçao e no desporto escolar.

Como participar no estrelas DO Mar ?

→ Os clubes, Associações, Municípios e Escolas podem inscrever-se na FPN através de fax ou mail.

Como implementar estrelas DO Mar ?

→ Nas aulas de nataçao (Escolas de Nataçao ou núcleos de Desporto Escolar) introduzir gradual, progressiva e informalmente o programa;
→ Criar Escola de Estrelas do Mar num clube com vista à captaçao de novos praticantes e a detecção de jovens valores.

Actividades estrelas DO Mar ?

Formaçao de Professores e Técnicos;
Acções de formaçao para apresentaçao do Programa e material didáctico.

Distribuiçao de material didáctico;
→ Manual em formato digital(CD/DVD);
→ Fichas de Registo, (folhas de presença; plano de aula; relatórios, fichas de registo de desafio *)
→ Diplomas de *;
→ Imagens com propostas de exercícos tipo;
→ Acompanhamentos musicais com duraçao variável.

Encontros Nacionais e Regionais - Festivais de Estrelas;
Promovidos pela FPN em parceria com várias entidades, com o objectivo de promover, incentivar e avaliar o programa.

Centros de Formaçao - Campos de Estrelas.
Realizam-se nas férias escolares com uma duraçao variável de 3 a 5 dias, actividades relacionadas com a Nataçao Sincronizada.

Participa e ...
serás uma Estrela

Logos: FPN, Arena, Instituto de Recreio e Turismo, FPN

¹⁵⁷ Este folheto foi desenvolvido por uma anterior direcção da FPN.